

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

FERNANDO CHERTMAN

VULNERABILIDADE DE CONSUMO POR ANALFABETOS

SÃO PAULO

2011

CHERTMAN, Fernando.

Vulnerabilidade de consumo por analfabetos / Fernando Chertman. - 2011.
217 f.

Orientador: Francisco José Espósito Aranha Filho

Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

1. Consumo (Economia). 2. Consumidores -- Educação. 3. Analfabetos. I. Aranha, Francisco. II. Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. III. Título.

CDU 330.567.2

FERNANDO CHERTMAN

VULNERABILIDADE DE CONSUMO POR ANALFABETOS

Dissertação apresentada à Escola de
Administração de Empresas de São Paulo
da Fundação Getulio Vargas, como
requisito para obtenção do título de Mestre
em Administração de Empresas

Campo de conhecimento:

Administração de Empresas

Data de aprovação:

____ / ____ / _____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Francisco Aranha (orientador)
FGV-EAESP

Prof. Dr. Luiz Carlos Murakami
UFC - Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Mateus Canniatti Ponchio
FGV-EAESP

*“Sem um fim social o saber
é a maior das futilidades”*

Anônimo

*“Read no history – nothing but biography,
for that is life without theory”*

Benjamin Disraeli

Agradecimentos

Essa dissertação foi fruto de um trabalho de dois anos e envolveu inúmeras pessoas que prestaram auxílio de natureza técnica ou mesmo de puro incentivo. Contribuições sem as quais não seria possível atingir sua conclusão. Dessa forma, eu gostaria de agradecer:

Ao meu orientador, prof. Chico Aranha, por ter incentivado quando foi preciso e “cobrado” quando necessário. Enfim, por ter me orientado, oferecendo diretrizes ao trabalho, direcionando nos momentos de dificuldade a busca pelas melhores alternativas no desenvolvimento do projeto.

Aos meus pais, Moacyr e Beti e aos meus irmãos, Marcio e Carla, por tornarem nossa casa um ambiente constantemente permeado de críticas, conversas e incentivos à busca do conhecimento.

A minha namorada Thaís pelo incentivo e apoio durante essa difícil etapa.

Aos professores e alunos do curso de alfabetização da Paróquia Santa Rosa de Lima, em São Paulo. A convivência que tivemos ao longo de quase um ano foi de enorme riqueza, impossível de ser transmitida em papel. Desejo enorme sucesso ao projeto.

Por fim, aos bons amigos que fiz durante esses dois anos, que compartilharam comigo as dificuldades e angústias do desenvolvimento de um trabalho desse porte.

Resumo

Nas últimas décadas os avanços econômicos têm permitido um aumento da riqueza, com um grande número de pessoas abandonando a condição de pobreza no mundo. O Brasil acompanhou esse processo com sucesso nos campos econômico e social. Essa melhora gerou mudança na pirâmide econômica do país, com incremento da classe média e ampliação do acesso a bens e serviços. Com o avanço do desenvolvimento econômico, o grau de instrução formal dos brasileiros também aumentou.

Mesmo com esse avanço, o analfabeto funcional, aquele que sabe ler, mas não consegue participar de todas as atividades em que a alfabetização é necessária para seu funcionamento efetivo, ainda representa uma situação com presença significativa nas estatísticas sociais

A capacidade de obtenção e de manipulação de informações é fundamental para que um indivíduo esteja integrado à sociedade em que vive. A falta de domínio completo da leitura e da escrita gera, na sociedade atual, grandes dificuldades para o cotidiano. Tais dificuldades muitas vezes se transformam em exclusão, quando o indivíduo é colocado à margem de seu grupo pela dependência que tem de outras pessoas.

Esse trabalho buscou identificar como a vulnerabilidade de indivíduos analfabetos ou semi-analfabetos se manifesta em seus hábitos de consumo, suas práticas cotidianas e estratégias de consumo frente à supostas dificuldades.

Foram realizadas entrevistas em profundidade com alunos de um curso de alfabetização de adultos para mapear suas práticas de consumo e identificar a ocorrência ou não de vulnerabilidades descritas na teoria, sendo possível identificar como resultado três cenários: as situações de vulnerabilidade descritas na teoria foram identificadas na prática, ou seja, nas entrevistas realizadas; as situações de vulnerabilidade descritas na teoria não foram identificadas nas práticas cotidianas e de consumo dos entrevistados; algumas situações apresentadas pela teoria como causadoras de fragilidades nas entrevistas surgiram como positivas e reforçando o caráter dos entrevistados.

A amplitude dos resultados permitiu mapear algumas limitações e, conseqüentemente, sugestões para futuros trabalhos, como analisar analfabetos em um contexto não urbano, aprofundar o recorte para tentar mapear variáveis específicas,

como idade e mesmo outros aspectos de vulnerabilidade não identificadas necessariamente ao consumo, como a empregabilidade, por exemplo.

Palavras-Chave: consumo, vulnerabilidade, analfabetismo.

Sumário de Figuras

Figura 1 - Modelo de Vulnerabilidade.....	19
Figura 2 - Pictogramas e respectivos níveis de entendimento.....	20
Figura 3 - Modelo conceitual para definição de vulnerabilidade de consumo.....	25
Figura 4 - Cenários de vulnerabilidade a partir do modelo proposto.....	27
Figura 5 - Anúncio sobre campanha de vacinação.....	36
Figura 6 - Carta de uma leitora.....	37
Figura 7 - Trabalhos sobre vulnerabilidade x identificação nas entrevistas	37
Figura 8 - Trabalhos sobre vulnerab. de consumo x identificação nas entrevistas.....	41

Sumário de Quadros

Quadro 1 - Síntese dos trabalhos sobre vulnerabilidade.....	23
Quadro 2 - Síntese dos trabalhos sobre vulnerabilidade de consumo.....	29
Quadro 3 - Confronto de resultados INAF x IBGE.....	38
Quadro 4 - Análise do entrevistado A. a partir dos tópicos do roteiro definidos.....	61
Quadro 5 - Análise do entrevistado G. a partir dos tópicos do roteiro definidos.....	64
Quadro 6 - Análise do entrevistado V. a partir dos tópicos do roteiro definidos.....	67
Quadro 7 - Análise do entrevistado I. a partir dos tópicos do roteiro definidos.....	69
Quadro 8 - Trabalhos sobre vulnerabilidade x identificação nas entrevistas.....	100
Quadro 9 - Trabalhos sobre vuln. de consumo x identificação nas entrevistas.....	102

Sumário

1. Introdução.....	12
1.1 Contextualização.....	12
1.2 Objetivo	14
1.3 Justificativa	14
1.4 Organização	15
2. Referencial Teórico	16
2.1 Vulnerabilidade.....	16
2.1.1 Vulnerabilidade de Consumo	23
2.2 Analfabetismo e letramento	29
2.2.1 Analfabetismo	29
2.2.2 Letramento	30
2.2.3 Diferenças e semelhanças.....	30
2.2.4 Perspectiva histórica.....	31
2.2.5 Níveis de analfabetismo e letramento	35
2.3 Consumo	38
3. Metodologia.....	40
3.1 Elaboração do roteiro.....	41
3.2 Coleta de dados	42
3.3 Seleção dos entrevistados	44
4. Apresentação dos entrevistados.....	46
4.1 V.....	46
4.2 I.	49
4.3 A.....	52
4.4 G.....	56
5. Análise das Entrevistas.....	60

5.1 Identificação.....	71
5.2 Organização familiar e domiciliar	73
5.3 Posse de Bens.....	76
5.4 Padrão de deslocamento.....	79
5.5 Hábitos de compra	82
5.6 Outros hábitos e preferências.....	86
5.7 Situações profissionais.....	90
6. Conclusões, limitações e sugestões para estudos futuros	94
6.1 Cenário 1.....	95
6.2 Cenário 2.....	97
6.3 Cenário 3.....	97
6.4 Análise complementar	98
6.5 Limitações.....	104
6.6 Sugestões de estudos futuros	106
7. Bibliografia.....	107
8. Anexos.....	112
8.1 Roteiro para entrevista em profundidade.....	112
8.2 Entrevista 1	114
8.3 Entrevista 2	127
8.4 Entrevista 3	140
8.5 Entrevista 4	184

1. Introdução

A capacidade de obtenção e de manipulação de informações é fundamental para que um indivíduo esteja integrado à sociedade em que vive. A falta de domínio completo da leitura e da escrita gera, na sociedade atual, grandes dificuldades para o cotidiano. Tais dificuldades muitas vezes se transformam em exclusão, quando o indivíduo é colocado à margem de seu grupo pela dependência que tem de outras pessoas. A vulnerabilidade de uma pessoa ou grupo pode se manifestar de diversas formas, como, por exemplo, no caso de maior risco de exposição a doenças; dificuldade de mobilidade social e geográfica; ou práticas inadequadas de consumo.

Neste trabalho pretendemos identificar, a partir de situações e hábitos do cotidiano de pessoas analfabetas ou com pouco grau de instrução, se e como elas estão vulneráveis no processo de consumo.

1.1 Contextualização

Nas últimas décadas os avanços econômicos têm permitido um aumento da riqueza, com um grande número de pessoas abandonando a condição de pobreza no mundo. O Brasil acompanhou esse processo com sucesso nos campos econômico e social. Essa melhora gerou mudança na pirâmide econômica do país, com incremento da classe média e ampliação do acesso a bens e serviços. Apenas na última década, a classe mais pobre, denominada “classe E”, reduziu sua participação na população total de 28,7% para 19%, enquanto a classe média, denominada classe C, passou de 44% para 51,5% da população (NERI, 2008). Fatos como aumento da formalização do mercado de trabalho e desenvolvimento de mecanismos de micro-crédito são exemplos de incentivos à população ao acesso ao consumo.

Todas essas transformações e conseqüente incorporação de milhões de pessoas ao consumo geraram um esperado olhar diferenciado das empresas para o público ainda de baixa-renda, mas já com capacidade de consumir. O melhor entendimento de como esse consumidor com acesso a poucos bens e instrumentos formais de análise faz as suas escolhas e dos fatores que o influenciam em seu ato de consumo é desafio aos estudiosos de marketing e de temas relacionados à baixa renda. Com o avanço do conhecimento sobre o assunto, os estudos adicionaram cada vez mais variáveis para ampliar o entendimento do comportamento de consumo e suas especificidades. Fenômenos sociais de possível impacto ao indivíduo, como por exemplo,

vulnerabilidade, materialismo e propensão ao endividamento são exemplos de temas adicionais aos modelos comportamentais.

A vulnerabilidade do consumidor, que pode ser entendida como a limitação de sua capacidade de consumir, despontou como uma importante dimensão a ser considerada nos estudos acadêmicos. Sua consideração extrapola o caráter meramente econômico do consumo, sendo sistematizado como conseqüência de inúmeras causas, tal como se vê em ADKINS & OZZANE (2005), BAKER et al. (2005) e HILL (2002).

A vulnerabilidade de um indivíduo pode ser identificada em características observáveis, como no caso de deficientes visuais ou paraplégicos; ou em características ocultáveis (ex-presidiários, analfabetos). O analfabetismo - incapacidade de utilização da linguagem de uma forma geral (ato de leitura, interpretação, compreensão, crítica e produção de conhecimento) - é uma condição que pode tornar o indivíduo mais vulnerável. Em um mundo cada vez mais veloz na circulação de informações, o analfabetismo pode representar uma enorme dificuldade para a sobrevivência de um indivíduo.

Nos últimos séculos, com o avanço do desenvolvimento econômico, o grau de instrução formal da população mundial aumentou significativamente. Da mesma forma, o grau de instrução dos brasileiros também aumentou.

Pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (IBGE, 2008) – o Brasil ainda tem 14,2 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais – aproximadamente 10% da população. Desses 14,2 milhões de analfabetos, 95% (13,5 milhões) tem idade superior a 25 anos – faixa etária de maior necessidade de realização de escolhas e tomada de decisões nos hábitos cotidianos e de consumo. Apesar de seu alto valor absoluto, as estatísticas melhoraram substancialmente nas últimas décadas. As taxas de analfabetismo nas últimas quatro décadas foram, segundo o INEP (2000): 33,7% (1970), 25,9% (1980), 19,7% (1991) e 13,6% (2000). Mesmo com esse avanço, o analfabeto funcional, aquele que sabe ler, mas não consegue participar de todas as atividades em que a alfabetização é necessária para seu funcionamento efetivo, ainda representa uma situação com presença significativa nas estatísticas sociais, principalmente entre as populações mais carentes. As regiões Nordeste e Norte apresentam os maiores percentuais de analfabetos funcionais, com 31,6% e 24,2% da população, respectivamente.

O analfabetismo gera impactos de ordem social sobre o indivíduo, e pode influenciar todo o seu modo de vida. O entendimento da relação entre os temas de vulnerabilidade e analfabetismo mostra-se relevante para a formulação de políticas públicas de proteção ao indivíduo vulnerável e para o aprofundamento teórico interdisciplinar das áreas de sociologia, psicologia, administração e economia, por exemplo.

1.2 Objetivo

Definidos analfabetismo e iletramento como incapacidade total ou parcial de manipulação da leitura e escrita, o objetivo geral desta pesquisa é a análise de um conjunto de situações em que o analfabetismo ou o iletramento vulnerabiliza o indivíduo.

O objetivo específico deste trabalho é identificar como a vulnerabilidade de indivíduos com tais características se manifestam em seus hábitos de consumo.

A identificação de práticas que demonstram vulnerabilidade nos hábitos de consumo permitirá a realização de análises – subseqüentes a este trabalho - com enfoque quantitativo, buscando a determinação de padrões de comportamento ou a construção de critérios de mensuração e avaliação de intensidade da vulnerabilidade de consumo por analfabetos.

1.3 Justificativa

Para quem foi alfabetizado “normalmente” quando criança torna-se impossível colocar-se no lugar de quem não sabe escrever. Mesmo em situações culturais distintas – outras sociedades com alfabetos diferentes – a capacidade de codificação e decodificação dos símbolos não é a mesma de para quem não tem alfabetização nenhuma. No modelo de vida contemporânea a capacidade de interação de um indivíduo com a sociedade em que vive é fundamental para seu bem-estar. O não domínio da leitura e escrita o desloca instantaneamente para a margem dessa sociedade.

Estudar o impacto desse deslocamento em consumidores, focando as conseqüências em seus hábitos de compra é importante para gerar o conhecimento necessário e substancial ao suporte de políticas públicas e privadas que tenham orientação de melhorar a capacidade de consumo dos cidadãos.

1.4 Organização

A estrutura desse trabalho inicia-se com o aprofundamento teórico de vulnerabilidade de consumo e analfabetismo. A partir daí, apresenta-se o desenho de pesquisa e os métodos que serão aplicados na análise do material coletado. Apresenta-se, na sequência, a descrição dos entrevistados, a análise das entrevistas realizadas e as conclusões e limitações do estudo.

2. Referencial Teórico

Nesse capítulo serão apresentadas as teorias que servirão de suporte às análises desse trabalho. O tópico está dividido em três grandes tópicos: vulnerabilidade, vulnerabilidade de consumo e consumo.

2.1 Vulnerabilidade

Vulnerabilidade é o substantivo que dá qualidade ao adjetivo vulnerável, definido como “susceptibilidade de ser ferido, ofendido ou tocado”. A natureza ampla de sua definição permitiu seu emprego em mais de uma área de conhecimento, como as ciências naturais e sociais.

Na medicina, a vulnerabilidade pode ser entendida como a redução de autonomia de um organismo, uma situação ou possibilidade de risco para a saúde. Países de terceiro mundo, em que parcela de sua população vive sem acesso a mecanismos de saneamento básico são mais suscetíveis à propagação de algumas doenças. A não garantia de direitos básicos compõe um exemplo de vulnerabilidade. SANCHEZ (2007) descreve trabalhos com propostas de estrutura tripartite para constituir uma teoria sobre a vulnerabilidade, que consiste em *entitlement* (direito das pessoas), *empowerment* (sua participação política e institucional) e política econômica (organização estrutural-histórica da sociedade e suas decorrências). Conforme a autora,

“a vulnerabilidade às doenças e situações adversas da vida distribui-se de maneira diferente segundo os indivíduos, regiões e grupos sociais e relaciona-se com a pobreza, com as crises econômicas e com o nível educacional”. (SANCHEZ, 2007)

Ao multifatorializar a vulnerabilidade, acrescenta, ainda, que a vulnerabilidade depende do local e do clima, restringindo-se, portanto, à dimensão geográfica.

Os estudos epidemiológicos fornecem algumas definições importantes para a caracterização da vulnerabilidade. No exemplo abaixo, os termos “fatores de risco” e “marcadores de risco” referem-se à vulnerabilidade do indivíduo a certas doenças, seja por fatores endógenos ou exógenos a ele (ALMEIDA & ROUQUAYROL, 2006):

“O fator de exposição cujo efeito é prevenível é denominado fator de risco propriamente dito. Sejam exógenos ou endógenos, trata-se daqueles fatores que podem ser controlados, pelo menos teoricamente, por intervenção clínica. Sedentarismo, obesidade e fumo são alguns fatores de risco para doenças coronarianas. Quando se trata de atributos inevitáveis, já dados,

cujos efeitos sobre a saúde, portanto, se encontram além de qualquer ação preventiva, pode-se usar o nome de marcador de risco. Sexo e grupo étnico são marcadores de risco para doença coronariana”. (ALMEIDA & ROUQUAYROL, 2006)

A vulnerabilidade é também abordada nas relações existentes entre áreas já bem desenvolvidas da economia – como a pobreza monetária (baixos rendimentos) e os temas de risco e incerteza. Conforme MORDUCH (1994), embora o desenvolvimento desses temas já esteja avançado, as relações entre baixa renda e incapacidade de geração de riqueza são pouco exploradas.

Tal fato pode ser analisado sob enfoque prático ou teórico. No primeiro caso identifica-se a baixa presença de dados longitudinais relacionando pobreza e renda (MORDUCH, 1994). Já na questão teórica identifica-se viés na causalidade: o foco normalmente é como a limitação de garantias restringe a tomada de crédito pelos pobres em situações adversas. Pouca atenção é dada para a causalidade inversa: como o pouco crédito oferecido contribui para o aumento da pobreza.

Com a adição de variáveis de caráter estruturais, como baixo nível de instrução e estrutura familiar (mães solteiras, número de filhos), por exemplo, a análise da pobreza passa a ter um caráter de continuidade, que permite avaliações permanentes e mais abrangentes e superficiais. A capacidade de transitar pela pobreza ou não a classificará como crônica ou transitória. O risco ou potencial de decréscimo da renda - a vulnerabilidade de renda – definirá o acesso aos mecanismos de geração de riqueza.

Frente a essa vulnerabilidade, cada indivíduo detém condições específicas de reduzi-la, que podem ou não ser eficientes. Não só a vulnerabilidade é resultante da pobreza, mas também dificulta o processo de incremento de renda, restringindo o bem-estar.

KOCHAR (1995) analisou a vulnerabilidade de renda das famílias agrícolas aos choques nos eventos de colheita. Com base em três comunidades localizadas na Índia, a autora identifica mecanismos de redução da vulnerabilidade por meio da negociação da força de trabalho. Os agricultores, por meio da capacidade de antecipar uma possível queda na produção agrícola, negociam alternativas para suavizar a queda da renda, como horas-extras e trabalhos alternativos em outras atividades de comércio. Entretanto a autora identifica que a renda das famílias ainda é vulnerável às questões de doenças e choques demográficos, como a dissolução da unidade familiar. A segmentação do trabalho do campo pelo gênero torna mais difícil às mulheres a obtenção de trabalhos

diários, adicionando vulnerabilidade às mulheres solteiras. O modelo de trabalho diário também potencializa a vulnerabilidade de renda em relação às questões de saúde. A não possibilidade de trabalhar por questões de doença em cenários de pagamento diários ou “por tarefa” tem impacto significativo na renda. Considerando essas questões, como a invalidez física e inaptidão ao trabalho manual, ROSENZWEIG & WOLPIN (1993) identificam a espiral de empobrecimento dos agricultores. A partir da incapacidade de negociar sua própria mão de obra os agricultores utilizam seus ativos produtivos para reduzir carências decorrentes de períodos escassos de renda, comprometendo, porém cenários futuros (por exemplo, venda de vacas, restringindo a produção de leite futura). A importância que a mão de obra tem na vulnerabilidade de renda reduz o potencial de pobreza das famílias no curto prazo. Com isso as famílias mantêm alto número de filhos distantes da escola, como garantia de mão de obra.

CUTTER et al. (2003) analisam a vulnerabilidade social dos indivíduos a desastres ambientais. Definindo, nesse contexto, a vulnerabilidade como potencial para perda de seus bens frente a desastres ambientais, os autores avaliam as condições que tornam a pessoa vulnerável, as medidas de resistência e resiliência a desastres e elaboram um índice de vulnerabilidade social para o território americano.

A vulnerabilidade social é definida pelos autores como a combinação entre fatores internos e externos ao indivíduo. Por fatores internos entendem-se as variáveis que influenciam e moldam a suscetibilidade de um determinado grupo a um determinado evento e que direciona suas habilidades de respostas a esse evento. Já os fatores externos são exemplificados no nível de urbanização, taxas de crescimento e vitalidade da economia. A complexidade do conceito explica a dificuldade em sua quantificação e freqüente ausência dos levantamentos de perda posteriores a desastres, normalmente restritos à vulnerabilidade biofísica, relacionada a elementos concretos como impactos às moradias e à geografia do terreno. No modelo abaixo, sinaliza-se a abordagem pelo círculo destacado:

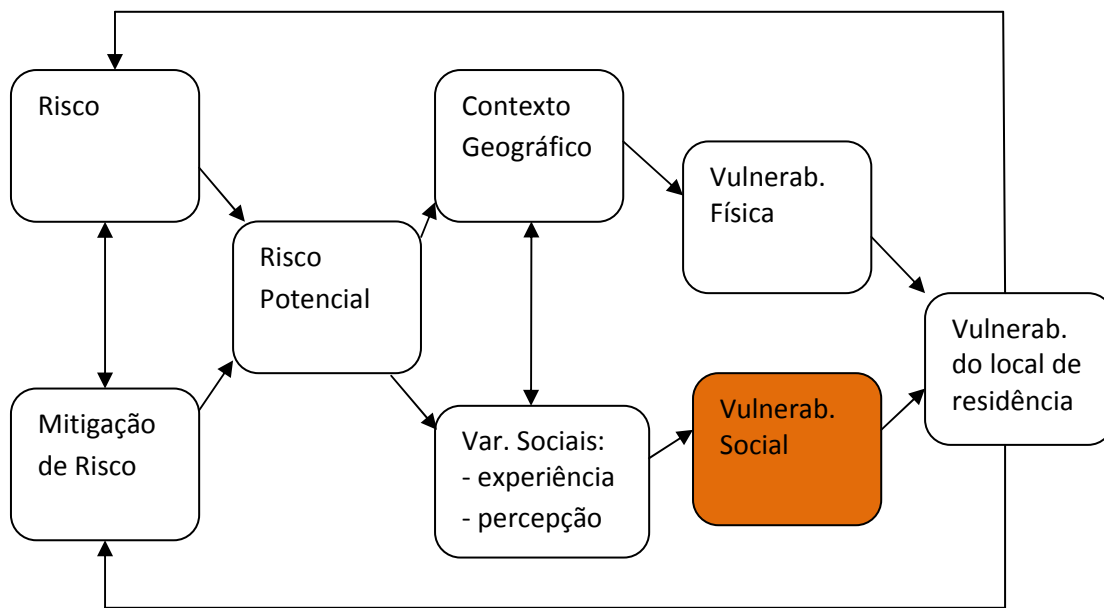


Figura 1: Modelo de Vulnerabilidade.
 Fonte: CUTTER et al. (2003).

A vulnerabilidade definida na abordagem proposta por CUTTER et al. (2003) surge como um conceito multidimensional.

Associando o baixo nível de instrução a condutas de riscos a saúde, WAICHMAN et al. (2006) investigaram a vulnerabilidade dos agricultores derivada do mau uso de pesticidas agrícolas. Analisando este uso em comunidades rurais pobres da Região Amazônica, os autores identificaram a incapacidade de interpretação das informações e símbolos contidos (por obrigatoriedade legal) nos rótulos dos produtos. A figura abaixo mostra alguns exemplos de pictogramas – desenho esquemático normalizado para indicar significados simples e específicos – e seu respectivo nível de entendimento (em uma amostra de 76 respondentes).






Pictogramas		Identificaram o pictograma corretamente:	
		Sim	Não
	Atividades propostas pelos pictogramas:		
	Cuidado no manuseio: produto líquido.	05	71
	Cuidado no manuseio: produto granulado ou em pó.	03	73
	Para aplicação: utilizar spray atomizador hidráulico	70	06
	Avisos por meio dos pictogramas:		
	Usar luvas protetoras.	44	32
	Lavar as mãos após o uso.	45	31

Figura 2: Pictogramas e respectivos níveis de entendimento.
 Fonte: WAICHMAN et al. (2006).

BRENKERT (1998) identificou quatro categorias de vulnerabilidade: físicas, motivacionais, sociais e cognitivas. Há situações em que apenas algumas dessas categorias estão presentes no grupo de análise, mas elas também podem coexistir no consumidor, dificultando a identificação dos motivos que o tornam vulneráveis. Seu caráter genérico e de grande amplitude servirá de base para as análises das entrevistas (ver Capítulo 5 – Análise das Entrevistas).

Em ciências sociais (como sociologia e antropologia), o termo vulnerabilidade pode ser entendido como restrição à liberdade ou redução da capacidade do bom convívio. Na geologia, uma população pode ser definida como vulnerável por morar em regiões com maior probabilidade de terremotos e eventos naturais, enquanto na economia clássica a vulnerabilidade é adotada como o não domínio de todas as informações em uma transação ou troca (assimetria de informações).

Assim, as múltiplas definições e empregos do conceito de vulnerabilidade compartilham semelhanças com os termos exclusão, restrição, redução da autonomia e capacidade, fragilidade e desigualdade.

Partindo da idéia de consumo eficiente como o conhecimento da busca de informações confiáveis, possibilidade de realização das melhores escolhas e da compra apropriada, a experiência adquirida em função da idade é limitada pelas mudanças técnicas dos produtos e das inovações. LYON et al. (2002) abordaram a vulnerabilidade de consumo com enfoque na idade do consumidor. Nas últimas décadas o incremento da tecnologia no cotidiano levou os autores a indagar de que forma os consumidores mais velhos estariam se adaptando a esses novos hábitos. BAYLISS & LYON (1988) avaliaram a problemática de idade e consumo sob quatro fatores: redução de renda limitante da aquisição de bens e serviços, restrições de mobilidade (capacidade reduzida de obter vantagens em diferenciais de preços), acréscimos de dificuldade na busca por informações e restrições na resolução de problemas com bens e serviços uma vez adquiridos.

A vulnerabilidade dos idosos se expressa na perda da influência sobre a família e na exclusão social que os idosos sofrem nas sociedades ocidentais (sociedades orientais têm maior tradição de respeito aos mais velhos). Questões físicas, como a natural perda de parte da visão e audição, embora não classificadas como doenças e geradoras de tratamentos diferenciados, são claros limitantes ao indivíduo no processo de compra.

Conseqüências da idade, como o maior número de moradores individuais em faixas mais idosas, potencializam a vulnerabilidade de compra pela dificuldade de comprar em escala (podendo negociar preços) e ausência de discussões inerente a uma família na tomada de decisão antecedente a compra. A baixa utilização pelo público mais velho de canais de comunicação como a internet também restringe o acesso a informações e discussões importantes sobre produtos.

HILL (2002) observa que o tema consumo abordou inúmeros objetos de análise, como promoções comerciais, processos de decisão mediante um grande número de alternativas, utilização dos produtos e serviços uma vez adquiridos e a perda de usufruto do produto uma vez que se esgotou sua vida útil. Essas perspectivas falham, entretanto, quando se tenta abordar consumidores na base da pirâmide socioeconômica. A presença de fatores restritivos – sejam econômicos, sociais ou culturais – implica mudanças nos processos pertinentes às decisões de consumo.

Estudos mais antigos sobre o comportamento de compra em grupos que enfrentam restrições interpretaram o consumo como uma compensação frente à inabilidade de avançar socialmente por outros meios (CAPLOVITZ, 1963). O

pertencimento a determinados grupos é dado ao freqüentar os mesmos ambientes ou possuir acessórios comuns, muitas vezes adquiridos com sacrifício e endividamento que, observados sob distância e com viés econômico e utilitário, aparentam irracionalidade. RICHARDS (1966) adiciona complexidade à análise, afirmando que não se trata de irracionalidade, mas sim da existência de uma lógica própria ao grupo que o consumidor pertence. O comportamento de compra seria similar ao grupo a que se pretende participar. A não adoção desse comportamento significaria o isolamento. ANDREASEN (1975) complementa que o endividamento de um indivíduo é resultado de cuidadoso planejamento das conseqüências de suas ações.

HILL & STEPHENS (1997) adicionam às análises do comportamento de compra a perspectiva de melhora na qualidade de vida. As conseqüências das restrições são combatidas por estratégias de valorização de seu bem-estar, colocando em questão se a procura do bem-estar social não estaria sendo camuflada pela aquisição de bens materiais.

A vulnerabilidade também pode ser geográfica: BELL & BURLIN (1993) avaliaram preços de produtos de uso cotidiano e concluíram que estes eram significativamente maiores em bairros e vizinhanças mais pobres. Dificuldades de locomoção, mobilidade e as próprias barreiras impostas pela cidade dificultam as alternativas para essa população. O próprio mercado local normalmente é composto por um número menor de competidores, acarretando preços maiores e piores alternativas de crédito do que seriam possíveis de obter em outras comunidades.

Quadro 1: Síntese dos trabalhos sobre vulnerabilidade.

Autores / Trabalhos	Vulnerabilidade identificada	Descrição do problema
SANCHEZ (2007)	Vulnerabilidade a doenças.	Descrição das relações existentes entre índices de doenças em grupos específicos, analisando seu nível educacional, suas condições econômicas e características geográficas de seu local de habitação.
ALMEIDA & ROUQUAYROL (2006)	Vulnerabilidade a doenças.	Definição dos fatores endógenos e exógenos aos indivíduos na propagação de doenças.
MORDUCH (1994)	Vulnerabilidade econômica.	Análise não ao da pobreza, mas também da incapacidade de geração de renda.
KOCHAR (1995)	Vulnerabilidade econômica.	Análise da perda de renda das famílias agrícolas aos choques nos eventos de colheita e seu impacto na capacidade de sobrevivência do grupo.
CUTTER et al. (2003)	Vulnerabilidade social.	Potencial de perda de bens e capacidade de recomposição frente à ocorrência de desastres ambientais.
WAICHMAN et al. (2006)	Vulnerabilidade a doenças pela má utilização de produtos.	Identificação do errado manuseio dos pesticidas agrícolas e os riscos inerentes a essa má utilização.
BRENKERT (1998)	Vulnerabilidade física, motivacional, social e cognitiva.	Descrições sobre modalidades de vulnerabilidade.
LYON et al. (1998) BAYLISS & LYON (1998)	Vulnerabilidade da faixa etária às práticas de consumo.	Limitações e dificuldades do consumo como decorrência da idade do consumidor.
BELL & BURLIN (1993)	Vulnerabilidade de localização geográfica.	Análise da diferença de preços de produtos em bairros periféricos, por oferecer menor oferta e concorrência e maior dificuldade de locomoção de seus moradores.

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.1.1 Vulnerabilidade de Consumo

Na literatura do marketing abordou-se o tema de vulnerabilidade direcionada ao consumo. Trata-se de uma definição de incapacidade ou fragilidade no ato de consumo. De maneira análoga ao emprego do termo nas outras áreas, a vulnerabilidade do consumo já foi representada como conseqüência de diversas situações, como engano, erro, ingenuidade ou desconhecimento de todas as informações pertinentes ao processo de compra.

A vulnerabilidade de consumo pode ser definida por mais de uma maneira: a não identificação do custo-benefício de um produto, a compra de um produto na espera de um benefício que ele não trará, na utilização errada dos atributos do produto, entre outros. SMITH & COOPER-MARTIN (1997) definem os consumidores vulneráveis como aqueles que são mais suscetíveis a malefícios econômicos, físicos ou psicológicos

como decorrência da limitação de suas habilidades em maximizar a utilidade ou bem-estar decorrente da transação em que adquire o produto.

A identificação e tentativa de mensuração da vulnerabilidade também permitem mais de uma abordagem. Tradicionalmente, a vulnerabilidade é definida a partir de variáveis sócio-demográficas como idade, renda e origens étnicas (SMITH & COOPER-MARTIN, 1997; HILL, 2002). LAUFER & GILLESPIE (2004) recorrem a questões biológicas para explicar que, sendo as mulheres mais vulneráveis fisicamente, elas tendem a se solidarizar mais com as vítimas de mau uso de um produto e atribuir maior parcela de culpa aos fabricantes. Os autores partem de vulnerabilidade percebida da mulher para justificar a maior atribuição de culpa a uma empresa pelos problemas de um produto. Os homens, em contrapartida, não diferenciam a atribuição de culpa como do usuário ou produtor. A constatação da vulnerabilidade pessoal como variável mediadora entre o sexo dos avaliadores e a responsabilização da companhia por algum eventual problema sugere aplicações práticas, indicando caminhos mais eficientes para as empresas que buscam recuperação de sua imagem: focar nos consumidores que deram maior importância ao problema ocorrido.

Mesmo quando os estudos sobre vulnerabilidade de consumo abordam populações sem o estigma de vulnerável (adultos, brancos, pertencentes a uma classe média, por exemplo), os produtos passam a ser a variável de análise, com sua capacidade de prejudicar os consumidores. Dessa forma, o tipo de produto, como cigarro e bebidas alcoólicas, complementa as variáveis sócio-demográficas na análise da vulnerabilidade do consumo. WALSH & MITCHELL (2005) desenvolveram uma escala para identificar e mensurar a vulnerabilidade de consumo a partir da aquisição de um produto errado em consequência da similaridade entre produtos. Ou seja, procuram identificar em que medida os consumidores não conseguiam obter os produtos que efetivamente queriam por não conseguirem distinguir as marcas. Trata-se de um enfoque de análise mais cognitivo e menos determinístico (STANGOR, 2009).

A vulnerabilidade pode estar presente também em situações atípicas que os indivíduos enfrentam: KLEIN & HILL (2008) analisam a vulnerabilidade de consumo dos prisioneiros sobreviventes dos campos de concentração nazistas da Segunda Guerra Mundial. Os autores promovem a discussão da fragilidade dos indivíduos sob quatro dimensões: a perda forçada de suas posses, estratégias de sobrevivência, reconfiguração do indivíduo e reinserção na sociedade. São aspectos que tangenciam a noção comum

que temos de consumo e representam uma situação extrema para análise, mas que também permite inferências para fenômenos atuais, como migração de classes sociais e suas conseqüências, como endividamento ou perda de poder aquisitivo, planejamento de utilização dos recursos, resistência de hábitos de compra, etc.

BAKER et al. (2005), por meio da exploração dos conceitos presentes na literatura publicada sobre o tema, propõem um modelo para explicar a vulnerabilidade do consumidor como um conceito multidimensional, que deve ser definido em um contexto específico e entendido como um conceito dinâmico.

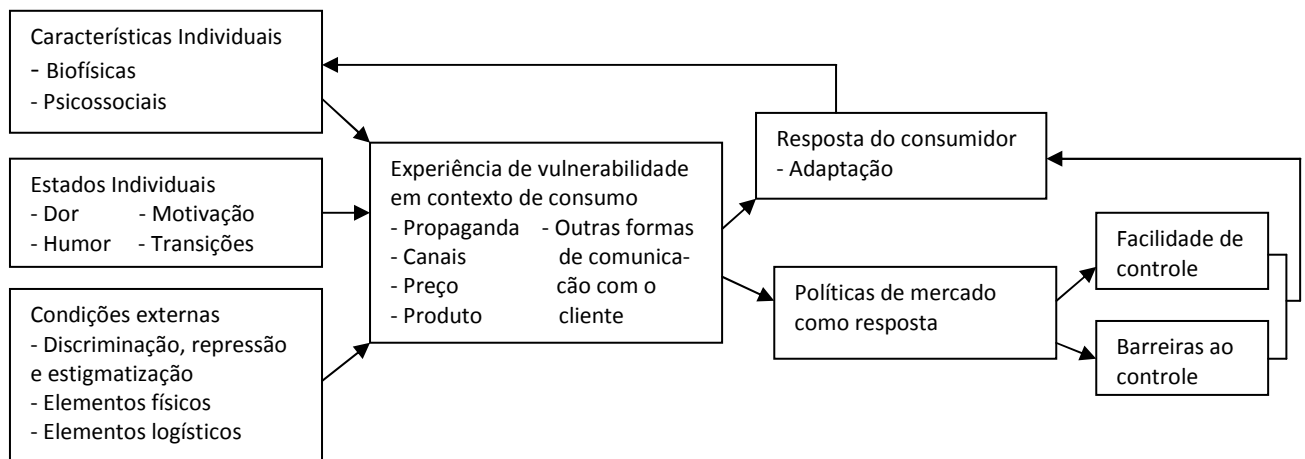


Figura 3: Modelo conceitual para definição de vulnerabilidade de consumo.

Fonte: BAKER et al. (2005).

Assim como CUTTER et al. (2003), BAKER et al. (2005) separam no modelo os fatores de influência em duas categorias: internos e externos ao indivíduo. Os fatores internos podem se subdividir em características físicas (biológicas e psicológicas) e estados comportamentais (depressão e motivação). Já os fatores externos são exemplificados pela discriminação, estigmatização, dificuldades logísticas, repressão e outros.

ADKINS & OZANNE (2005) analisaram a relação dos consumidores com baixo grau de alfabetização e seu grau de consumo. De forma analítica, as autoras analisaram como o baixo grau de instrução formal tornava o indivíduo vulnerável, identificando também como esses consumidores “iletrados” desafiaram suas condições por meio de estratégias de sobrevivência e seu grau de sucesso obtido no consumo. Essa adaptação é entendida como um fator que diminui sua vulnerabilidade.

Diversos estudos sobre vulnerabilidade apresentam como limitação a necessidade de aplicação dos modelos propostos a públicos específicos. ADKINS & OZANNE (2005) reforçam a necessidade da realização de trabalhos sob contextos específicos. As autoras identificam em seus estudos o enfrentamento das condições sociais dos iletrados ao mesmo tempo em que estes acatam determinado estigma por parte da sociedade. O processo de estigmatização pode gerar um stress adicional às pessoas em suas vidas (GOFFMAN, 1963). Trata-se de um fator adicional de vulnerabilidade.

COMMURI & EKICI (2008) alegam que, por mais que as estratégias de marketing ou políticas públicas busquem avaliar o cidadão ou o consumidor em todas as suas especificidades, seu grau de efetividade normalmente é muito baixo. A consideração das experiências vivenciadas pelo indivíduo deve estar presente nas análises, mas de forma complementar a uma situação que o identifique a um grupo ou classe de indivíduos com características semelhantes. Caso contrário, seria inviável a elaboração de uma mesma estratégia de redução da vulnerabilidade a mais de uma pessoa. Os autores propuseram a mensuração da vulnerabilidade de consumo como somatória de duas grandes dimensões: a primeira tem um caráter mais sistêmico, um rótulo de classe a qual pertence o indivíduo; a segunda teria um caráter mais transitório, representaria uma situação específica ou um estado de mudança no qual ele se encontra. Ou seja, a vulnerabilidade total pode ser entendida como a vulnerabilidade existente para toda uma classe de indivíduos mais um componente que pode variar conforme o consumidor e uma situação específica que este vivencia.

Assim, segue o modelo:

$$V_T = \sum(V_s, V_t), \text{ onde:}$$

V_T = Vulnerabilidade total;

V_s = Vulnerabilidade sistêmica para toda uma classe de indivíduos;

V_t = Componente da vulnerabilidade que varia conforme o consumidor e a situação a qual está vivenciando;

A partir dessa definição, o modelo propõe quatro cenários de vulnerabilidade:

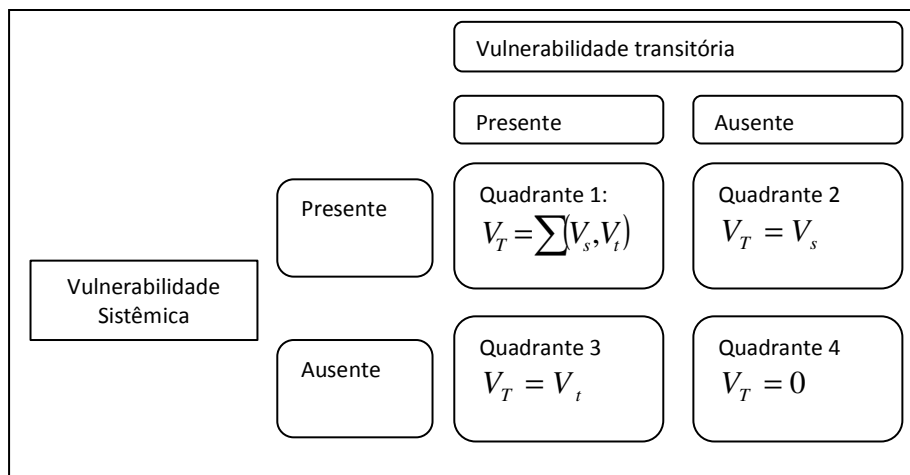


Figura 4: Cenários de vulnerabilidade a partir do modelo proposto.

Fonte: COMMURI & EKICI (2008).

- O primeiro quadrante representa uma situação em que há a presença dos dois componentes do modelo.
- O segundo, por sua vez, demonstra a situação em que, apesar de estar vulnerável por carregar uma característica deficitária, o indivíduo consegue realizar o que pretende.
- O terceiro quadrante representa o indivíduo que, apesar de não ter uma vulnerabilidade sistêmica, encontra-se em um estado particular que o torna vulnerável.
- O último quadrante representa a ausência de vulnerabilidade.

O primeiro quadrante representa a vulnerabilidade total. Por exemplo, a dificuldade no processo de compra pela incapacidade da leitura das características do produto associada à vergonha de pedir auxílio, resultando na compra de um produto errado. O quarto quadrante seria o outro extremo: o domínio das ferramentas associado à desenvoltura social para lidar com as adversidades do processo. Por exemplo, têm-se o domínio da leitura, mas não de informações técnicas do produto. Com isso, pede-se auxílio e busca-se o entendimento do que representa cada informação para tomar a melhor decisão.

Um exemplo para ilustrar o segundo quadrante seria de um analfabeto que para obter informações escritas pede o auxílio de um amigo que sabe ler (COMMURI &

EKICI, 2008). O terceiro quadrante pode ser entendido como um consumidor que, apesar de alfabetizado, se encontra em um estado de extrema ansiedade e paralisia que o impede de obter as informações por meio da leitura. Os prisioneiros dos campos de concentração nazistas na 2ª Guerra Mundial eram pessoas que, em sua maioria, possuíam domínio da escrita. As condições sub-humanas a que foram submetidos os levaram a ter dificuldades em decisões de consumo que provavelmente não teriam em condições normais de vida (KLEIN & HILL, 2008).

O argumento que sustenta a presença da variável sistêmica V_s está na não-aleatoriedade da vulnerabilidade. Sua ausência tornaria a vulnerabilidade um fenômeno estritamente pessoal, sem qualquer característica que permitisse um padrão. A individualidade é defendida por BAKER et al. (2005), mas isso não representa a ausência de variáveis gerais, apenas que elas devem se combinar para tornar a análise mais completa. Apesar das características específicas que são inerentes aos indivíduos, a inclusão de uma variável sistêmica permite a manutenção da visão macro no sistema, mesmo que tenha menor peso no modelo. Com isso, torna-se possível avaliar e identificar outras características que podem acompanhar a variável principal, representando um grande fator de influência naquela classe e direcionando novos estudos.

Quadro 2: Síntese dos trabalhos sobre vulnerabilidade de consumo.

Autores / Trabalhos	Descrição do problema
CAPLOVITZ (1963) RICHARDS (1966) ANDREASEN (1975)	Consumo e endividamento como compensação a incapacidade de avançar socialmente por outros meios.
HILL & STEPHENS (1997)	Sobreposição dos conceitos de bem-estar e aquisição de bens materiais.
SMITH & COOPER-MARTIN (1997)	Suscetibilidade a malefícios econômicos, físicos e psicológicos. Limitação das habilidades do indivíduo em maximizar utilidade ou bem-estar.
HILL (2002)	Análise do impacto de variáveis sócio-demográficas, como idade, renda e origens étnicas.
LAUFER & GILLESPIE (2004)	Gênero como variável mediadora a responsabilização do fabricante de um produto com defeito.
WALSH & MITCHELL (2005)	Desenvolvimento de escala para mensurar a vulnerabilidade de consumo a partir da aquisição de um produto errado em consequência de sua similaridade com outros produtos de marcas conhecidas.
KLEIN & HILL (2008)	Análise dos prisioneiros sobreviventes dos campos de concentração nazistas, sob os aspectos de fragilidade dos indivíduos, perda forçada de posses e sua reconfiguração.
BAKER et al. (2005)	Proposição de um modelo multidimensional para explicar o que é vulnerabilidade do consumidor.
ADKINS & OZZANE (2005)	Análise dos consumidores com baixo grau de alfabetização e suas práticas de consumo.
COMMURI & EKICI (2008)	Proposição de dimensões parciais de vulnerabilidade: características sistêmicas e transitórias.

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.2 Analfabetismo e letramento

Nesse tópico serão apresentados os conceitos de analfabetismo e letramento, suas definições e contextualizações pertinentes ao escopo desse trabalho.

2.2.1 Analfabetismo

Analfabetismo representa a ausência completa de instrução. O não domínio do alfabeto pode ser uma definição um tanto quanto ampla, pela dificuldade de se estipular o ponto a partir do qual se entende tal domínio. O conceito não é estático no tempo: para o Censo Demográfico, até os anos 50 do século XX, alfabetizado era o indivíduo que sabia escrever o nome; atualmente, é aquele que consegue escrever um bilhete simples (GALVÃO & DI PIERRO, 2007).

O domínio ou não da língua não é uniforme. Embora o aprendizado da leitura e da escrita sejam concomitantes e relacionados, não são dimensões totalmente dependentes. O não saber ler e o não saber escrever têm impactos distintos inclusive na classificação de um indivíduo como analfabeto. Neste trabalho, analfabeto será o indivíduo que não preenche os requisitos mínimos de instrução necessários para assinar

seu nome, escrever pequenos bilhetes recados, conforme critério proposto pelo INAF (Índice de Analfabetismo Funcional).

O analfabetismo não está limitado a aspectos pedagógicos. Sua esfera de influência avança também por outros campos de conhecimento, como a sociologia por exemplo. A alta dependência que a sociedade atual tem da escrita gera aos indivíduos que não a possuem uma situação de exclusão, de marginalidade aos demais grupos. A dependência de instrumentos específicos para a realização de tarefas, sociabilidade e consumo dificulta a sobrevivência das pessoas sem tal instrução.

2.2.2 Letramento

O termo letramento vem da tradução direta do termo *literacy*. Tradicionalmente *illiteracy* é traduzido por analfabetismo. A recente tradução de letramento é resultado das novas compreensões do que significa efetivamente ser alfabetizado na sociedade contemporânea (BRITTO, 2004). O desenvolvimento das pesquisas sobre a leitura e a escrita gerou a necessidade da introdução de um novo conceito que representasse uma condição superior a simples reprodução simbólica da fala.

Por ser recém introduzido no léxico das ciências sociais, particularmente na Pedagogia e na Psicologia (SOARES, 2004) o termo letramento tem sido utilizado para representar diversos conceitos que, embora correlacionados, supõem diferentes objetos. Sendo conceitos freqüentemente confundidos e sobrepostos, sua distinção torna-se teoricamente importante.

2.2.3 Diferenças e semelhanças

A distinção dos conceitos de alfabetização e letramento é defendida pelos pedagogos e estudiosos da área como tão importante quanto a sua aproximação. Para fins metodológicos e práticos de sala de aula é importante ter não só a delimitação de um e de outro, mas o conhecimento das relações entre os dois conceitos, de como eles se complementam. SOARES (2004) define a alfabetização como a tecnologia adquirida para a inserção no mundo da escrita. O letramento, por sua vez, seria o desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) que permitem o uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Os dois conceitos refletem processos distintos, mas interdependentes. Diz a autora:

“A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, utilizam-se de quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita.” (SOARES, 2004; p.92)

BRITTO (2004) delimita os conceitos de alfabetização e letramento da seguinte forma:

“A alfabetização tem um sentido freqüentemente associado ao ensino-aprendizagem do sistema de escrita. O letramento, por sua vez, remete a um movimento mais geral, que se relaciona com a percepção da ordem da escrita, seus usos e objetos, bem como de ações que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz com base em conhecimentos e artefatos da cultura escrita. Sendo assim, se a noção de alfabetizado implica uma condição de tudo ou nada, a de letramento (ou de alfabetismo) sugere uma multiplicidade de níveis e graus, em função do quanto o indivíduo realiza com seus conhecimentos de escrita”. (BRITTO, 2004; p.53)

O autor trata também das relações individuais e coletivas do conhecimento. Embora as sociedades modernas sobrevalorizem a dimensão individual, centrada em competências singulares e testes individuais, o conhecimento é um produto social e aquilo que uma pessoa sabe e efetivamente faz relaciona-se com as condições históricas em que ela se encontra. Tal análise abre espaço para uma concepção mais política para o termo letramento.

Há autores que aceitam a utilização dos termos alfabetização e letramento como sinônimos (GALVÃO & DI PIERRO, 2007). As autoras justificam que mesmo o domínio inicial da leitura e da escrita está indissociavelmente vinculado aos usos que são feitos dessas habilidades, tornando a expressão *“alfabetizar letrando”* bastante utilizada para a prática dos professores.

2.2.4 Perspectiva histórica

A associação do analfabeto a condições de ausência, carência, pobreza e dependência é recorrente na sociedade contemporânea. Se, por um lado, tal associação é incorporada pelo próprio analfabeto, é possível a identificação de momentos históricos específicos que propiciam tal associação. GALVÃO & DI PIERRO (2007) propõem

nove momentos em que é possível a identificação do desenvolvimento do discurso do analfabeto como um dependente.

- Século XVII – invasão holandesa e discussões, da melhor maneira de educar e catequizar os índios e negros. Foco principal nas crianças, separadas dos pais para evitar a contaminação dos costumes bárbaros. A educação está fortemente associada à religião.
- Primeira metade do século XIX – proprietários rurais brancos que não sabiam ler e escrever, mas que exerciam grande poder na região de sua propriedade – a maior parte da população vivia em pequenas e médias propriedades rurais. Eleger e ser eleito dependia da prova de renda. O analfabetismo não estava associado à pobreza ou exclusão social.
- Segunda metade do século XIX – com a constituição e consolidação do Império inicia-se por meio de códigos civis e leis o ensino dos adultos para civilizar as camadas populares. Começa a associação do adulto analfabeto como perigoso à sociedade. A alfabetização tinha caráter de “iluminação” da mente, de filantropia e caridade, não de direito.
- Aprovação da Lei Saraiva – no final da segunda metade do século XIX, em 1881, aprova-se a Lei que estabeleceu a exclusão dos analfabetos como eleitores.
- Início do século XX – o Censo de 1890, que apontava mais de 80% da população brasileira como analfabeta gerou um sentimento de vergonha diante dos países adiantados. Grandes mobilizações foram feitas para alfabetizar os adultos. O analfabetismo é associado a expressões fortemente negativas, como pobreza, criminalidade e vícios em geral. Ao mesmo tempo o analfabeto é visto como alguém doente, de forma que a alfabetização deveria vir acompanhada de uma formação moral.
- Década de 50, século XX – com o Censo de 1940 apontando 55% dos brasileiros com mais de 18 anos ainda analfabetos, e também como resposta as pressões da UNESCO (recém criada no pós Guerra), surge o primeiro programa institucional de alfabetização, organizado pelo Governo Federal.
- Década de 60, século XX – disseminação das salas de alfabetização em todo o país e forte influência de concepções marxistas. Adoção de novas

práticas no ensino para o adulto não-alfabetizado como alguém com saberes. A leitura do mundo deveria preceder a leitura da palavra e as condições de miséria é que deveriam ser problematizadas.

- Década de 70, século XX – adoção de um livro único em todo o país pelo Movimento Brasileiro pela Educação – MOBRAL. Com a repressão a dissidências políticas pelo governo militar, todos os outros movimentos de educação e cultura popular são extintos. No contexto econômico e político posterior ao golpe militar a alfabetização de adultos cumpre a função de adaptar o migrante rural aos mercados de trabalho. Há também a preservação da imagem externa do país, na “erradicação” da vergonha nacional.
- Fim do século XX – a Lei nº 7.332, de 1985, restabelece o voto do analfabeto, referendado pela Constituição de 1988. Embora a Carta Constitucional coloque o acesso ao ensino fundamental público e gratuito como um direito, programas governamentais continuam a colocar a questão com caráter de caridade e solidariedade, convidando a população geral (e não somente os profissionais da área) a se mobilizar para “curar” esse mal.

Concluem as autoras que *“as adversidades do analfabeto não podem ser consideradas universais, mas sim relativas ao poder da cultura escrita em tempos, grupos sociais e sociedades historicamente determinadas”* (GALVÃO & DI PIERRO, 2007, p.53).

PAIVA (1990) identifica que a questão do analfabetismo ganha importância no cenário nacional no final do século XIX. O fato de a maioria da população não saber ler e escrever não constituía um problema para o país em sua forma de organização. O acesso à leitura e a escrita ainda era restrito a pequena parcela residente nos centros urbanos, então minoria da população (FERRARO, 2002). Mesmo os avanços conquistados nos níveis de alfabetização sofrem críticas por supostas motivações enviesadas. Os esforços continham um claro preconceito na tentativa de erradicação do analfabetismo pela melhoria da imagem do país, não focando com a organização necessária para a melhoria dos níveis de produção e qualidade de vida dos seus cidadãos. Conforme PAIVA (1990):

“A questão do analfabetismo se fortalece pela maior circulação de idéias ligadas ao liberalismo e se nutre também de sentimentos patrióticos suscitados pela divulgação internacional da taxa de analfabetismo segundo o censo de 1890, que dava para o Brasil a taxa mais alta entre os países considerados, não por qualquer associação que fosse possível fazer entre alfabetização e trabalho ou produção.”

Ou seja, o analfabetismo passa a ocupar um problema de agenda política e não é tratado como uma questão econômica. A abordagem econômica da questão só viria compor a base de argumentação a partir do segundo pós-guerra, com as teorias do desenvolvimento econômico do Estado keynesiano – indutor do crescimento - ou do Estado responsável pelo bem-estar dos cidadãos, em que o indivíduo com acesso aos serviços básicos como educação seria mais produtivo a sociedade (FERRARO, 2002).

Com a industrialização da economia brasileira, torna-se cada vez mais difícil ao analfabeto a participação no modo de vida contemporâneo. O analfabetismo ganha, no Brasil, uma conotação de marginalidade, periculosidade e risco de subversão. Com a desorganização do Estado na promoção de políticas eficientes de alfabetização, o indivíduo fica estagnado em sua situação; seus descendentes têm poucas probabilidades de ascensão social: *“a incapacidade do analfabeto não é somente política; ele tende a ser um marginal na sociedade contemporânea e gera novos analfabetos”* (CARNEIRO, 1964).

Segundo as autoras GALVÃO & DI PIERRO (2007, p.53):

“Para alguns grupos, aprender a ler e escrever é uma condição quase imprescindível para que se insiram, de maneira mais pertinente e com maior propriedade, no mundo urbano, no campo de trabalho, em alguns espaços de lazer. Por outro lado, para alguns segmentos – comunidades rurais em que não circulam objetos escritos e impressos ou aldeias indígenas isoladas – aprender a ler e escrever não tem o mesmo grau de importância.”

Embora a alfabetização e o letramento não sejam bens universais e intrinsecamente positivos, o domínio da leitura e da escrita constitui, nas sociedades contemporâneas, principalmente nos núcleos urbanos, um instrumento de cidadania. Daí a importância da presença do tema em políticas públicas e a adaptação dos cidadãos a essa fase de transição com o menor desgaste possível.

2.2.5 Níveis de analfabetismo e letramento

O IBGE apura em seus censos o número de anos de estudo dos cidadãos. Entretanto, estudos questionam tal método, respaldados nos conceitos alternativos de letramento, que é a capacidade de realização de tarefas dos indivíduos em seu cotidiano, sob sua realidade. O grau de instrução formal (anos de estudo) muitas vezes mascara a real capacidade das pessoas na realização de tarefas e na resolução de problemas do cotidiano. Daí a necessidade de avaliar pontualmente, sob o seu contexto, a sua real vulnerabilidade social, de que forma o seu domínio específico da leitura e da escrita o fragiliza em seu dia-dia.

FERRARO (2002) propõe a classificação da população em quatro níveis de alfabetização. A primeira categoria é composta pelos indivíduos que se declaram “sem instrução” ou “com menos de um ano de estudo”. A segunda categoria, definida como nível 1 de letramento, compreende aqueles que informaram ter concluído um a três anos de estudo. O nível 2 de letramento (terceira categoria) compreende aqueles que tenham concluído pelo menos a 4ª série e que não tenham ido além da 7ª série. Tal nível representa o alcance do domínio mínimo da leitura, da escrita e do cálculo, permitindo a utilização do conhecimento em situações práticas e improvável retorno ao analfabetismo.

O nível 3 seria composto pelas pessoas com 8 a 10 anos de estudo (ensino fundamental completo e médio incompleto). Acima disso teríamos o último nível (4). Entretanto, por questões metodológicas o autor não encontrou meios de desdobrar os dados nesses dois níveis, classificando no nível 3 as pessoas com mais de oito anos de estudo, o mínimo constitucional exigido pela Carta de 1988.

FERRARO (2002) postula que o nível 1 representa a libertação do estigma, enquanto o segundo nível atesta uma capacidade mínima de operação, com valor superior à expressão “alfabetização funcional” existente no mercado de trabalho.

Em 2000, apenas um terço da população de 15 anos ou mais havia atingido o nível 3 de letramento, ou o mínimo constitucional. Ainda há muitos brasileiros marcados com o estigma do analfabetismo; esta exclusão educacional geralmente é secundada por outras formas de exclusão social.

Um indicador recente dos níveis de alfabetização e letramento que vem sendo bastante estudado é o Indicador Nacional de Alfabetização e Letramento (INAF). Trata-se de uma iniciativa de institutos e organizações não governamentais que buscam

oferecer um retrato sobre as práticas e habilidades relacionadas à leitura e escrita. Estes testes propõem cenários de complexidade diversa, para mensurar uma competência que pode ser desenvolvida em diversos níveis (RIBEIRO, 2004). Os entrevistados são classificados em analfabetos (no sentido tradicional) ou em três níveis de alfabetismo, sendo:

- Nível 1: capacidade de localizar informações explícitas em textos muito curtos, cuja configuração auxilia o conteúdo solicitado.
- Nível 2: localização de informações em textos curtos e de extensão média, mesmo que não apareçam na mesma forma literal em que são mencionadas na pergunta.
- Nível 3: capacidade de ler textos mais longos e orientar-se por subtítulos; e, localizar mais de uma informação de acordo com as condições estabelecidas. As pessoas classificadas nesse nível mostram-se capazes de relacionar partes do texto, comparar dois textos, realizar inferências e sínteses.

Um exemplo de atividade proposta para a classificação do respondente ao nível 1 de letramento é a localização da data em que se inicia uma campanha de vacinação ou a idade a partir da qual a vacina pode ser tomada gratuitamente, quando mostrada a seguinte figura abaixo:

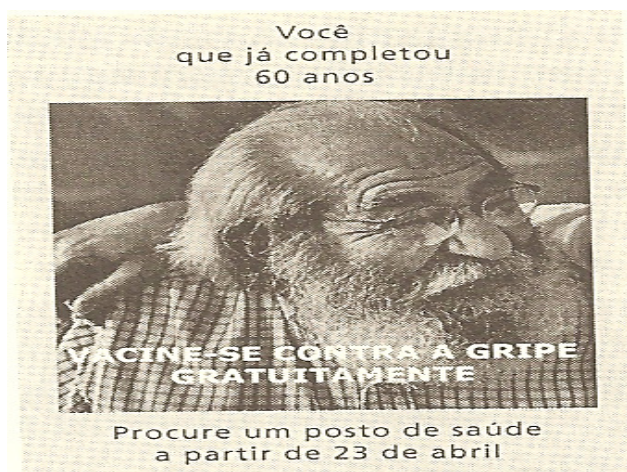


Figura 5: Anúncio sobre campanha de vacinação.
Fonte: RIBEIRO (2004).

Para o nível 2 mostrou-se uma carta que continha a reclamação de um defeito em uma geladeira e solicitou-se a identificação do defeito apresentado.

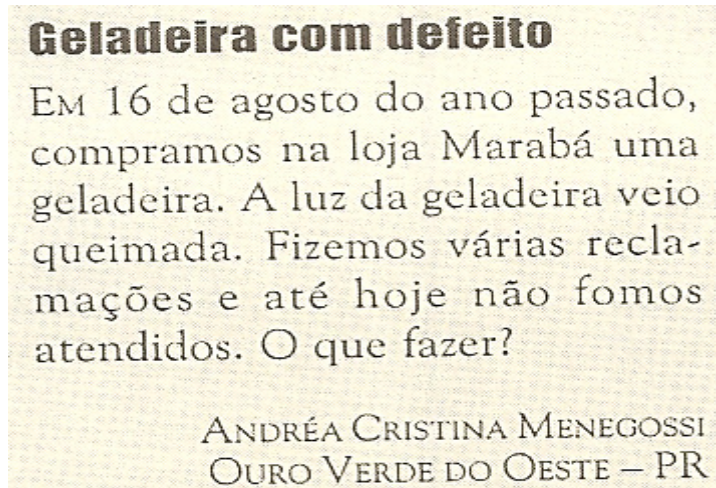


Figura 6: Carta de uma leitora.
Fonte: RIBEIRO (2004).

Para o nível 3 solicitou-se o preenchimento de um formulário, retirando as informações necessárias de uma carteira de identidade e um envelope endereçado.

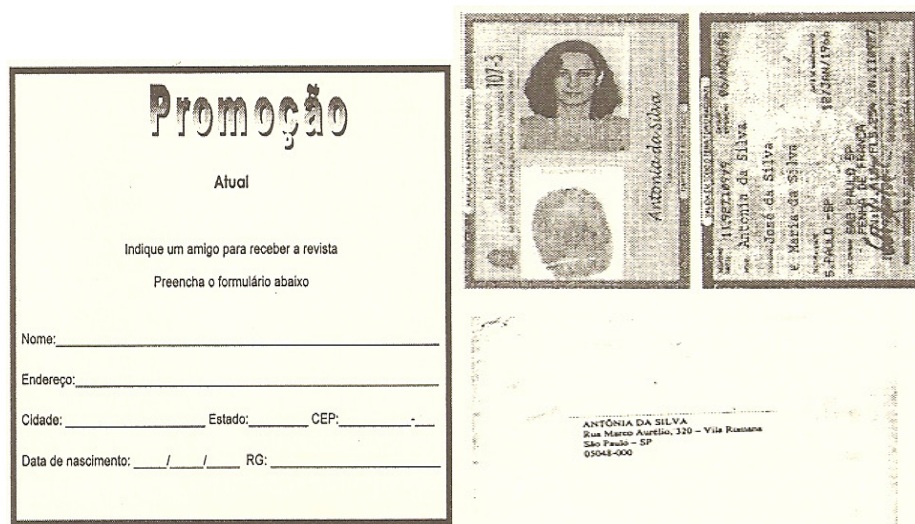


Figura 7: Formulário, carteira de identidade e envelope.
Fonte: RIBEIRO (2004).

Para a primeira coleta de dados do INAF os resultados apresentaram significativa discrepância com a classificação do IBGE.

Quadro 3: Confronto de resultados INAF x IBGE.

Nível	INAF	IBGE / FERRARO (2002)
Analfabetos	9%	11,5%
Nível 1	31%	17,8%
Nível 2	34%	34,6%
Nível 3	26%	35,3%

Fonte: Elaborado pelo autor

Isso torna ainda mais necessária a apuração das formas de coleta e a definição de critérios para o real diagnóstico das condições de alfabetização e letramento da população. Percebe-se pela diferença encontrada no nível 1 que muitas pessoas possuem anos de estudo (aumento do percentual dos níveis 2 e 3 na coluna IBGE) não condizentes com sua capacidade de resolver os problemas propostos (maior valor do nível 1 do INAF).

2.3 Consumo

Apesar das questões socioeconômicas nivelarem as práticas e comportamentos das pessoas em muitos aspectos, a individualidade do comportamento e reação às dificuldades apresentadas no cotidiano também se manifesta. Conforme OLIVEIRA (2009, p.68):

“No âmbito da vida de uma pessoa os diversos elementos têm significado e sua integração se dá pela própria combinação deles no interior de um mesmo indivíduo ou grupo. A busca de totalidades organizadas e coerentes empobrece a análise da complexa realidade e leva à construção de modelos de interpretação abstratos e formais que parecem sempre explicar a realidade justamente por serem tão gerais.”

Esse individualismo aumenta a complexidade da análise justamente pela necessidade de avaliação de uma situação pelos olhos dos avaliados. Ainda OLIVEIRA (2009, p.93):

“A escala de prioridades diferente utilizada pelos sujeitos estudados, aparentemente relacionada à falta de capacidade básica necessária à organização de vida da forma adequada

mostrou ser funcional nas condições de vida enfrentadas por esses indivíduos. Para alguém que vive sob pressão cotidiana para sobrevivência, que tem de recorrer a diversos mecanismos para manter o equilíbrio do orçamento, deixar de adquirir um objeto para o lazer para economizar soaria uma decisão inútil. Tal economia não garantiria um processo de poupança com melhoria da situação no longo prazo. Fazer bom uso do excedente aparece como uma melhor opção.”

Em um cenário cada vez mais dependente das informações para a realização de escolhas, eleva-se o potencial de fragilidade e vulnerabilidade das pessoas desprovidas do domínio lingüístico. No modelo atual das sociedades contemporâneas valores como cidadania e acesso estão ligados e relacionados ao consumo, ao mesmo tempo em que há uma responsabilização desse mesmo indivíduo por suas escolhas (SAFATLE, 2008).

Identificar a real vulnerabilidade do indivíduo em seus hábitos de consumo torna-se uma tarefa a ser realizada com pleno conhecimento dos contextos dos indivíduos então analisados.

3. Metodologia

WEISS (1994) define que o objetivo de pesquisa deve ditar o método de pesquisa a ser aplicado. Identificar, a partir de pressupostos teóricos, situações que sugerem vulnerabilidade dos entrevistados exige das entrevistas maior flexibilidade e abordagem mais pessoal, direta e não estruturada. Tais características da entrevista são pertinentes quando se objetiva a revelação de crenças, atitudes e sentimentos a respeito de determinado tópico e denominam o método como entrevista em profundidade (MALHOTRA, 1993). Boyd et al. (1989) complementam que as entrevistas em profundidade devem ser conduzidas sem um questionário formal, mas a partir de um roteiro básico segundo o qual o entrevistado é influenciado a expressar-se livremente sobre os temas abordados. Dessa maneira é possível descobrir os fatores implícitos e determinantes nos fenômenos estudados. A partir dessa perspectiva, a busca pelo entendimento e manifestações de vulnerabilidade de consumo em analfabetos sugere o desenvolvimento de descrições detalhadas e a consideração de múltiplas perspectivas. Assim, esse trabalho terá caráter exploratório, com a utilização de entrevistas em profundidade para seu desenvolvimento.

A identificação das dificuldades de consumo de analfabetos representa o foco da análise. Apesar dos casos concretos serem mais facilmente inteligíveis, o objetivo do estudo é analisar as práticas de consumo com um caráter mais genérico e não particular de determinadas pessoas. A análise das entrevistas sugere um possível relacionamento com os conceitos e categorias existentes na literatura ou a identificação de novas questões de vulnerabilidade não contempladas na literatura até então. Essas duas alternativas sugerem direcionamentos metodológicos distintos, mas que se complementam na análise do fenômeno estudado:

- a) A primeira alternativa contempla uma linha de pensamento mais próxima aos modelos empíricos e positivistas de ciência. A partir de hipóteses já formuladas com o desenvolvimento teórico, buscam-se suas evidências no campo. Exemplifica-se na seguinte afirmação: *“a partir de um referencial teórico que permite o embasamento das indagações a serem levantadas, as entrevistas em profundidade possibilitam maior conhecimento das práticas contempladas como problema de pesquisa”* (TEIXEIRA, 2010).
- b) A segunda trabalha com uma abordagem mais processual e construtivista (EVERED & LOUIS, 1986; ASTLEY, 1985), em que os fatores relevantes na

ocorrência da vulnerabilidade de compra serão identificados por meio do contato direto com o objeto de análise. No caso, situações de vulnerabilidade podem ser identificadas em pessoas sem domínio da leitura e da escrita sem que estivessem previstas ou descritas na literatura.

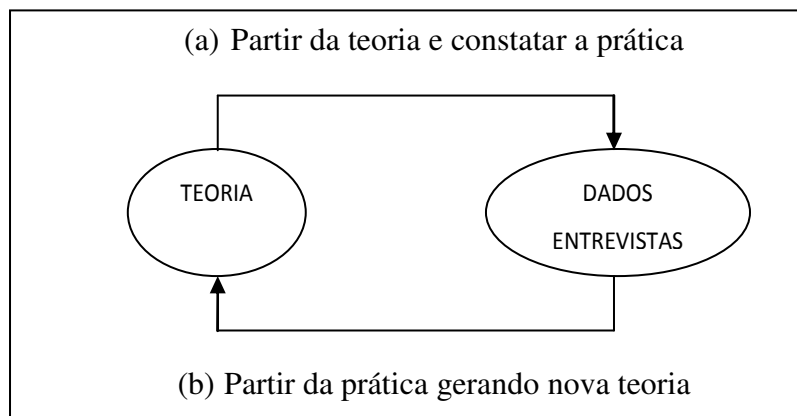


Figura 8: Formas de ordenamento entre teoria e prática.
Fonte: Elaborado pelo autor.

As duas alternativas contemplam o desenvolvimento do tema, pois um estudo de caráter exploratório não busca o estabelecimento de conclusões precisas e definitivas, mas sim o fornecimento de elementos para compreensão de uma situação (RÉVILLION, 2003).

A metodologia adotada procurou avaliar o tema sob a ótica dos dois caminhos, traçando um ordenamento tanto da teoria para a prática, quanto da prática para a teoria.

3.1 Elaboração do roteiro

A teoria de vulnerabilidade de consumo permite a elaboração de um roteiro para nortear as conversas e entrevistas a serem realizadas. Os trabalhos realizados auxiliam a abordagem da conversa e a contextualização de situações e cenários de maior identificação dos entrevistados. Alguns exemplos:

MORDUCH (1994) e KOCHAR (1995) tratam de temas econômicos, como a incapacidade de geração de renda e a vulnerabilidade de choques nos rendimentos. Adaptando tal vulnerabilidade ao contexto brasileiro, percebemos a maior incidência do trabalho informal nas classes mais pobres e de pessoas menos instruídas. O questionamento das possíveis oscilações de renda e as estratégias adotadas aos períodos

de queda são exemplos de temas a serem abordados nas entrevistas que podem identificar situações de vulnerabilidade.

CUTTER et al. (2003) analisam o potencial de perda de bens frente a desastres ambientais. Os entrevistados possuem residências em cidades periféricas da Grande São Paulo, regiões que normalmente contam com menor infra-estrutura de acesso e resistência a grandes chuvas e enchentes, por exemplo. WAICHMAN et al. (2006) avaliam o mau uso de produtos com riscos a própria saúde. Um exemplo real de vulnerabilidade pode ser a automedicação. A incapacidade de interpretar informações, ou mesmo identificar os efeitos colaterais na bula de um remédio.

BAYLISS & LYON (1998) e LYON et al. (2002) estudaram a vulnerabilidade de consumo pelas limitações e dificuldades impostas pela idade do consumidor. A avaliação de como os entrevistados utilizam os produtos tecnológicos (mesmo que dentro de sua rotina - programar o tempo no microondas para as empregadas domésticas, por exemplo) pode exemplificar situações de vulnerabilidade de compra dos indivíduos. Porque ter um aparelho celular com múltiplas funções que não são utilizadas?

Inúmeros autores mapearam a vulnerabilidade de consumo sob distintas situações. O roteiro adotado procurou abordar situações de vulnerabilidade descritas na literatura, ao mesmo tempo em que permitiu a liberdade das perguntas e respostas para duas situações possíveis: identificar novas situações de fragilidade ainda não contempladas pela literatura e confirmar ou refutar como situações de vulnerabilidade em contextos já descritos em trabalhos anteriores.

O roteiro utilizado durante as entrevistas está reproduzido na seção de Anexos – item 8.1.

3.2 Coleta de dados

O processo de vulnerabilização de um indivíduo em relação ao consumo normalmente tem sua identificação dificultada por questões como vergonha, timidez, orgulho. As pessoas não se vangloriam de suas dificuldades, mas sim adotam mecanismos e estratégias para superá-las e ocultá-las (GOFFMAN, 1963; ANTONIAZZI et al., 1998). A aproximação e o diagnóstico da vulnerabilidade passam a ser dependentes de uma relação de confiança do observado com o observador.

Os métodos qualitativos de análise permitem identificar conteúdos nas entrelinhas de posicionamentos pessoais, opiniões e no perfil do objeto de estudo (FREITAS & MOSCAROLA, 2002), o que muitas vezes é dificultado quando a análise é limitada a dados estruturados. Com intuito de superar possíveis mecanismos pessoais de bloqueio das informações por vergonha ou baixa-estima, o estudo se valeu de uma estratégia de convivência junto ao objeto de estudo para melhor entendimento dos seus hábitos. O método não foi classificado como etnografia, pois apesar de o entrevistador estar imerso no ambiente dos alunos, havia uma clara distinção de sua posição como professor do curso, o que inviabiliza a vivência como um dos alunos e entendimento estrito da sua situação.

Os entrevistados são alunos do curso de alfabetização promovido por uma sede da Igreja Católica (Paróquia Santa Rosa de Lima, localizada na Vila Pompéia, em São Paulo). Trata-se de uma iniciativa local da administração da sede da Igreja, que promove cursos de português e matemática, sem custo para os alunos. As aulas são oferecidas no período noturno. A partir de agosto de 2009, foram observadas junto com os entrevistados quatro horas semanais de aula; o pesquisador trabalhou com o grupo ajudando nas atividades de sala. O curso é coordenado por uma pedagoga e conta com o auxílio de mais quatro professoras, que se revezam nos dias e horários. São trabalhados tópicos de alfabetização, interpretação de textos, noções de gramática e matemática. A coordenadora é autorizada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) a fornecer certificado de conclusão aos alunos do Ensino Fundamental I. Ou seja, quando um determinado aluno demonstra domínio do conteúdo curricular exigido de um aluno de 5ª série, o curso fornece um certificado de conclusão que permite a ele a realização de uma prova para ingresso em um Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) promovido por escolas das redes municipais e estaduais de educação. Tal iniciativa existe há nove anos. Alguns alunos que passaram pelas suas salas já estão finalizando o Ensino Médio. Cada aluno possui um ritmo próprio de aprendizado, bem como de frequência às aulas. Mas, em média, a permanência é de dois a quatro anos até o ingresso em um EJA do Ensino Fundamental II (6ª a 9ª série).

Coube ao autor a preparação de atividades e exposição de algumas aulas, o que permitiu aprofundar a reflexão sobre a linguagem adotada e os exemplos cotidianos da realidade dos alunos. Essa aproximação permitiu um melhor conhecimento dos

entrevistados antes da realização das entrevistas, auxiliando inclusive na elaboração do roteiro.

Mesmo que o tempo de convivência tenha quebrado algumas barreiras de relacionamento com os entrevistados, a determinação dos temas específicos da entrevista, bem como a forma de elaboração e encadeamento das perguntas foram fruto de intensa reflexão. Elaborou-se um roteiro inicial para refinamento de palavras, temas e ordenamento das questões com objetivo de obter um padrão com menos possibilidade de problemas com o entrevistado (evitar termos desagradáveis, abordar situações próximas de sua realidade, valorizar os seus bens e não ressaltar as suas carências).

As entrevistas incluíram questionamentos gerais, como dados sócio-demográficos, qualidade de vida, organização financeira, hábitos e práticas de consumo e cotidiano (ver **Anexos – Roteiro de Entrevistas**). As entrevistas foram realizadas nas próprias salas de aula, antes do início do curso ou nas residências dos entrevistados. Foram promovidos ambientes para a realização da entrevista em que o entrevistado não ficasse intimidado com a presença de terceiros ouvindo as suas respostas.

3.3 Seleção dos entrevistados

Foram selecionados quatro alunos de um curso de alfabetização de adultos para realização de entrevistas em profundidade. Sua visão sobre o tema é singular, justamente por vivenciarem em seus hábitos de consumo as supostas dificuldades descritas na literatura. A situação de estar em um curso de alfabetização, com algum conhecimento já adquirido permite analisar os próprios avanços e identificar dificuldades antigas já superadas. Alguns critérios para a seleção dos entrevistados foram de ordem prática, como o interesse do aluno sobre o meu trabalho – desde o primeiro momento foi explicado a eles que eu estava em um projeto de análise de consumo de pessoas em processo de aprendizagem de leitura e escrita – e até mesmo a facilidade em conseguir combinar os encontros para as entrevistas.

A seleção também tentou contemplar personalidades que lidavam de forma distinta com a hipotética vulnerabilidade. Há pessoas mais tímidas e recatadas que sugerem maior dificuldade nos enfrentamentos do cotidiano. Ao mesmo tempo, outros entrevistados foram selecionados por demonstrar algumas características que os destacassem dos demais. Ambas as situações exigiram um tempo de convívio para determinação e identificação dessas características. Por exemplo, após um mês de aula,

ao perceber que eu saía do local de aula a pé, um dos entrevistados perguntou-me onde eu morava e se gostaria de uma carona. Apenas nesse momento eu me dei conta que o aluno chegava às aulas de carro. A situação chamou a atenção por dois motivos: o primeiro é o fato de um automóvel ser um produto relativamente caro; o segundo passa pela habilitação de motorista, que exige certo conhecimento de leitura e escrita na prova teórica do Departamento de Trânsito do Estado de São Paulo (DETRAN). Um segundo exemplo, este relativo a maior dificuldade de enfrentamento de situações cotidianas foi vivenciada quando anunciei a eles uma situação de mudança pessoal em minha vida. Ao anunciar que iria mudar de cidade por razões profissionais, os alunos apontaram para um de seus colegas anunciando que este também estava em processo semelhante. A partir daí que começamos uma conversa e pude tomar contato com suas dificuldades em expor suas opiniões e ressentimentos com a sua realidade profissional (ver Anexos – Entrevista 3, item 8.4).

O número de entrevistas não foi definido a priori. O processo foi exaustivo, sendo finalizado a partir do momento em que as entrevistas abordaram todos os temas pretendidos. Procurou-se definir um equilíbrio entre o interesse do entrevistado em abordar os temas e a necessidade de material para a análise. Um dos entrevistados, por exemplo, negou-se a participar de uma segunda rodada de entrevistas, pois só seria possível casar as agendas no fim de semana. Como sua primeira entrevista já forneceu bastante material foi possível mantê-la no presente trabalho.

4. Apresentação dos entrevistados

Nessa etapa serão feitas as apresentações dos entrevistados. O contato foi feito com intuito de aproximar o leitor ao contexto de vida, permitindo a melhor interpretação e entendimento das entrevistas.

4.1 V.

V. é uma moça simpática de quarenta e cinco anos de idade. Baiana de nascimento, ela completou recentemente duas décadas e meia de residência em São Paulo. Apesar de trabalhar na capital paulistana, reside na cidade de Barueri – considerada Grande São Paulo.

Como grande parte dos nordestinos que vieram ao Sudeste suas condições de vida em sua cidade natal eram precárias. Residente de uma cidade aos arredores de Vitória da Conquista (região sul da Bahia, cerca de 520 quilômetros da capital Salvador), migrou para São Paulo com toda a família pela escassez de recursos e trabalho. As atividades focavam principalmente a agricultura, com a dedicação intensiva de toda a família no trabalho da roça. Para as crianças a frequência na escola era complementar ao trabalho, e não sua atividade principal do dia. O trabalho no roçado começava de manhã bem cedo, e só à tarde as crianças eram liberadas para ir à escola, o que não significava mais facilidades no dia.

“Sim, todo mundo tinha que trabalhar de manhã. Trabalhava até meio-dia e aí ia para a escola à tarde. Só que era perigoso para estudar. Quando a gente pensava que não, vinha aquele estouro de boi, de boiada brava. A gente tinha que se enfiar debaixo do arame. Era para não pegar a gente, fazer alguma coisa, porque era muito e podia machucar. Então a gente se enfiava debaixo do arame.”

Com parte da desintegração da família – o falecimento do pai e a migração de alguns irmãos mais velhos para São Paulo – o restante da família acabou migrando também. Pode-se dizer que vieram com alguns recursos para se colocar bem em São Paulo. Com a venda da fazenda que eram proprietários em Vitória da Conquista, a mãe de V. conseguiu comprar duas casas em Barueri, uma para residência e outra para aluguel. V. morou de aluguel por um período na cidade de São Paulo, mas com o tempo conseguiu comprar um terreno e “levantar” uma casa também em Barueri, onde passa os sábados e domingos. Durante a semana, a entrevistada trabalha em casa de família.

Apesar de ter migrado com vinte anos, o estudo não era um ato contínuo e freqüente na vida de V.. Quando questionada percebe-se a dificuldade na resposta:

“E lá em Vitória da Conquista você estudou até que série, formalmente?

Lá eu estudei até a quarta série.

E porque você parou? Você saiu de lá com 20 anos.

Eu tinha filhos, né. Marido, casa, filhos. Ficava difícil de estudar.

Mas de menina. Você estudou até a quarta série até que idade?

Uns 18 anos, mais ou menos.

Entendi. Mas você começou de criança mesmo. Você estudava de pequena?

Estudava. Olha, para te falar a verdade eu nem lembro direito de nada assim de estudar. Depois a gente não podia estudar na roça, e eu vim morar na cidade com a minha tia e as minhas primas. Aí eu comecei a estudar, fazer o primeiro ano, o segundo ano. Daí eu estudei até a quarta série. Aí aconteceu de eu arrumar esse namorado e ele falecer. Daí eu vim embora para cá pra estudar. E deixei a vida rolar, como diz a música e não quis mais saber de estudar. Deixei a vida rolar, e depois de um tempo que o meu ex-marido foi embora, que a gente se separou – dia 5 de fevereiro fez dez anos que a gente se separou – aí eu falei para a minha filha assim ‘sabe de uma coisa que a mãe vai estudar?’ Então eu vinha para o trabalho – trabalho de diarista – aí eu saía e ia direto para a escola. Chegava todo dia em casa lá pra meia-noite. Saía seis da manhã e chegava meia-noite. Aí eu comecei a fazer a quinta, passei e fiz a sexta, a sétima. Eu comecei a fazer o primeiro colegial, eu ia fazer para terminar o terceiro colegial, mas eu não terminei porque teve uns problemas lá de família.”

Mesmo com a limitação da falta de estudo, V. construiu seu patrimônio. Seu trabalho é de carteira assinada e gera remuneração fixa, o que permite um melhor planejamento das finanças pessoais. Detém uma casa “completa”, com o mobiliário que julga necessário para viver. É uma pessoa bancarizada e com acesso ao crédito, o que permitiu a compra de muitas coisas para montar sua casa. Quando questionada sobre o que gostaria de ter, alcançar, mas ainda não foi possível, o consumismo se manifesta pela prontidão da resposta: uma TV de plasma.

O acesso ao crédito aparenta ser a única alternativa da entrevistada para a aquisição dos produtos que almeja, o que justifica a valorização de estar com o nome “limpo”, elegível para assumir a dívida. A ênfase no cumprimento da obrigação do

pagamento soa inclusive como um reforço positivo da capacidade em honrar os compromissos:

“Eu parcelo tudo. Eu vou nas Casas Bahia e faço parcelamento em dez, quinze vezes. Fui comprar a geladeira, paguei. Depois comprei um guarda-roupa e paguei. Aí já comprei um jogo de cozinha com armários e depois o fogão. Aí eu estou pagando ainda. E vou fazendo a economia de pagar todo mês aquele tantinho.”

Apesar desse reforço nem sempre foi possível o cumprimento dos pagamentos. Ao explicar o processo de renegociação, V. expõe sua maior fragilidade ao explicar que os juros são pequenos – e exemplificar com valores absolutos pequenos. Fator comum a grande número de pessoas que entram em processo de financiamento, apenas o valor da parcela - e não os juros - é considerado (ou o valor absoluto dos juros e não seu percentual sobre o montante principal). O comprador pondera apenas se a parcela “cabe em seu bolso”, não considerando que pagará ao final do negócio um valor muito superior pelo mesmo produto comprado à vista.

“(…) eles ligam para a gente e perguntam por que não fomos lá pagar, o que aconteceu e dão um novo prazo pra você pagar. Só cobram juros, mas é jurinhos de dois reais, três, sete reais. Depende de quanto tempo você atrasou, mas quando não é muito eles não cobram muito juros.

Mas todo mundo recomenda que, se não for algo que você precise muito, vale a pena economizar e comprar à vista.

Isso é verdade. Se você juntar o dinheiro e ir lá pagar à vista é melhor. Mas a gente nunca tem esse dinheiro, Fernando. Eu quero comprar uma televisão que custa mil reais. Eu não tenho esse dinheiro para ir comprar à vista. Essa televisão mesmo que eu quero deve custar uns dois mil reais, três mil reais, depende do lugar em que a gente for pesquisar. Se você pagar em quinze, vinte vezes deve sair por uns duzentos reais. Aí sim dá para comprar. Se juntar para um celular, o mais barato deve custar uns duzentos reais. Às vezes você não tem aquele dinheiro para o final do mês. E aí? O que você vai fazer? Hoje está mais tranqüilo, mas quando tinha aluguel era uns quatrocentos reais por mês só de aluguel.”

Mesmo com algumas fragilidades e vulnerabilidades no processo de consumo é possível identificar uma melhora generalizada e ampliação em suas condições de acesso ao consumo. A manipulação das informações talvez permitisse melhor uso desse canal,

mas trata-se de um processo gradativo. Sua intenção de permanecer estudando é um alento para conscientização de suas fragilidades e contínua ascensão social.

Ascensão esta já visível na geração seguinte, pois sua filha, que a ajuda na leitura de contratos e realização de tarefas do cotidiano que exigem maior domínio de leitura, já é estudante de nível superior.

4.2 I.

I. nasceu no interior da Paraíba, na cidade de São José da Lagoa Tapada, distante 420 quilômetros da capital João Pessoa. Tem trinta e três anos e há quatorze reside aqui em São Paulo. Como muitos nordestinos, Ivanildo diz ter vindo a São Paulo pela oferta de trabalho. Aponta que não havia opções de trabalho em sua terra natal. Já tinha um irmão emigrado e acredita que a cidade é a “mãe dos nordestinos”.

“Por causa que lá o que sobra.... o ganho é diferente daqui, né? Lá não tem opção. Aqui você sempre consegue algum tipo de serviço, se virar. São Paulo é apontada é praticamente a mão do nordestino. Se um sujeito não consegue nada por aqui em outro canto não consegue não.”

Sua trajetória profissional pode ser considerada bem sucedida. Desde que chegou a São Paulo trabalha no mesmo local, começando como faxineiro, passando por assistente de portaria e hoje, finalmente, como zelador do condomínio. Em sua função atual, I. goza de um privilégio que é morar no local de trabalho. Sua residência é no próprio prédio em que é zelador. O apartamento não é similar aos demais do condomínio, mas é um espaço privado para sua família. Diferentemente dos outros entrevistados, não se trata de um quarto na mesma residência dos patrões, mas sim um “apartamento próprio”. Isso valoriza a questão de domínio de sua casa. A localização também permite grande economia de tempo e dinheiro com deslocamento. Sabe-se que funcionários que ocupam funções similares normalmente moram na periferia ou em municípios próximos (região metropolitana de São Paulo) e tem grande desgaste na locomoção de suas residências aos locais de trabalho. O bairro também representa um bom ambiente para sua família – esposa e filhas, já que é um local com taxas de violência e criminalidade inferiores aos bairros periféricos.

O entrevistado valoriza constantemente durante a entrevista a capacidade de realização de tarefas. Explica que mesmo não tendo estudado mais do que poucos anos,

sempre conseguiu realizar o que lhe foi designado. Entretanto, esse orgulho e ciência de sua capacidade não o imobilizaram em sua volta aos estudos. Entende que a ter um diploma do ensino fundamental é condição básica para o alcance de um emprego. Sem esses anos de estudo concluídos poucas chances de trabalho aparecerão. Externaliza também uma condição menos pragmática e mais emocional: a capacidade de ajudar as filhas, de acompanhar o seu desenvolvimento nos estudos.

Suas filhas estudam em uma escola particular do bairro Perdizes. Trata-se de um colégio relativamente pequeno, mas tradicional na região e com ensino reconhecido em sua qualidade. A maioria das crianças dessa escola pertence a famílias residentes na região, um bairro de classe média alta. O interesse e o esforço para que suas filhas estudem em tal colégio é um ponto positivo, dado que sua educação formal será superior a dos seus pais. Aumenta-se significativamente a chance das filhas ascenderem social e economicamente em relação aos pais. O nível de estudo das filhas serve inclusive como incentivo ao seu próprio esforço para estudar:

“Veio para cá, arrumou emprego. E porque voltou a estudar?
Porque pra muitas coisas eu preciso da minha filha. Há uns dois anos atrás ela precisava de mim. Pra muitas coisas eu quebrava a cabeça e conseguia ajudar ela. Hoje eu não consigo mais ajudar ela. Ela tá na terceira serie, quarto ano. Tem coisa que ela sabe já sabe mais do que eu. Tem coisa que eu vou tirar duvida com ela e ela ainda tira duvida comigo, tipo palavras, mas futuramente se você não tiver quarta serie completa aqui em São Paulo você não vai conseguir emprego nem de gari. De gari já tá concorrência grande. Você pode falar assim, está trabalhando? Estou, mas não está. Você não tem como ficar tranqüilo, você não sabe o dia de amanhã. Você pensa em se aprimorar. Eu sou um cara que me considero de sorte, porque eu tenho muita facilidade para aprender as coisas. Eu sou um cara de sorte. Eu tenho poucos anos de estudo, mas muita gente acha que eu tenho mais estudo do que aparenta.”

O convívio das filhas com crianças de melhor condição econômica gera também uma natural comparação de posses e objetos – algo até “natural” para crianças bombardeadas por propagandas de produtos. Quando conversávamos sobre a escola, o assunto surgiu espontaneamente do entrevistado, sugerindo ser um ponto latente na relação com suas filhas.

“Colégio bom, né?”

Até hoje a gente tá gostando. É que você sabe, eu sou zelador e do jeito que eu estou eu vou buscar ela, com a roupa do prédio. Não gosto de chegar lá escondido não, mas a gente percebe, as minhas filhas não, pela própria diretoria da escola elas não são recriminadas. Elas tem trabalho igual as outras. Até as tias da escola a gente percebe que elas gostam até mais delas, porque elas sabem respeitar, senhora, por favor, obrigado. E você sabe que hoje em dia não é todas as crianças que falam assim. O negócio é tia aqui, tia lá, tia me dá isso aqui. Não tem esse costume de falar obrigado, por favor.

E principalmente a mais velha, ela já comenta de comprar alguma roupa, alguma coisa diferente, que as amigas têm? Como você lida com isso?

Tem uma amiguinha, que é a melhor amiga dela da escola, só que ela não comenta que é daquele jeito. Ela só comenta ‘na casa de fulano tem isso, e é grande, gostei’. Aí eu digo ‘você só pode comprar o que você pode, no momento a gente não pode comprar isso e você vai ficar com o que você tem’. Mas ela sabe assimilar as coisas. A pequena nem liga, mas ela já...

É porque chega uma idade em que é normal, as amiguinhas tem algumas coisas....

Mas a gente mesmo fala pra ela que é assim mesmo.”

O entrevistado é bancarizado e não demonstra receio de utilização dos produtos financeiros. Utiliza o cartão de crédito e talão de cheques normalmente, mesmo alegando dificuldade em escrever – *“o único problema é esse, porque eu fiquei muito tempo sem escrever, e só ler”*. Considera a alternativa de pagamento em prazos menores se oferecem desconto, mas alega comprar a maioria dos produtos com prazos longos mesmo. Não demonstra optar por economizar e comprar mais barato, postergando a realização da compra.

As dívidas normalmente são controladas. Embora o cartão de crédito permita alguns exageros, o entrevistado demonstra controlar relativamente bem os seus passivos. Apenas em uma ocasião I. perdeu o controle, necessitando recorrer a rede de amigos para o cumprimento dos pagamentos. Essa alternativa surge como uma espécie de fator de proteção. Os migrantes costumam formar comunidades e se ajudar em situações parecidas como essa.

“E já teve algum mês que teve algum problema? Alguma vez que comprou alguma coisa mais cara? Sua mulher, sua filha? Precisou pagar o mínimo (do cartão)?

Teve uma vez. No primeiro ano que eu viajei para o Norte aconteceu isso aí. Eu sabia que entrando no rotativo ia multiplicar. Eu paguei o mínimo cinco vezes e recolocava a

dívida em cima do cartão. Ficava sempre pagando o mínimo, o mesmo valor e a dívida aumentava. Aí eu falei com um amigo meu, emprestei o dinheiro e paguei a dívida do cartão. Fiquei devendo pra ele, mas ficou mais fácil de resolver. Mas foi a única vez, graças a Deus. Agora eu tenho um controle. Eu ganho x, eu vou gastar x? Não. Eu tenho o meu salário eu vou gastar uma porcentagem, um terço do meu salário no cartão. E da mesma forma que você pegou emprestado, já teve vezes em que você emprestou dinheiro para amigos? É comum isso? Sim, tenho hoje mesmo um compadre que paguei uma dívida dele e ele me deve. Tem meu irmão, uma dívida que ele fez pra pagar um carro e eu também emprestei. É só palavra, não tem nada de juros, esse negócio não.”

De forma geral o entrevistado apresenta bom domínio e controle de sua situação financeira. Há aspectos positivos de seu controle – o comprometimento com a educação das filhas – e também aspectos negativos – a baixa consideração da questão dos juros e envolvimento em dívidas de longo prazo. I. aparenta ser uma pessoa de grande capacidade e demonstra grande consciência e interesse pelo avanço nos estudos. Já obteve ascensão econômica e tem potencial para mais.

4.3 A.

A. é a mais nova das entrevistadas. Tem vinte e oito anos de idade e está há onze anos em São Paulo. Assim como outros dois entrevistados A. é migrante da região Nordeste e recebeu pouca educação formal em sua terra natal. Apesar de ter nascido em Fortaleza foi criada em Juazeiro do Norte, cidade do interior do Estado do Ceará, reconhecidamente mais carente de recursos que a capital. Sua vinda para São Paulo foi motivada para acompanhar o noivo. Tinha dezessete anos e nada que a prendesse em sua cidade. Veio para São Paulo e, com o tempo, desmanchou o noivado, mas optou por ficar na cidade.

Em Juazeiro do Norte A. abandonou os estudos logo nos primeiros anos do ensino fundamental. Desmotivada com a escola, simplesmente deixou de assistir as aulas. Apesar de a mãe ser alfabetizada e insistir (até bater) para que voltasse às aulas, A. acabou por abandonar os estudos.

Apesar de empregos domésticos se caracterizarem por alta rotatividade (talvez pelos baixos salários e alta oferta as pessoas não se vinculam a um local específico), A. foge à essa regra. O primeiro emprego que arrumou foi de babá, onde trabalhou por quase dez anos. Como os antigos patrões se mudaram do país, foi indicada para

trabalhar na casa de parentes desses, seu emprego atual. Nessa situação, exerce o ofício de cozinheira.

Seus atuais patrões a incentivam bastante nos estudos, inclusive propondo tarefas para que exerça os aprendizados da escola, como por exemplo, elaborar a lista de supermercado. A condição para aceitá-la no emprego seria que ela voltasse a estudar e propuseram o pagamento de um supletivo particular. Sob esse aspecto pode-se afirmar que A. está respaldada a dar um grande salto em sua educação formal. Condições como incentivos externos e mesmo o fato de ainda ter somente vinte e oito anos permitem boas expectativas sobre seus avanços.

A. procura os estudos para ascender profissionalmente. Já trabalhou de costureira no Ceará, mas teve dificuldade em se empregar na mesma profissão em São Paulo.

“É, mas eu queria um emprego melhor. Não é o emprego que eu sonhei para a minha vida. Eu tive outra profissão. Lá no Ceará eu costurava, eu era costureira. Mas aqui eu não consegui já por causa do estudo. Porque tinha que fazer prova, tinha que fazer ficha, um monte de coisa, então não deu certo. Não pretendo viver a minha vida toda vivendo na casa dos outros.”

Sua residência é em Pirituba, bairro periférico da Zona Oeste da Capital. Apesar da distância, completa-se o trajeto com apenas um ônibus. O padrão de deslocamento e o domínio das alternativas de transporte representam o conhecimento prático adquirido pela necessidade. Com a dificuldade inicial de reconhecer as letras do alfabeto, a orientação dos ônibus corretos era dada pelos números das linhas (os ônibus da cidade de São Paulo caracterizam suas linhas por um nome e um código numérico ou alfanumérico – por exemplo, “PERDIZES – 8252”, “LAPA – 875H”). Isso já gerou um fator de stress ao pegar o ônibus errado e parar em um bairro desconhecido.

“Isso é uma coisa que eu tenho curiosidade. Como você sabe qual ônibus que você tem que tomar?”

No começo eu aprendi pelos números. Eu pegava o 8686. E aí eu fui vendo o nome do ônibus. Certo dia eu ainda peguei o ônibus errado. Era o 8696.

E foi parar onde?

No Jaraguá. A noite já.

E aí? Como fez pra voltar?

Aí eu peguei um outro ônibus, o Praça Ramos, desci no Extra e peguei de volta.

Mas como você sabia que era o ônibus Praça Ramos para pegar?

Porque eu também decoro.”

...

“Eu morro de medo de me perder. Todo mundo fala que adulto não se perde. Que eu não sou nenhuma criança para me perder. Mas eu morro sim de medo. Quando alguém me manda ir para algum lugar que eu não conheço eu fico toda nervosa, porque eu não consigo ler. Eu estou aprendendo, mas ainda não consigo muita coisa. O que me dá mais dificuldade no dia-dia é quando a gente vai para algum lugar e tem alguma placa e às vezes eu preciso perguntar para alguém.”

Entretanto, percebe-se pela sua fala que hoje já possui desenvoltura para avaliar as alternativas de rotas para sua casa, avaliar os trechos que irão consumir menos tempo.

“A que horas você saiu de lá?

4 horas.

Chegou aqui a que horas?

Às 5.

Uma horinha só, de ônibus?

É, porque até eu descer... porque não tem ônibus, às vezes eu vou andando até no West Plaza ou senão eu pego lá o Perdizes e vou até na marechal. E de lá eu pego e volto para casa. Então, no intervalo disso gasta uns 20 minutos; mas se fosse direto era 40 minutos.

40 minutos. De trem?

De ônibus.

De ônibus. Ah, tem ponto que você pega na Marechal ou no West Plaza?

Isso.

Qual é: o Mangalot?

Pego o Mangalot.

Eu já peguei bastante o Perdizes lá embaixo, na estação Marechal.

Aí sim, mas se não for é rápido e no máximo 40 minutos.”

O domínio espacial permite inferir que a prática gera ganhos de conhecimento. Inclusive adotam raciocínios de economia de tempo, de operações matemáticas que, se apresentadas em uma sala de aula como problemas teóricos e abstratos, não seriam solucionados.

Ela mora com mais uma colega, conhecida de sua cidade de origem. Sua residência é simples, mas completa em eletrodomésticos. Ela possui conta em banco, acesso a crédito e sua companheira de residência, que tem um maior domínio da leitura, a ajuda quando necessita de apoio para leitura de contratos e outros documentos.

A. é uma pessoa de personalidade forte, e convencê-la de alguma coisa, mesmo com argumentos claros, não é tarefa fácil. Um bom exemplo disso é percebido quando conversamos sobre seguro-saúde.

“Entendi. E saúde; por exemplo, seguro-saúde, convênio médico?

Eu não tenho.

Mas você pretende ter, ou você também acha que não é importante?

Eu só penso quando eu tô doente.

Mas aí como é que faz? Você já precisou ir para o hospital?

Já, eu tive um convênio. Aí eu só usei uma vez, eu cancelei. Nos primeiros meses que eu fiz o convênio eu fiquei doente. Eu tive que ficar internada dois dias, aí ele não cobriu, lógico, porque estava em carência, era recente. E aí então eu paguei mais 2 anos e não fiquei mais doente, então eu cancelei.

Mas você cancelou porque achava que era caro? Você achava caro ou barato?

Eu achava barato, mas era um dinheiro que eu não estava usando.

Entendi. Independentemente de ser mais... E uma necessidade mais pra frente? Nesse caso, que o convênio não cobriu, você precisou pagar do seu bolso?

Eu tive que tirar do bolso. Na época foi caro.

E essas parcelinhas... vamos supor, você paga um monte de parcelas, um pouquinho por mês. Que aconteça uma vez a cada 5 anos, por exemplo, você acha que cobria ou não cobria? Entendeu?

Cobria.

Então, valeria a pena?

Valeria. Mas eu não pensava dessa forma, eu tinha 18 anos na época.

Mas e hoje, você não tem essa...

Quando eu estou doente.

Só quando está doente.

Eu acho um desperdício. Eu não sou de freqüentar médico, então, plano de saúde para mim, só quando eu estou muito ruim.”

Assim como os outros entrevistados, A. apresenta características comuns à significativa parcela da população paulistana menos favorecida: é uma migrante de uma região mais pobre com pouca instrução formal. Mas, também como os outros entrevistados, conseguiu suas pequenas vitórias. Suas limitações de estudos têm condições de ser sanadas, pois ainda é jovem e tem incentivo das pessoas à sua volta.

Com isso, as condições de seus gastos e suas decisões de consumo também devem ter algum ganho qualitativo.

4.4 G.

G. é a mais velha das pessoas entrevistadas nesse trabalho. Possui cinquenta e sete anos de idade e está há trinta e dois em São Paulo. Mineira, nasceu em Felisberto Caldeira, distância de trezentos e cinquenta quilômetros de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Sua cidade ainda é muito pequena, sendo todos os serviços de registros e cartórios executados em Diamantina, cidade distante em cinquenta e seis quilômetros. Assim, seus documentos de identificação e registros foram feitos em Diamantina. Já em sua identificação a entrevistada fala em uma distância similar a São Paulo – Aparecida. Entretanto, esse trajeto tem praticamente o triplo de distância (cento e oitenta quilômetros).

Sua infância foi extremamente pobre e dura, trabalhando intensamente na roça e sem qualquer incentivo aos estudos. O pai não abria mão da força de trabalho dos filhos no roçado, e quando a entrevistada conseguia ir à escola o cansaço não permitia o mínimo aproveitamento das aulas. Assim, quando completou vinte e dois anos e foi para Belo Horizonte, G. mal sabia assinar o nome.

O relacionamento com o pai era difícil e sua saída da cidade e deslocamento para Belo Horizonte é consequência da morte da mãe. De forma a evitar uma vida similar à de sua mãe, ela partiu em busca de uma nova vida na capital do Estado.

“Você foi de lá para Belo Horizonte?”

Isso, eu já saí direto.

Com quantos anos?

Eu tinha... Ia completar 22 anos.

E por que você foi para lá?

Ah, porque meu pai era muito nervoso, né? Então, a minha mãe, que sempre defendia a gente foi embora e o meu pai era muito nervoso, tudo era caso de briga, de coisa. Se a gente paquerava um cara ele queria casar a gente na marra. Eu saí escondidinha.

Mas você nunca... Mas você ainda fala com teu pai?

Meu pai já faleceu também. Porque eu saí... A minha mãe faleceu, passado um tempo eu falei: “eu vou sair, eu vou ir...”. A minha outra irmã, essa que mora aqui, ficou lá. E a outra já morava em Belo Horizonte, desde antes da minha mãe falecer. Aí peguei e falei para minha irmã... Ele me arranhou uns casamentos lá, eu falei para minha irmã: “se você quiser você

casa, porque a Nica tá dando o fora”. Era Nica o meu apelido lá, “eu tô dando o fora”. Aí eu saí escondida e vim embora para Belo Horizonte.”

Após um breve período em Belo Horizonte, migrou para São Paulo em razão de um emprego que uma das irmãs que morava aqui na época conseguiu. Em sua trajetória, G. conseguiu um emprego em empresa privada, saindo da condição do trabalho doméstico em casas de terceiros. Contudo, com a deterioração das condições macroeconômicas perdeu o emprego e retornou a esse patamar, no qual está até hoje.

“Porque trabalhava eu e minha irmã lá. E eu cuidei dele desde que ele nasceu até ficar desse tamanho. Aí eles separaram e eu fiquei com a mãe dele mais um tempo. Depois eu saí, trabalhei em firma, acho que uns 8 anos. Aí quando foi em 91 quando entrou aquele Collor, né, aí as firmas fecharam, essa firma que a gente trabalhava, que era uma firma de calçados que chamava Ana Raposo mudou, não sei se mudou para Minas, mas sei que ela mandou todo mundo embora. Aí eu tinha voltado, entrei nesse, também, saí, né, me mandaram embora; foi a época que ela me chamou para ficar com ela e eu acomodei, estou aí até hoje, pastando um pouco. Mas vou fazer o que, né?”

G. é uma pessoa bastante desconfortável com o seu trabalho. Reflexo de uma vida árdua, ela demonstra constantemente em seu discurso cansaço em sua rotina. Não obteve dos seus patrões grandes incentivos para os estudos e, em muitas situações, descreve que a falta de incentivo se tornou empecilho mesmo.

“Era supletivo?”

É, um supletivo; era 2 anos em um ano, né? Era isso. Era corrido demais, por isso que eu bombei também. Não consegui fazer, aí já sofri o acidente, quando eu voltei doía muito o meu pé, a gente vinha a pé, aí eu falei, era longe, a gente morava lá na rua Henrique Schaumann, você sabe, né? Ganha a rua Henrique Schaumann que tem uma quebradazinha que chama rua Lisboa. Era lá onde eu morava. E era aqui na Pompéia que eu estudava, era longe e como sempre o ônibus era meio contra mão, eu vinha com uma colega, a gente vinha a pé, sabe? Aí eu peguei, quando voltei a andar eu não vim mais na escola. Parei. E a mulher nunca gostou que eu estudasse à noite.

É?

É dessa gente preguiçosa, que tem preguiça de esquentar uma comida para comer, né, Fernando?

Entendi.

Você entende, né? Lógico que não vai querer, e é ruim, é uma coisa que ela nunca podia ter me proibido, porque é um direito meu, né?

Lógico.

Por isso eu sou meio burrona, porque ela não ajuda também.”

Apesar de ter casa própria, passa apenas um dia em sua residência. Nos demais dias da semana dorme no próprio serviço. Como também trabalha de sábado até a hora do almoço, desfruta de sua casa apenas de sábado à tarde até domingo à noite – volta para a casa onde trabalha no domingo à noite, pois segunda-feira entra muito cedo no serviço.

Mesmo não ficando muito em casa, deixou-a completa, com todos os eletrodomésticos necessários. Foi comprando aos poucos, com planejamento financeiro, sem se endividar muito.

“E como é que você foi montando a casa? Como você foi comprando?”

Como eu fui comprando? Olha, na verdade, eu lutei tanto para construir aquela casa... Eu lutei para construir, trabalhei pra caramba, sabe? Aí levante ela, empreitei lá, levantei esses dois cômodos e o banheiro, e aí dei o acabamento, né? Não pus muita coisa lá dentro ainda. Aí eu peguei e comprei, fui comprando, né? Primeira eu comprei o sofá, depois o fogão, que é o mais necessário, e a geladeira e a cozinha. Depois eu fui pra a sala; na verdade esse aparelho de som meu é antigo; você sabe aqueles pequenininhos, JVC?”

Atentando para o fato de não utilizar muito o apartamento e avaliando a possibilidade de venda, G. demonstra boa visão comercial ao construir mais um cômodo, pois facilitaria a venda.

“Na verdade a minha casa era um dormitório só, mas como eu pus para vender e a Caixa, não sei se financia imóvel dum dormitório só, é mais difícil; então, eu...como em cima da cozinha tinha a laje, dava para bater mais um dormitório, eu bati um dormitório lá em cima.

Entendi.

Você entendeu? Para ver se eu consigo vender mais rápido, melhor. Porque se uma pessoa vai lá e olha, é um dormitório só, se é solteiro, pretende casar; se já é casado, pretende ter filho. Então, tem que sempre ter uma coisa a mais para poder... E eu não consegui ainda repor esse dinheirinho lá. Eu gastei 6 pau para fazer isso lá, sabe?”

Apesar das dificuldades apresentadas em sua vida, G., a exemplo dos outros entrevistados, conquistou suas vitórias. Seu anseio pessoal e motivação para se instruir mais são pontos que contribuem para a diminuição da vulnerabilidade de compra, do risco de comprar algo sem realmente utilização plena de seu benefício.

5. Análise das Entrevistas

Os entrevistados apresentam algumas características em comum: os quatro são migrantes de outros estados, nasceram em famílias de renda baixa e tiveram poucos anos de estudo formal. As dificuldades em sua terra natal os motivaram a vir para São Paulo, em busca de melhores oportunidades de emprego e de uma vida melhor.

Com a realização de entrevistas em profundidade foi possível uma maior aproximação com os entrevistados, uma possibilidade maior de entendimento de suas complexidades e especificidades.

O objetivo dessa etapa é destacar as similaridades e diferenças nas práticas de consumo dos entrevistados e entender como o seu comportamento de compra se relaciona com o pouco domínio da leitura e da escrita.

A partir de leituras sobre o tema e conversas preliminares com os entrevistados e demais professores do curso de alfabetização, foram definidos sete grandes temas para análise que seriam suficientes para um bom entendimento das situações cotidianas enfrentadas pelos entrevistados. Os temas definidos foram: identificação, organização familiar e domiciliar, posse de bens, padrão de deslocamento, hábitos de compra, outros hábitos e preferências e situações profissionais. Como foi descrito no capítulo 2 – Referencial Teórico - os modelos de vulnerabilidade foram desenvolvidos sob diversos contextos. A análise dos temas ficaria mais rica se complementada com um modelo mais genérico de vulnerabilidade, como o proposto por BRENKERT (1998). Em seu modelo a vulnerabilidade de um indivíduo ter sua manifestação identificada em quatro dimensões: física, motivacional, social e cognitiva. Com os sete temas e as quatro dimensões propostas no modelo escolhido as análises foram sintetizadas em quadros individuais para os entrevistados (quadros 4, 5, 6 e 7), compostos por vinte e oito cruzamentos que confrontam em qual aspecto de sua vida foi identificada uma das dimensões de vulnerabilidade proposta.

Algumas das observações presentes no quadro estão acompanhadas com o sinal “(+)”. Esse sinal identifica situações em que o respondente demonstra uma afirmação positiva à situação.

Seguem os quadros:

Quadro 4: Análise do entrevistado A. a partir dos tópicos do roteiro definidos.

Respondente A.		TÓPICOS DO ROTEIRO						
		Identificação	Organização familiar e domiciliar	Posse de bens	Padrão de Deslocamento	Hábitos de compra	Outros hábitos e preferências	Situações profissionais
Dimensões de Vulnerabilidade	Física	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.
	Motivacional	Usa a si própria como exemplo para as dificuldades de não possuir estudo ²⁵	Seguro de casa ¹⁴ ; Seguro-saúde ¹⁵	Julga "não merecer" computador ⁶	Receio de deslocamento em bairros novos, por não conseguir se localizar ¹⁰	Compra com alta frequência e em lugares próximos pela dificuldade de locomoção ²⁶ (+) Confronto com vendedoras ²⁸	Ir à escola somente com outros adultos ³ ; Destaque da sua carência, mesmo em um auto-elogio ⁹ ; Irritação por não conseguir ler revistas ¹¹ ; Seleção do dia do cinema pela oferta de filmes dublados ²⁴	Lamenta a falta de estudo, pois queria um emprego melhor ⁴ ; Comparação com as irmãs "estudadas"
	Social	Não identificada.	Gatilhos Migratórios ¹ ; Seguro de casa ¹⁴ ; Seguro-saúde ¹⁵ ; Dificuldade em listar um plano de redução de custos em uma situação hipotética de restrição (margem menor de gastos supérfluos) ³²	Quantidade desnecessária de TVs em casa ⁵	Necessidade de dormir no serviço para assistir as aulas à noite ¹⁸	Alega sempre parcelar ⁸ ; Pesquisa de preços ¹⁶	Pouca oferta de cinema e teatro na região. Exigência de deslocamento ²³	Má colocação ²⁰
	Cognitiva	Dificuldade de se apresentar e explicar que tipo de auxílio médico precisa para atendimento. Observação de outras pessoas no ambulatório para saber como agir ²⁹	Não identificada.	Quantidade desnecessária de TVs em casa ⁵ ; Já possui internet, mas não possui computador ⁷ ; Não utiliza um produto por não saber o que é. Mantem fechado por ser de uma marca famosa ²⁷	Identificação dos ônibus ² ; (+) Domínio das alternativas de rotas de ônibus ¹⁷	Auxílio para a assinatura de contratos ¹² ; Afirma não ser influenciada em seus hábitos de compra, mas descreve comportamentos impulsivos ¹³ ; (+) Domínio dos conceitos de juros ³⁰ ; Comprou de uma televisão nova, em que reconhece a não necessidade ³¹	(+) Conhecimento das rezas de cabeça ¹⁹ ; Não frequenta shows gratuitos ²²	Considera que as irmãs possuem empregos melhores, mas também ganham pouco ²¹

Fonte: Elaborado pelo autor.

- ¹ Veio sozinha com 17 anos. Veio passear, terminou com o noivo e ficou na cidade.
- ² Identificação da linha correta pelo número da linha. Dificuldade em identificar o nome do trajeto.
- ³ Não aceitava ir à escola se houvesse crianças. Vergonha de ser mais velha e não saber.
- ⁴ Era costureira em sua terra natal, mas aqui não conseguiu a mesma colocação - não consegue preencher uma ficha.
- ⁵ Quantidade desnecessária de TVs em casa.
- ⁶ Julga não merecer computador, pois não desenvolveu suficientemente a leitura.
- ⁷ Possui internet, mas não computador (?)
- ⁸ Resposta imediata sobre condições de compra é de sempre parcelar.
- ⁹ Valorização do esforço ao montar a casa e na aquisição de produtos, mas mesmo assim destaca o fato de não saber ler.
- ¹⁰ Insegurança quanto à incapacidade de se localizar e se deslocar.
- ¹¹ Desconforto por não conseguir entender uma reportagem de revista.
- ¹² Sabe assinar o nome, mas não consegue ler e interpretar um contrato. Necessidade de auxílio.
- ¹³ Afirma não ser influenciada, mas descreve compras feitas por impulso.
- ¹⁴ Não adquire por acreditar ser uma bobagem. Demonstra receio de ser "enganada" quando for discutir o contrato.
- ¹⁵ Não possui pela não utilização. Não se trata de escassez de recursos. Dissonância no diálogo quando confrontada com argumentos racionais.
- ¹⁶ Limitação dos espaços geográficos do trabalho e da residência. Tem receio de dirigir. Não pensa em adquirir carro próprio. V. geográfica.
- ¹⁷ (+) Domínio espacial. Alternativas no padrão de deslocamento, rotas, economia de tempo. A praticidade gera ganhos de conhecimento. Dificuldade em atentar para o uso da teoria que suporta esse raciocínio prático.
- ¹⁸ Deslocamento grande para ser feito após as aulas no período noturno.
- ¹⁹ (+) Conhecimento prático - sabe rezar perfeitamente - transmitido pela mãe desde que era pequena.
- ²⁰ Dificuldade de preenchimento de fichas para obtenção de emprego de costureira em São Paulo.
- ²¹ As irmãs também ganham mal, também tem dificuldade de economizar, mas mesmo assim são consideradas como melhor empregadas. Dificuldade em formular as justificativas.
- ²² Reprodução de preconceitos - muita "baianada em show grátis".
- ²³ Necessidade de deslocamento grande para ir ao teatro. Pouca oferta na região.

- ²⁴ Oferta de filmes dublados como limitador do dia de ir ao cinema.
- ²⁵ Usa a si mesma como exemplo negativo para coibir o afilhado em caso de vontade de desistir dos estudos.
- ²⁶ Compra semanal em mercados próximos pelas circunstâncias: comem muito fora de casa, logo fazem compras menores. Não possui carro, o que também dificulta.
- ²⁷ Mantém um frasco fechado há anos por acreditar ser de uma marca famosa. Mas não sabe qual a sua utilização.
- ²⁸ (+) Não se intimida com postura de distanciamento. Confronto com vendedoras que não atendem bem.
- ²⁹ Pronto-socorro com várias salas é difícil para identificar o médico correto. Procura observar outras pessoas para saber como agir.
- ³⁰ (+) Empowerment. Domínio do conceito de limite, valor mínimo e manuseio do cartão. Recusa de produtos oferecidos pelo banco – talão de cheques.
- ³¹ Comprou a televisão nova e reconhece que não precisava de uma TV nova. Comprou pela beleza e por todos os recursos que ela possui, mas que não são utilizados.
- ³² Dificuldade em listar as alternativas para a redução de custos, em uma situação hipotética de restrição de orçamento.

Quadro 5: Análise do entrevistado G. a partir dos tópicos do roteiro definidos.

TÓPICOS DO ROTEIRO								
Respondente G.		Identificação	Organização familiar e domiciliar	Posse de bens	Padrão de Deslocamento	Hábitos de compra	Outros hábitos e preferências	Situações profissionais
Dimensões de Vulnerabilidade	Física	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.
	Motivacional	Timidez na conversa ¹ ; "A idiota aqui não tempo para ler, por isso que eu demoro mais" ²⁹	Não identificada.	(+) Valorização pessoal ao falar da casa ¹⁰ ; Relação de marca com preço do produto ²³	Não identificada.	Assina contrato sem auxílio de ninguém, mas apenas "dá uma olhadinha nos valores" - Risco de assumir compromissos sem ciência ²⁵ ; (+) Confronto com vendedoras ¹⁴	Dificuldade de estudar à noite ⁸ ; Assiste filme legendado quando só tem esse ²⁰ ; Vai ao teatro quando se aposentar ²¹	Não identificada.
	Social	Estudo como forma de não ser passada para trás, não ser humilhada ²⁸	Gatilhos migratórios ³ ; Os pais não sabiam ler, os irmãos não sabem ler ²²	⁷ Casa própria	Não identificada.	Compra na farmácia popular ^{14,}	Formação educacional ⁵ ; Ausência de programas e hobbies ¹⁷	Retorno ao sub-emprego ⁶ ; Ausência de FGTS ¹²
	Cognitiva	Dificuldade de localização da cidade onde nasceu ²	Confusão temporal no diálogo ⁴	Dificuldade em responder se possui cartão de crédito ¹¹ ; Pede auxílio rapidamente para mexer no celular, nem tenta aprender sozinha ²⁴	Não identificada.	Escolha do médico ¹³ ; Identificação da caixa do remédio por já tomar há bastante tempo ¹⁶	Matemática sem conta é mais difícil. Dificuldade de abstração ⁹ ; Nem busca as informações sobre os efeitos colaterais dos remédios ¹⁵ ; Come na rua em lugar cheio, que portanto não fará mal ¹⁸ ; Inexistência de salas de cinema próximas ¹⁹	Planos de aposentadoria ²²

Fonte: Elaborado pelo autor.

- ¹ Quero só ver o que vou responder pra você!
- ² "a cidade mais próxima é 2h30 de carro. Como se fosse daqui para Aparecida."
- ³ Perda da mãe, a responsável pela defesa do pai nervoso; "arrumava casamentos".
- ⁴ Voltou para visitar o pai, conversou com ele - não deu tempo de ir ao enterro - já tinha morrido há oito dias.
- ⁵ Prioridade do trabalho braçal em relação ao estudo."Ficava semanas na roça".
- ⁶ Momento econômico ruim. Perda do emprego, retorno ao serviço de doméstica; "Comodismo com a situação".
- ⁷ Fica apenas 1 dia por semana na casa. Reconhecimento das alternativas de investimento.
- ⁸ Falta de incentivo dos patrões; distância grande; "por isso que sou meio burrona".
- ⁹ Dificuldade no entendimento do conceito abstrato das contas. Preferência por situações práticas.
- ¹⁰ (+) Valorização do esforço ao montar a casa e na aquisição de produtos.
- ¹¹ Dificuldade em responder precisamente se possui cartão de crédito.
- ¹² Aumento da necessidade de planejamento financeiro.
- ¹³ "Deve ser um bom médico, porque está sempre lotado".
- ¹⁴ Identifica alternativas ao preço alto - cadastro na farmácia popular.
- ¹⁵ Como há muita coisa escrita, a entrevistada nem busca detalhes das bulas dos remédios que toma.
- ¹⁶ Sabe a dosagem e as características do remédio pela caixa.
- ¹⁷ "A única coisa que eu faço é trabalhar". Poucas alternativas de lazer.
- ¹⁸ Não é possível que vai fazer mal pra tanta gente.
- ¹⁹ Gosta de cinema, mas não há ofertas nas redondezas.
- ²⁰ Vê o filme que tem. Se só tem legendado, acaba assistindo mesmo sem entender. "A gente é meio cabeçuda..."
- ²¹ Gosta de teatro; nunca foi; pretende ir somente quando se aposentar.
- ²² Vou me aposentar e ver se dá pra viver. Se não der, volto a trabalhar. Não há um planejamento mais detalhado previamente.
- ²³ Não usa roupa de marca, pois é só para quem tem dinheiro.
- ²⁴ Não tem "paciência" para ler o manual, então já pede ajuda logo para lidar com produtos novos e tecnológicos.
- ²⁵ "Eu mesmo dou uma olhadinha por cima, nos valores..."

²⁶ (+) "Se me tratam mal em uma loja eu tenho direito de responder nas alturas!"

²⁷ Tentativa de auxiliar o irmão a aprender a ler, mas sem sucesso. Também não obteve auxílio dos seus pais.

²⁸ Quer aprender a ler e escrever para não ser humilhada ou enganada.

²⁹ Acredita que é incapaz de aprender rapidamente.

Quadro 6: Análise do entrevistado V. a partir dos tópicos do roteiro definidos.

Respondente V.		TÓPICOS DO ROTEIRO						
		Identificação	Organização familiar e domiciliar	Posse de bens	Padrão de Deslocamento	Hábitos de compra	Outros hábitos e preferências	Situações profissionais
Dimensões de Vulnerabilidade	Física	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.
	Motivacional	Estranhamento e vergonha com o próprio nome ¹	Não identificada.	(+) Valorização dos bens em casa ⁵ ; Conta na Caixa Economica Federal ⁹	Não identificada.	Não identificada.	Dificuldade de chegar à escola ³ ; Explicação sobre até que série estudou ⁴ ; Cinema ¹⁶	Fazer compras, saber cozinhar ¹⁵
	Social	Não identificada.	Gatilhos migratórios ²	TV de plasma como resposta da primeira coisa que gostaria de ter ⁶	Não identificada.	Se você pagar direitinho aí eles te recebem bem ¹⁰ ; Dificuldade no entendimento dos juros ¹¹	Dificuldade de chegar à escola ³ . Não podia sair a noite para dançar ⁷ (+) Ascensão social da segunda geração ¹⁴	Não identificada.
	Cognitiva	Não identificada.	A filha ajuda a ler os contratos ¹³	Não identificada.	Não identificada.	Parcelamento de tudo, só olha a parcela ⁸ ; Justifica o parcelamento pelo valor, mas não pela necessidade de aquisição do produto ¹²	Explicação sobre até que série estudou ⁴	Não identificada.

Fonte: Elaborado pelo autor.

- ¹ O nome é Vitória A.. Qual a razão do estranhamento?
- ² Poucos recursos no Estado de origem. Sair para buscar uma vida melhor.
- ³ Longos caminhos - perigos no caminho até a escola. Pouco incentivo dos pais.
- ⁴ Dificuldade de explicitar até qual série estudou formalmente - claro constrangimento quando questionada sobre a inconsistência das informações passadas.
- ⁵ (+) Reforço dos bens que possui. Tem "tudinho". Não há pendência em sua casa.
- ⁶ A entrevistada enumerou carência em diversas dimensões de sua vida, mas a primeira coisa que veio à sua cabeça foi uma TV de plasma.
- ⁷ O marido não permitia fazer os programas que gostava.
- ⁸ Faz as contas pelo valor da parcela.
- ⁹ Explica meio envergonhada que é "banco de pobre".
- ¹⁰ Por que só se pagar direitinho? Conformismo com tratamento errado.
- ¹¹ Explica sobre os juros em valor absoluto; Não leva em conta o valor absoluto.
- ¹² Justificativa para o parcelamento. Consideração do valor, mas não na necessidade de pronta aquisição do produto.
- ¹³ Ascensão social - a filha faz faculdade.
- ¹⁴ (+) Ascensão social da segunda geração. A filha já cursa faculdade.
- ¹⁵ Conseguir fazer as contas, calcular o troco; Ler uma receita e conseguir replicar.
- ¹⁶ Diz gostar de filmes, mas perguntada se consegue ler as legendas já diz não gostar – Contradição.

Quadro 7: Análise do entrevistado I. a partir dos tópicos do roteiro definidos.

TÓPICOS DO ROTEIRO								
Respondente I.		Identificação	Organização familiar e domiciliar	Posse de bens	Padrão de Deslocamento	Hábitos de compra	Outros hábitos e preferências	Situações profissionais
Dimensões de Vulnerabilidade	Física	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.	Não ocorreu.
	Motivacional	Apresentação da cidade onde de nascimento ¹ .	Não identificada.	Não identificada.	Não identificada.	Não identificada.	Não consegue mais ajudar a filha nos estudos ⁵ ; Necessidade de incentivos para avançar nos estudos ¹⁸ .	São Paulo como última alternativa de trabalho ³ ; Exigência de mais tempo de estudo ⁶ ; Concorrência pelos empregos ⁸ .
	Social	Apresentação perante as filhas ¹⁰ .	Gatilho migratório. Tentar a vida em São Paulo ² .	Comparação com amigas de melhores condições econômicas ¹¹ ; Compra com conhecidos, negócios "particulares" ¹⁶ .	Não identificada.	Preferência natural pelo parcelamento ¹⁴ ; Compra com conhecidos, negócios "particulares" ¹⁶ ; Descontrole de dívidas ¹⁷ .	Não identificada.	São Paulo como última alternativa de trabalho ³ .
	Cognitiva	Estudos ⁴ ; Consegue ler, mas troca as letras ao escrever ⁷ .	Não identificada.	Não identificada.	Não identificada.	Não identificada.	(+) Tirou carteira de motorista ¹²	(+) Capacidade de resolução de problemas ⁹ ; Reprovação no exame teórico para habilitação de motorista ¹³ ; (+) Reforço dos elogios recebidos ¹⁵ ;

Fonte: Elaborado pelo autor.

- ¹ Utilização de piada para apresentar a cidade. Tom de vergonha na resposta.
- ² Padrão de deslocamento familiar. Já possuía um irmão que morava na cidade e a migração era o único caminho.
- ³ A cidade é apresentada como "mãe do nordestino". Se não for capaz de se dar bem aqui, não será em lugar nenhum. Ocupações tradicionais de serviço.
- ⁴ Estudou até a terceira série, mas com conhecimento de primeiro ano.
- ⁵ Falta de conhecimento para auxiliar a filha incomoda.
- ⁶ Menor valorização do conhecimento prático. Precisa apresentar quantidade maior de tempo de estudo.
- ⁷ Dificuldade ao redigir palavras dificulta sua apresentação.
- ⁸ Demonstra preocupação pela grande concorrência e valorização dos anos de estudo. Receio da dificuldade de se manter empregado.
- ⁹ (+) Procura explicar que, para o serviço que executa, os anos de estudo não se mostram fundamentais. Apresenta caso de colegas com mais tempo de estudo e menor capacidade de resolução de problemas do cotidiano.
- ¹⁰ Constrangimento: demonstra incômodo por ter que buscá-las no colégio com roupa de porteiro.
- ¹¹ Situação de maior stress com a filha que já se atenta para as condições de ter mais ou menos coisas. Comparação com as amigas.
- ¹² (+) Empowerment. Capacidade de tirar a carteira de motorista dentro do DETRAN de São Paulo.
- ¹³ Não conseguiu memorizar as palavras para o ditado. Precisou "burlar" as orientações e escrever no mesmo momento para concluir o exame.
- ¹⁴ O entrevistado nem cogita o pagamento à vista.
- ¹⁵ (+) Reforço / repetição dos elogios que recebe de terceiros por sua capacidade. "As pessoas não acreditam que tenho pouco tempo de estudo".
- ¹⁶ Ausência de intermediação bancária nas primeiras compras maiores - primeiro carro, por exemplo.
- ¹⁷ Pagamento do valor mínimo do cartão de crédito por meses. Aumento da dívida e necessidade de auxílio de colegas para sua quitá-la.
- ¹⁸ Auxílio e motivação dos professores são importantes para que se sinta capaz de aprender, realizar as provas e tarefas necessárias.

5.1 Identificação

Alguns aspectos de vulnerabilidade são identificados nas respostas dadas pelos entrevistados em sua própria apresentação. Seja com uma brincadeira, com certa timidez ou até mesmo na dificuldade de expressar sua resposta com clareza, foi possível identificar aspectos de vulnerabilidade – motivacional, social e cognitiva – nessa etapa da entrevista.

Por exemplo, quando solicitada a apresentação, com nome completo, idade e local de nascimento, foram obtidas as seguintes respostas de I. e V., respectivamente:

“Primeiro eu gostaria que você falasse o seu nome completo, sua idade e o local onde você nasceu.

Meu nome é I. S. S., tenho 33 anos e nasci na Paraíba, em São José da Lagoa Tapada.

Cidade pequena?!

É, mas existe no mapa (risos).”

“Pra começar eu gostaria que você falasse o seu nome completo.

Não vai se estranhar com o meu nome, hein.

Não, pode deixar.

É que o meu nome é meio complicado.

Completar também quantos anos você tem.

Meu nome é V. T. A.. Já tenho 45 anos. Que mais?”

Já no caso de G. há clara dificuldade de explicar a exata localização da cidade de nascimento.

“(Você é) De que cidade?

Diamantina.

Diamantina? Perto de ...?

Da Bahia é Adamantina, né? E lá da gente é Diamantina, aquela cidade histórica.

Cidade histórica, perto de Congonhas do Campo.

Eles falam que é a cidadezinha histórica de Minas, né, Diamantina.

Mas é perto de onde? Mariana?

Na verdade eu sou de Felisberto Caldeira. Nós chamamos lá de Rio Preto. Certo? Mas o nome mesmo é Felisberto Caldeira. De Diamantina lá dá, acho que 2 horas e meia de carro próprio. É como se fosse daqui em Aparecida, eu acho. Entendeu?

De Felisberto Caldeira é 2 horas e meia de Diamantina.

É. Mais ou menos dá isso, que é o lugar que eu... Eu nasci lá. Mas como a cidadezinha é muito pequena o registro da gente é tudo em Diamantina.

Ah, entendi.

*Que é o lugar maior, né?
Nossa! 2 horas? O lugar maior é 2 horas? Não tem nenhuma
outra cidade por perto?
Não, não tem. É tudo comérciuzinho, porque o povo trata de
comércio, né?”*

O preenchimento de cadastro é condição básica para situações de cotidiano. Seja na busca de um emprego ou na abertura de uma ficha em uma loja, o domínio das próprias informações básicas é fundamental para que se consiga concluir transações comerciais simples. Dado que os entrevistados utilizam com bastante frequência a modalidade de compra a crédito, a etapa de abertura de crediário pressupõe a obtenção dos dados pessoais para verificação. Mesmo nos casos de compra à vista é procedimento comum dos estabelecimentos comerciais a requisição dos dados pessoais para a elaboração de ficha do cliente.

Tal dificuldade na identificação da cidade da cidade de nascimento e essa “vergonha” em sua própria apresentação podem ser relacionadas às dimensões de vulnerabilidade motivacional e cognitiva do modelo de BRENKERT (1998). O estado individual do respondente no momento do questionamento também é importante. A forma como lida com a possível dificuldade de se fazer entender – com bom humor ou aflição, por exemplo – é fundamental para o desenvolvimento da interação social, que pode ser uma conversa para obtenção de informações de um produto (consumo) ou uma negociação (compra). Essa variável de estado individual foi prevista pelo modelo de BAKER et al. (2005) como um dos fatores de influência na experiência de vulnerabilidade em contexto de consumo.

A apresentação de si próprio como um exemplo negativo pela falta de estudo demonstra consciência das dificuldades geradas pela ausência de instrução. Isso pode ser interpretado como um fator que possa gerar incentivo para frequentar as aulas e dedicação na escola. Entretanto, pode também adquirir um caráter auto-depreciativo, desvalorizando outras características positivas de sua pessoa, como o conhecimento prático e o saber não formal.

Conforme sua entrevista, A. divide a moradia de sua casa com mais uma colega e seu afilhado, filho de sua amiga. Quando questionada sobre a possibilidade de a criança também querer abandonar os estudos em algum momento, A. afirma que ela mesma é um exemplo das dificuldades que a falta de estudos gera ao adulto:

“Ele está com 7 anos.

E já está na primeira série?

Já.

Então, tá idade certinha...

Isso.

E se ele, daqui, sei lá, 4-5 anos, falasse: “eu não quero mais ir para a escola”...

Ah, não seria legal, a gente não ia deixar.

Mas o que vocêalaria?

Eu ia dar a minha experiência própria. Tem um espelho, sou eu mesma.”

A percepção negativa de si própria pode gerar aceitação de situações injustas, em que a pessoa acata decisões desfavoráveis a si própria por entender “não merecer coisa melhor”.

5.2 Organização familiar e domiciliar

Fator comum aos quatro entrevistados, a migração da terra natal para a cidade de São Paulo ocorreu há pelo menos uma década – A. está em São Paulo há 11 anos, I. há 14, V. há 25 e finalmente, G. está em São Paulo há 33 anos. Mais um aspecto em comum, a migração ocorreu em momentos de semelhante faixa etária. Os quatro entrevistados vieram a São Paulo ao redor dos vinte anos de idade.

A vinda para a São Paulo tem como motivo maior a oferta de empregos. Residentes de cidades interioranas de estados mais pobres, São Paulo aparece como solução para uma vida melhor:

E você veio para cá com quem? Você, sua filha...?

Minha mãe, meus irmãos, meu marido.

Veio todo mundo?

Todo mundo. Porque lá na Bahia não dava mais para morar não.

Por quê?

O recurso de lá era muito ruim pra viver, trabalhando na roça, entendeu?”(V.)

“Você tem família lá ainda?

Meus pais ainda estão lá.

Seus pais ficaram. E você veio para cá por quê?

Por causa que lá o que sobra.... o ganho é diferente daqui, né? Lá não tem opção. Aqui você sempre consegue algum tipo de serviço, se virar. São Paulo é apontada é praticamente a mãe do nordestino. Se um sujeito não consegue nada por aqui em outro canto não consegue não.” (I.)

Apesar da carência de recursos a cidade de origem é apresentada como um bom lugar e descrita positivamente por todos os entrevistados. A mudança para a capital paulista é vista como de ordem prática, por questão de sobrevivência e oferta de emprego. Alguns dos entrevistados não descartam até o retorno para sua cidade, em uma situação melhor, com capacidade de ter o próprio negócio.

Quando os entrevistados migraram, o fizeram junto com outros membros da família ou conhecidos, ou já possuíam conhecidos que tinham migrado anteriormente. Essa rede de contatos é fundamental na chegada à cidade, com a apresentação de companhias, ofertas de moradias e indicações de empregos.

O status de poucos anos de estudo que todos os entrevistados possuíam quando migraram – ou seja, até os vinte anos de idade com poucas instruções formais – pode ser explicado também pela organização familiar. Os quatro apresentam pelo menos o pai ou a mãe analfabetos (quando não são os dois). A falta de incentivo em casa combinada à baixa qualidade das escolas proporcionam alta evasão escolar.

“E você chegou a estudar lá?”

Estudei.

Você estudou até que série?

Até a segunda. E com o tempo eu esqueci tudo.

E porque você parou de estudar na segunda série?

Porque eu não quis continuar. Eu cansei. Veio logo o negócio de namorar e aí eu matava aula. E hoje eu me arrependo.

(...)

E sua mãe... como foi a reação da sua mãe?

Ela não gostou, ela ficou brava, tirou muitas coisas... Muitas coisas não, porque lá no norte não tem, que nem aqui, né, tirar uma televisão, como a gente fala para os filhos. Mas assim, de ir na casa de uma amiga, de sair, porque lá a gente gosta muito da rua. Então, se falasse que não iria para a rua era uma tragédia.

E ela sabia ler e escrever?

Ela sabe. O meu pai não sabe.

E ela não tentou, depois, ensinar vocês... (quando) você largou a escola...?

Não, ela ficou brava e falou que não ia ensinar burro velho, e não sei o que; ela ficou com raiva. E aí... ela não deixava, que nem eu falei, ela batia muito, ela bateu ainda para eu voltar para a aula, mas não. As minhas irmãs foram, todas elas terminaram. E a única sou eu.” (A.)

Nas cidades em que predomina a agricultura manual e familiar os filhos são fundamentais na ajuda no trabalho da roça. Sendo uma atividade operacional, quanto mais “braços” à disposição para ajudar no campo melhor. Assim, muitos dos seus habitantes – e os entrevistados não fogem à regra – ou nem freqüentaram a escola em razão do trabalho ou o fizeram em paralelo aos estudos, com claro detrimento do aproveitamento na escola.

“Você veio com 19 anos. E você estudou até que série lá?”

Eu fiz até a terceira serie. Mas hoje a gente vê que o estudo lá é diferente daqui. O estudo lá você tem a quarta serie e a quinta serie, mas você tem praticamente a primeira. Lá eu não sabia. Eu cheguei a conhecer a interrogação. Agora esses dois pontos que a gente fala, travessão, espaço para parágrafo, lá ninguém falava isso não. É uma escola que você estudava, você ia na escola todo dia. Aí tinha muita greve dos próprios professores aí de burrice eu fiz a minha. Falei que não ia mais para a escola, desisti.

Isso na terceira serie do primário?

Terceira.

Mas aí o que você fazia? Você trabalhava?

Trabalhava, com agricultura.

A cidade era pequena ou era campo?

Era cidadezinha mesmo. Só que a gente trabalhava afastado da cidade, mais ou menos uma hora de distancia, de bicicleta, a pé mesmo.”(I.)

“E você estudou até que série, lá?”

Ah! Lá nós não estudamos nada.

Nada?

Nada. Até tinha... No comércio a gente não podia ficar estudando, ele não deixa a gente ir. Ele pegava assim: a gente arrumava uma professora, punha lá, mas a gente, super cansado, porque ficava na roça com ele direto... Cansava muito, a gente não tinha aquele ânimo para estudar. Porque a gente trabalhava pesado com ele.

Na roça?

A gente ficava semanas na roça trabalhando, sabe? E a minha mãe ficava com uma outra lá, e as outras ficavam na roça com ele.”(G.)

Por viverem no limiar da pobreza os agricultores utilizam todas as alternativas para diminuir suas carências econômicas. Essa vulnerabilidade de renda das famílias agrícolas foi discutida por ROSENZWEIG & WOLPIN (1993). Um exemplo de resistência à essa vulnerabilidade é o auxílio de toda a família como mão de obra

manual no roçado, reduzindo a carência imediata, mas ao mesmo tempo comprometendo ou dificultando o cenário futuro dessas crianças. A manutenção das gerações na mesma condição foi identificada pelos autores como espiral de empobrecimento dos agricultores.

Três dos quatro entrevistados trabalharam na agricultura desde criança, mas assim que se tornaram adultos buscaram outros caminhos. O abandono do trabalho na agricultura deve ter impactado àqueles que ficaram no campo. A vulnerabilidade de renda frente a choques demográficos, promovidos pela dissolução da unidade familiar, por exemplo, foi analisada por KOCHAR (1995).

5.3 Posse de Bens

Na abordagem desse tópico nas entrevistas é possível identificar algumas situações de vulnerabilidade de consumo, tanto no aspecto de aquisição de um produto quanto de sua utilização. Um fácil caminho a ser adotado na análise seria a conclusão da não necessidade de compra de produtos teoricamente supérfluos em razão das dificuldades financeiras apresentadas pelos entrevistados. Por exemplo, A. apresenta uma residência simples, de dois dormitórios e uma sala, mas possui quatro televisores. Uma inclusive de última geração tecnológica, em que não tem domínio das funcionalidades:

“E na casa vocês tem televisão? Uma, duas, uma pra cada pessoa?”

Televisão a gente tem de sobra.

Ah, é? Quantas TVs?

Você vai achar um absurdo, mas só não tem televisão em casa no quintal. Mas na cozinha, nos dois quartos e na sala.

Já são quatro então. Mas porque vocês tem tanta TV?

Por que eu adoro ver televisão. Sou apaixonada por TV. Tudo o que passa eu estou vendo.”

(...)

E acho que vai para esse negócio da boniteza, sabe, da tecnologia, essa daí eu fui pela tecnologia, porque ela tinha tudo que a outra não tinha.

O que, por exemplo?

Ah, são tantas coisas, que eu não entendo mais. Por exemplo, ela grava não sei quantas horas, ela filma, ela faz um monte de coisas, coisas que a outra não fazia.

Você usa, você costuma usar esse negócio, gravar programa?

Ah, ainda não tentei, mas ela fica lá.

Tá lá.

É só a forma de consumir, eu não vou usar, mas ela está ali. Entendeu? Eu sei que ela não vai fazer, mas ela está lá.” (A.)

O argumento racionalmente contraditório – comprar uma televisão pelos atributos tecnológicos, mas não utilizá-los – se enquadra parcialmente na caracterização de vulnerabilidade de consumo teorizada por SMITH & COOPER-MARTIN (1997). A argumentação é a de que a limitação das habilidades do indivíduo em maximizar utilidade ou bem-estar torna o indivíduo suscetível a malefícios econômicos, físicos e psicológicos. Esse é um bom exemplo da complexidade da análise do tema. Pode-se questionar o prejuízo econômico do entrevistado, mas não um malefício psicológico.

O questionamento sobre a aquisição de bens materiais estar sendo usada como procura de bem-estar é legítimo ao exemplo, dado que o entrevistado possui restrições em outras dimensões de sua vida (analfabetismo e infelicidade com o emprego, por exemplo). Esse questionamento foi teorizado por HILL & STEPHENS (1997).

Apesar de o próprio entrevistado identificar que não sabe utilizar as ferramentas pelas quais justifica ter comprado a televisão, deve-se levar em conta que a lógica de consumo é distinta para indivíduos de pouca instrução. O entendimento da relação de custo e benefício é distinto, é questionável se há clareza nos conceitos de poupança e economia para aproveitamento em momento futuro. Não há entendimento claro de que abrir mão de um valor financeiro no presente trará benefícios certos no futuro (OLIVEIRA; 2009, p.93):

Já para algumas outras situações o domínio da lógica de investimento é claro: a aquisição de um imóvel próprio, de uma residência. Trata-se de uma unanimidade entre os entrevistados a importância de ter o seu “cantinho”:

“Eu fiquei morando de aluguel. Depois a gente montou minha casinha. Consegui com sacrifício comprar o terreno e subir a casa. Eu moro lá em Barueri.” (V.)

“Porque eu sou sozinha, eu não tenho marido, eu não tenho filho, Fernando, mas eu tenho o que consegui, Deus conseguiu me dar com o meu suor, com o meu sangue, porque não é... A gente já fala que é sangue, é tão sofrido... É tão sofrido que a gente já fala que é o sangue. Então, é uma coisa que Deus me deu, eu consegui construir com Deus, Deus me deu ali para viver quando eu estiver velhinha, viver no meu cantinho (...) (G.)

A importância do imóvel próprio deve ser contextualizada para o emprego dos entrevistados. Todos passam a maior parte dos dias da semana morando no emprego. Seja como empregada doméstica, cuidadora, cozinheira ou zelador, todos residem em um ambiente que não é próprio. Apesar da privacidade de um quarto ou mesmo de uma área maior, não há o conforto da sua própria casa.

No aspecto do consumo que se refere à utilização dos produtos alguns exemplos atentam para o mau uso. Por exemplo, a afirmação de ter internet, mas não ter computador - embora nesse caso, suspeita-se de que o entrevistado não parou para pensar antes de dar a resposta, pois vinha em uma sequência de respostas positivas sobre os eletrodomésticos que possuía em casa. Essa observação é respaldada pela sequência da resposta, em que a entrevistada diz que iria comprar para si própria um computador, mas acabou desistindo por não ter avançado no conhecimento da leitura.

“Geladeira? Fogão?”

Geladeira, fogão, microondas, televisão. Tudo o que você imaginar. Ainda tem sobrando, que nem eu te falei das TVs. A única coisa que eu não tenho mesmo é casa. Aqui em São Paulo eu não tenho, mas pretendo ter um dia.

E celular?”

Sim. Eu tenho dois, minha comadre tem dois e em casa tem duas linhas por causa da TV a cabo.

Vocês têm internet?”

Sim, temos. A única coisa que eu pretendo ter e que eu ia me dar de presente de Natal, mas agora eu não vou me dar é um computador. Mas eu não me esforcei o suficiente para aprender a ler bem então eu deixei um pouco pra lá. A única coisa que eu mexo um pouco ainda é o meu Orkut.

Mas vocês têm computador?”

Ainda não.” (A.)

O computador é um objeto que aparece na lista de desejos de produtos dos entrevistados. A importância do domínio da informática está presente nos discursos, no aspecto profissional ou pessoal.

“Que nem eu tava falando, hoje em dia o estudo é tudo. Porque você tá indo de um jeito que tudo é computação. Futuramente, os próprios prédios novos hoje em dia têm um computador lá na portaria. Mexer no sistema, puxar uma imagem de três dias anterior você tem que fazer. Se alguém for dar um curso você aprende. Agora se for bater assim de cara você não vai conseguir.” (I.)

A aparência dos produtos ou o status de um serviço tem importância na decisão de aquisição ou utilização. Por exemplo, A. mantém alguns vidros de cosméticos fechados há anos. Embora tenha ganhado de presente, ela não utiliza por não saber exatamente do que se trata. De forma análoga, ao ser questionada se possuía conta em banco, V. complementa a resposta com “é banco de pobre mesmo”.

Fatores externos ao produto ou serviço, como o design e as ferramentas de uma televisão ou pacotes combinados de serviços de televisão e internet podem induzir o consumidor menos preparado a não refletir sobre os custos e benefícios a aquisições desnecessárias. O analfabetismo potencializa a vulnerabilidade do consumidor.

5.4 Padrão de deslocamento

O padrão de deslocamento aparenta ser o tópico abordado do roteiro de menor vulnerabilidade por parte dos entrevistados. Associada às dificuldades na leitura e na escrita, a vivência do cotidiano é dificultada com o não aprendizado das melhores formas de se deslocar pela cidade. Suas residências normalmente são em bairros periféricos da cidade ou na região da Grande São Paulo, necessitando de grande deslocamento para chegar ao trabalho ou voltar para casa. Como não possuem carro – apenas um dos entrevistados conseguiu comprar um recentemente – a utilização dos transportes coletivos não é uma escolha. Assim, para qualquer necessidade de deslocamento é necessário o conhecimento das linhas de ônibus, metrô ou trem e o conhecimento das ruas e trajetos para o alcance do destino.

A distância mencionada entre o trabalho e a casa própria gera a necessidade de dormir no próprio serviço. Mesmo com alguma privacidade, ao dormir fora de casa os entrevistados apontam não ter o mesmo conforto, o mesmo domínio do espaço.

Com a dificuldade na leitura algumas estratégias para identificação dos ônibus corretos são adotadas. As palavras normalmente são “decoradas” pelo formato, tamanho e disposição nos carros. Os números das linhas, que acompanham o nome do trajeto, também auxiliam na identificação:

“E me diga uma coisa, como você vai para Barueri?”

Você conhece um ônibus que se chama Praça Ramos? Eu pego junto do prédio onde eu trabalho e vou até a Afonso Bovero (rua). Você conhece a Afonso Bovero? Pego o Pinheiros, Perús, vou até a Lapa e lá eu pego o trem que vai até em casa.

E é tranquilo?

Sim.

Mas você consegue identificar corretamente qual é o ônibus certo que você tem que pegar? Você não pode confundir com outra linha?

Ah, não. É o Praça Ramos. E quando eu volto para cá na segunda ele vem escrito Apiacás, que passa na rua Apiacás.

E você não tem dificuldade então?

Não. Eu só não enxergo de perto.”(V.)

A utilização dos números como auxílio para identificação dos ônibus facilita, mas não anula as dificuldades de se locomover pela cidade sem o domínio completo da leitura:

“Isso é uma coisa que eu tenho curiosidade. Como você sabe qual ônibus que você tem que tomar?

No começo eu aprendi pelos números. Eu pegava o 8686. E aí eu fui vendo o nome do ônibus. Certo dia eu ainda peguei o ônibus errado. Era o 8696.

E foi parar onde?

No Jaraguá. A noite já.

E aí? Como fez pra voltar?

Aí eu peguei um outro ônibus, o Praça Ramos, desci no Extra e peguei de volta.

Mas como você sabia que era o ônibus Praça Ramos para pegar?

Porque eu também decoro. Eu não sei ler, estou aprendendo agora, mas a maioria das receitas eu sei de cabeça. Então se alguém falar pra mim, ‘passa uma receita’, eu não sei. Tudo o que eu sei é de cabeça. Se alguém liga e dá o número e o nome, o número dá pra eu anotar porque são vários, mas o nome eu nunca esqueço.” (A.)

O domínio das alternativas de rotas, do tipo de condução a ser utilizada para diminuir o tempo do trajeto é apresentado por todos os entrevistados.

“E quanto você não era mais zelador, aí você morava onde?

Eu morei em Pirituba e no Jaraguá.

E como você se locomovia, vinha para cá? O prédio é nessa região mesmo?

Sim. O prédio é por aqui. Na Lincoln de Albuquerque, entre a Turiassú e a Francisco Matarazzo. Eu vinha do Jaraguá de trem e ônibus. E de Pirituba só de ônibus, porque ficava distante da estação de trem.”(I.)

“Daqui pra lá... Você vai lá como? De ônibus?

É, de ônibus.

Demora?

Indo para lá dá uns 45-50 minutos. Dependendo. Se tiver trânsito dá mais. Dá mais de uma hora.

Porque também é sábado, né? Domingo é mais tranquilo.

É um pouquinho, mas às vezes, tem vezes que a gente pega trânsito. Até sair lá no Carrefour da Raposo, até no Carrefour às vezes a gente pega.

Você pega ônibus aonde?

Eu pego na Sumaré até Pinheiros. Em Pinheiros, em frente ao largo da Batata...

Tem um que vai direto.

Tem um que vai direto, para lá, intermunicipal.”(G.)

“Uma horinha só, de ônibus?

É, porque até eu descer... porque não tem ônibus, às vezes eu vou andando até no West Plaza ou senão eu pego lá o Perdizes e vou até na marechal. E de lá eu pego e volto para casa. Então, no intervalo disso gasta uns 20 minutos; mas se fosse direto era 40 minutos.

40 minutos. De trem?

De ônibus.

De ônibus. Ah, tem ponto que você pega na Marechal ou no West Plaza?

Isso.

Qual é: o Mangalot?

Pego o Mangalot.

Eu já peguei bastante o Perdizes lá embaixo, na estação Marechal.

Aí sim, mas se não for é rápido e no máximo 40 minutos.”(A.)

Mesmo assim, em alguns casos não há segurança total no deslocamento pela cidade.

“O que você sente de mais necessidade para o seu dia-dia para ler e escrever? O que você sente que precisaria estar melhor com a leitura e a escrita para conseguir fazer que hoje você não consegue? Alguma coisa que tua patroa de pede, sair pra tomar um ônibus para algum lugar?

Eu morro de medo de me perder. Todo mundo fala que adulto não se perde. Que eu não sou nenhuma criança para me perder. Mas eu morro sim de medo. Quando alguém me manda ir para algum lugar que eu não conheço eu fico toda nervosa, porque eu não consigo ler. Eu estou aprendendo, mas ainda não consigo muita coisa. O que me dá mais dificuldade no dia-dia é quando a gente vai para algum lugar e tem alguma placa e às vezes eu preciso perguntar para alguém.”(A.)

A adaptação dos entrevistados às condições de transporte coletivo oferecidas pela cidade remete a um exemplo de situação analisada no trabalho de ADKINS &

OZZANE (2005). As autoras analisaram as estratégias de adaptação como uma forma de diminuição da vulnerabilidade.

5.5 Hábitos de compra

O primeiro aspecto que chama a atenção na análise dos hábitos de compra dos entrevistados é a sua preferência pelo parcelamento como forma de pagamento. Seria superficial associar diretamente tal preferência às condições de analfabetismo, pois dependendo da situação, o pagamento a prazo pode ser, sim, a melhor opção. Mas, para chegar a tal conclusão exige-se conhecimento de estratégias financeiras, domínio dos conceitos como juros e valor do dinheiro no tempo. Ao longo das entrevistas não foi possível perceber o domínio claro desses conceitos, mas sim a identificação de decisões de compra tomadas pelo impulso e preferência pelo endividamento para a aquisição imediata dos produtos.

Um dos primeiros questionamentos com relação aos hábitos de compra se refere às possíveis dificuldades dos processos administrativos de abertura de crédito. Conforme já mencionado, todos os entrevistados possuem conta em banco e cartão de crédito. Como todos também são trabalhadores de carteira assinada, a abertura de crédito em lojas torna-se mais acessível. É válido destacar a importância de ter o “nome limpo”, não declarado como inadimplente nos cadastros de crédito, fator impeditivo para o acesso ao principal canal de consumo dos entrevistados.

Em um processo de compra a prazo é comum o envolvimento de contratos. Sua leitura e entendimento são fundamentais para entender se não há condições desfavoráveis para o comprador. A concordância com o contrato se dá por meio da assinatura. Apesar do baixo grau de instrução, hoje todos os entrevistados são capazes de assinar o próprio nome. Quanto à leitura e entendimento das condições de compra, enquanto alguns entrevistados solicitam auxílio de pessoas próximas que possuam maior domínio, outros acabam assinando sem conhecer melhor o contrato:

“E quanto aos contratos? Sua casa é alugada, então vocês têm que assinar um contrato, né?”

Eu assino, sempre assinei o meu nome. Nunca tive dificuldade. Agora para ler é complicado.

E no caso do contrato então?

Aí eu tenho que levar alguém para ler o que está escrito.

E normalmente quem você leva?

Sempre a menina que mora comigo. Porque a gente já se conhece, já mora junto faz tempo. Nunca aconteceu nenhum problema sério, mas de repente eu peço ajuda para alguém que entenda melhor do assunto.”(A.)

“E quando você compra esses produtos alguém te ajuda a ler um contrato, fazer as contas para conferir certinho?

Tem a minha filha.

Mas ela te ajuda?

Sim. Ela me fala os valores, mas deixa eu decidir porque eu que sei quanto que eu posso gastar.

Ela estudou?

Estudou, já está fazendo faculdade.” (V.)

“E lá você teve que assinar algum contrato, alguma coisa, quando você vai comprar parcelado? Normalmente tem, né?

É, tem uns papeizinhos lá que eles dão para assinar.

E aí, como é que você faz para ler?

Ah...

Você chama alguém para ler, ou não?

Não, eu mesma dou uma olhada.

Dá uma olhada por cima. Porque você consegue ler, distinguir, né?

Dou uma olhadinha e os valores, como é, tudo. Entendeu? E é assim.” (G.)

A opção de não chamar alguém para auxiliar na leitura do contrato pode ser influenciada pela ausência de pessoas com tal domínio, próximas o suficiente; ou também por vergonha da incapacidade de lidar com a situação. Para o caso identificado na entrevista a segunda opção aparentou ser a verdadeira.

Os hábitos de compra são influenciados e moldados também pelas necessidades e situações do cotidiano. O desenvolvimento de estratégias e alternativas de controle do orçamento, bem como gostos e preferências de compras, formam os hábitos de consumo dos indivíduos. A necessidade de tomar remédios caros periodicamente gera necessidade de economia em outros “setores” do cotidiano. Como alternativa, o entrevistado começou a fazer a compra dos remédios na Farmácia Popular, programa do Governo Federal constituído para ampliar acesso aos medicamentos para doenças mais comuns entre os cidadãos. O programa possui postos próprios e também convênios com redes particulares. Desse modo, não há um caráter assistencialista que cause vergonha ao seu usuário e não foi possível identificar qualquer traço de vergonha do entrevistado ao explicar que fazia compras de remédios nesse programa.

“Porque eu me controlo, porque eu sei que se, por exemplo, se caiu de eu ir em médico num mês e mais remédio manipulado, tem isso, tem aquilo, tem outro. Esse mês mesmo o meu dinheiro tá esticadinho, mas vai ter que dar para mim pagar a minha conta de água, que veio, e eu tenho um remédio para pegar que é 32 reais na farmácia de manipulação e ver se eu pego na farmácia popular que é mais barato, porque eu pego meus remédios pagando menos.” (G.)

Normalmente a necessidade de tomar remédios tem maior frequência nas faixas etárias mais elevadas. Entre as quatro entrevistas não foi diferente: o entrevistado mais velho apresentou essa questão. A consideração de questões sócio-demográficas, em que a idade é um exemplo, foi proposta por HILL (2002) como potencial de vulnerabilidade ao consumidor. Por se tratar de um mercado específico, com nomenclatura própria – muitos nomes são derivados das próprias substâncias ou princípios ativos dos remédios – a dificuldade de consumo desses produtos específicos é elevada.

Produtos com muitas informações específicas proporcionam maior dificuldade de domínio das suas características pelos seus consumidores. Remédio é um exemplo desse tipo de produto, pois normalmente há derivações de uma mesma substância, como dosagem, tamanho do recipiente (o consumo pode ser pontual ou periódico) e até remédios parecidos com efeitos colaterais distintos.

“E como é que você sabe – você consegue ler o suficiente para identificar na caixinha que aquele é o remédio certo?”

É, porque eu levo a outra caixinha na farmácia para ver e também identifico. Por exemplo, o Puram, eu sei quantas gramas, dosagem e identifico os pontos todos, entendeu? Ou eu pego aquela caixa antiga, já olho e já identifico tudo na caixa que veio.”(G.)

Outro fator de impacto nos hábitos de compra dos indivíduos se dá pela dificuldade de locomoção. Por residirem em bairros periféricos e serem dependentes (com exceção de um entrevistado) de transportes públicos, suas compras pessoais são restritas aos locais de trabalho ou residência, sendo que as compras realizadas nos locais de residência são menores, possíveis de carregar. Compras de supermercado, por exemplo, ficam normalmente restritas às proximidades da residência. Mesmo alegando fazer pesquisa de preços, a vulnerabilidade de compra fica evidente nesse aspecto geográfico.

***“Isso é uma coisa que eu ia perguntar: como é que você...
você faz pesquisa de preço para comprar remédio?***

Sim.

E aí você vai em diversas farmácias?

No máximo duas.

Não tem algum lugar que você já sabe que é mais barato?

Eu sei que é mais barato.

Mas entre alguma farmácia, que você já conhece...

A Drogaria São Paulo.

Tem lá perto do seu trabalho?

Isso.”(A.)

Como os entrevistados são moradores de bairros periféricos e dependem de transportes públicos para sua locomoção, sua capacidade de aproveitar as ofertas de serviços e produtos fica restrita. Exemplo claro é dado pela pesquisa de preços realizada em apenas dois estabelecimentos. Essa dimensão geográfica na vulnerabilidade de consumo foi abordada por BELL & BURLIN (1993).

Um ponto a ser destacado nos hábitos de compra dos entrevistados é a importância das relações sociais, não só para auxílio no ato de compra – o único dos entrevistados que não possui ajuda para os processos contratuais dá uma “lidinha por cima” nos papéis – mas também para conseguir realizar o pagamento. Seja a mãe ajudando a filha, as colegas de casa se ajudando ou colegas que residem em uma mesma região. Há uma rede informal de empréstimo, onde o valor da palavra está acima dos contratos e questões legais. Não há cobrança ou pagamento de juros, nem data estipulada de vencimento para cobrança, mas apenas o compromisso com o cumprimento do pagamento daquele valor.

“E já teve algum mês que teve algum problema? Alguma vez que comprou alguma coisa mais cara? Sua mulher, sua filha? Precisou pagar o mínimo?

Teve uma vez. No primeiro ano que eu viajei para o Norte aconteceu isso aí. Eu sabia que entrando no rotativo ia multiplicar. Eu paguei o mínimo cinco vezes e recolocava a dívida em cima do cartão. Ficava sempre pagando o mínimo, o mesmo valor e a dívida aumentava. Aí eu falei com um amigo meu, emprestei o dinheiro e paguei a dívida do cartão. Fiquei devendo pra ele, mas ficou mais fácil de resolver. Mas foi a única vez, graças a Deus. Agora eu tenho um controle. Eu ganho x, eu vou gastar x? Não. Eu tenho o meu salário eu vou gastar uma porcentagem, um terço do meu salário no cartão.

E da mesma forma que você pegou emprestado, já teve vezes em que você emprestou dinheiro para amigos? É comum isso?

Sim, tenho hoje mesmo um compadre que paguei uma dívida dele e ele me deve. Tem meu irmão, uma dívida que ele fez pra pagar um carro e eu também emprestei. É só palavra, não tem nada de juros, esse negócio não.

Mas nunca teve problema?

Não, não. Tranquilo.

E esses conhecidos são daqui? Vieram junto com você do Norte?

Não. A maioria eu conheci aqui. Esse meu compadre eu sou padrinho do filho dele, tem doze anos já. A gente se conheceu aqui, era vizinho e somos praticamente família já.” (I.)

5.6 Outros hábitos e preferências

A forma como uma pessoa aproveita seu tempo alternativo ao trabalho pode sugerir alguns aspectos de sua personalidade que, por sua vez, podem ser afetados pela sua condição social. O analfabetismo pode ser um desses aspectos que influenciam a decisão de como passar o tempo livre, que tipo de programa de lazer procurar, que hábitos cultivar. Um primeiro exemplo, abordado nas entrevistas diz respeito à frequência aos cinemas. Apesar do crescimento da indústria cinematográfica nacional, a maioria dos filmes em cartaz nas grandes redes de cinema é representada por obras estrangeiras, particularmente americanas, o que implica a necessidade de legendas e um bom domínio de leitura com relativa velocidade. As sessões com filmes dublados, que representariam uma alternativa para aqueles que não conseguem ler, normalmente são oferecidas em menor quantidade, em horários mais cedo (normalmente em filmes que crianças também assistem). As respostas sobre a frequência ao cinema variaram bastante, desde aqueles que não se importam com a sua condição e assistem filmes sem constrangimento até situações opostas, nas quais as dificuldades formaram um fator claramente impeditivo de desfrutar desse tipo de lazer.

“E você gosta de ver filmes?

Gosto sim. De ver filmes, de ir ao cinema. Quando dá eu vou com o meu namorado.

E você consegue acompanhar filmes com legenda?

Não, é meio difícil. Com legenda é meio difícil. Às vezes até conseguir ler não dá pra prestar atenção em mais nada.

Aí você acaba pegando os filmes dublados mesmo?

Pra te falar a verdade eu não gosto muito de filme não. Eu não sou muito chegada não. Se passa na TV a propaganda do filme que vai passar no cinema aí eu gosto de ver. Eu gosto muito de música, eu adoro ouvir música. Eu gosto de música romântica, sertaneja, forró, rock, tudo quanto é tipo de música

eu gosto. Eu só não gosto daquelas música, como é? 'brack'?"(V.)

"Eu gosto de cinema.

Ah, você costuma ir ao cinema?

Sim.

E com os filmes legendados, como você faz?

Eu não consigo, tem que ser dublado.

Mas à noite passa filme dublado?

Eu vou mais de domingo à tarde.

Ah, tá, porque tem esse lance, né?

Na 4ª feira também tem.

Na 4ª feira também tem. E você costuma ver antes? Você já entrou por engano em algum que era legendado? Ou não?

Não, porque eu pergunto antes.

Na bilheteria, né?

Isso."(A.)

"E quando você veio no cinema, como você fazia, você assistia filme legendado? Tinha que ser dublado?

As vezes assistia os dois, só que para ler é complicado, a gente via o filme.

Entendi.

Porque quando é passa em português, beleza, né? Mas quando passa às vezes com coisa, a gente só vê o filme mesmo.

Mas consegue acompanhar...

É, com certeza, né, a gente entende alguma coisa, né?

Entendi, só não consegue ler.

A gente é meio cabeçuda, mas...

Mas consegue ler um pedaço que seja?

Ah, consegue dar uma lidazinha, né? Então, é bom, né, é gostoso sim, é uma tela bem grande." (G.)

Mesmo quando questões individuais - como, por exemplo, vergonha ou constrangimento - são resolvidas, ainda há outros fatores impeditivos e que vulnerabilizam o consumo, como a baixa oferta de programas culturais nos bairros periféricos e a grande distância às zonas centrais.

"Cinema agora eu não tenho ido, mas eu gosto de cinema. A gente ia bastante. Mas agora, como eu não tenho muito tempo, porque eu saio daqui sábado, chego em casa à noite. Lá em Cotia não tem cinema, a gente tem que vir para o shopping em São Paulo. Na Raposo tem um shopping, mas próximo em Osasco, mas como eu não tenho ninguém para vir comigo eu acabo ficando sem vir no cinema. Porque a gente tem que ter alguém, uma companhia, porque sozinho é tão chato, né? Ainda mais voltar à noite sozinho, né? Não é legal." (G.)

A forma como cada entrevistado responde ao exemplo permite separá-los em dois grupos: um primeiro, no qual a vulnerabilidade transitória está presente, e um segundo, no qual a vulnerabilidade transitória está ausente. Analisando pela ótica do modelo proposto por COMMURI & EKICI (2008), como todos os entrevistados são analfabetos, entende-se que a vulnerabilidade sistêmica está presente nos dois subconjuntos. Assim, o primeiro é representado no quadrante um do modelo dos autores, enquanto o segundo é representado pelo quadrante dois (vide figura 4). A. e G. conseguem, apesar de sua pouca instrução, aproveitar e se divertir no cinema. Seja escolhendo um filme dublado, sem qualquer receio ou vergonha; ou mesmo optando por um filme legendado e, ainda que não consigam acompanhar a história como um todo, gostar do programa por si só. V., por sua vez, apresenta uma excitação negativa ao ser questionada como faz quando vai ao cinema. Sua vulnerabilidade é total: apresenta dificuldade sistêmica (analfabetismo) e não consegue reagir para diminuir esta dificuldade. Acaba assumindo deixar de lado o programa proposto.

Outras alternativas de programas de lazer, como teatro e shows também foram abordadas. As respostas, a exemplo do caso do cinema, também foram diversas, demonstrando que a característica do analfabetismo é um potencial para a vulnerabilidade, mas fatores pessoais também influenciam o comportamento de resposta.

“E de lazer, o que você faz?”

Ah... O que eu faço? Oh, meu filho, eu só trabalho. Eu não estou falando para você que eu quero vender minha casa para comprar um apartamento para dar menos serviço, para ver se eu vou ao menos no shopping no domingo?

Ah, então, mas você vai no shopping normalmente? Ou não?

É difícil, só quando dá tempo mesmo.

(...)

E teatro?

Esse eu nunca fui. Eu morro de vontade de ir num teatro. Quando eu me aposentar eu vou.” (G.)

“E lá em Barueri o que você faz de final de semana?”

Eu não faço nada. Chega o final de semana e eu vou passear a noite.

Então, é isso que eu quero saber.

Ah, eu dou uma ajeitada na minha casa, lavo roupa, faço uma faxina na minha casa e à noite eu vou dançar que eu gosto de dançar.

E que tipo de música você gosta de dançar?

Eu gosto de dançar forró.

Você sabe que o Amaro que tem aula aqui toca em uma banda de forró?

Sim, ele já me falou sim.

Eu saio com as minhas amigas, com o meu namorado. Quando ele não quer sair eu saio sozinha. Oxe, ele que fique lá. O problema é dele, que eu vou sair. Eu fui casada durante vinte anos e fui muito presa com essas coisas. O meu marido não me levava pra lugar nenhum. Ele tinha muito ciúmes, porque era dezenove anos mais velho que eu. Ele era muito ciumento, então não levava pra lugar nenhum. Então depois que eu me separei eu virei uma adolescente. Hoje eu me considero uma adolescente. Eu sou livre, eu faço o que eu quero. Por isso que eu não quero me casar de novo.” (V.)

“Mas é bom, também, né, sair um pouco. O que você faz no final de semana quando você não sai?

O que eu faço no final de semana. Por exemplo, eu fico em casa, eu fico ouvindo música, mas a minha cerveja eu não dispenso.

Você sabe que tem muita coisa que é de graça, né? Show...

Sim, a gente sempre vai no parque. A gente vai no parque, mas no baile, não. E também não de show grátis, porque dá muita baianada, muita confusão.

Muita baianada, muita confusão? Entendi. Porque imagina, trabalhar a semana inteira e ficar o fim de semana inteiro em casa também não compensa.

Às vezes também eu já chego cansada, às vezes não dá para sair. Que nem hoje, ela vai, eu não, porque eu não agüento.

Entendi. Ela vai para onde?

Ela vai para o teatro.

(...)

Você tem costume de ir no teatro também?

Eu sempre vou no Teatro Folha.

Teatro Folha?

Eu gosto dele.

E você acha caro, você acha barato...

Não, depende da peça eu acho que vale a pena.

Vale a pena. Você tem carteirinha de lá?

Não tenho.

Quanto é uma peça de teatro mais ou menos?

A última eu paguei 42,00.

É, se você pensar condução até lá, você vai acabar jantando por lá, aí...

Aí é um programa legal. Então, a gente foi, andamos no shopping, depois a gente jantou, depois a gente foi ver a peça e aí voltamos para casa.” (A.)

5.7 Situações profissionais

Como três dos quatro entrevistados são empregadas domésticas e o quarto entrevistado zelador de prédio, as questões sobre situações profissionais foram situadas sobre aspectos como necessidade do domínio do alfabeto para as tarefas do cotidiano e aspirações profissionais. Enquanto dois entrevistados já estão com idade próxima aos cinquenta anos, os outros dois estão com idade próxima aos trinta. Assim, a primeira dupla não tem a aspiração profissional da segunda. Seu interesse pela alfabetização pode ser considerado de caráter mais pessoal.

“E me diz uma coisa: porque você está assistindo as aulas aqui do curso?”

É assim. Eu estudei lá em Barueri até o terceiro colegial, mas eu não terminei. Eu precisava de meio ano para terminar o terceiro colegial. E era assim: a aula era de segunda a sexta e era todo dia chegando em casa meia-noite e acordando no outro dia cedo para estudar. Então você não aprendia quase nada. Cada hora era de um professor. Então você não aprendia direito. Aí como eu conhecia a Nica, a G., ela me falou que estudava aqui e eu vim conhecer. Aí eu falei com a patroa e ela em incentivou a estudar sim. Eu quero aprender mais as coisas que eu não sei. Ler melhor. Fazer melhor as contas. Aí quando eu terminar eu quero fazer um curso de radiologia, que é a minha vontade.” (V.)

“Por que você quer estudar? Por que você quer aprender a ler e a escrever?”

Porque... é para ninguém me passar para trás com as coisas, né, Fernando?

Mas você acha que já te passaram para trás?”

Não, não é passar para trás, às vezes é assim um tipo da gente receber um tipo de humilhação, porque a gente é ignorante. Você sabe, o Lula, aí, o pessoal lá onde eu trabalho... Será que pode falar isso aqui?

Pode.

O pessoal, mesmo, lá onde eu trabalho,

Eu não vou colocar nome de vocês, pode ficar tranqüila.

Diz que ele é burro, que ele é analfabeto. E ele não é. Ele pode ter pouco estudo, mas ele é inteligente prá caramba, ele tem uma bela cabeça.

Sim.

Você sabe que têm, né?

Sim.

Ele fez muita coisa de bom, não vou eleger ele não, porque não fez nada pelas domésticas, tá? Ele falou mal das domésticas. Mas em matéria de dizer que é só gente que é estudado que tem... Não, o Fernando Henrique é de berço e para os pobres ele não fez nada. Só ferrou os pobres, né? Porque quando eu construí minha casa, o Fernando Henrique era presidente. Eu paguei em cimento 23 pau um saquinho de cimento. Agora chega a estar menos um pouquinho. Eu não tenho bem idéia, não, porque o menino comprou lá, eu não sei quanto ele pagou. Mas acho que ainda acha até de 18,00/19,00 o saco de 50 kg, né? Então, o Fernando Henrique desfolou muito os pobres. Eu senti isso. Ele não foi um bom governo para a classe fraca.

Mas então você nunca foi passada para trás nem humilhada, mas você quer estudar para...

É, para isso, para ninguém me humilhar. É igual eu falei que ia para o México. Eu não vou mais. Uma, porque eu acho que eu não estou querendo, o meu coração não está pedindo para ir. E outra, porque ó, eu não sei uma língua sequer, eu não conheço o dinheiro de lá, não conheço ninguém lá, eu vou para lá – você sabe que patrão é patrão, né Fernando, eu vou para lá, se eles, vamos supor, discutir comigo, eu não vou ter com quem desabafar.” (G.)

Para os outros dois entrevistados é notória a visão mais pragmática sobre o domínio da leitura e da escrita para a ascensão profissional, ainda que também tenham aspectos pessoais envolvidos.

“Veio para cá, arrumou emprego. E porque voltou a estudar?

Porque pra muitas coisas eu preciso da minha filha. Há uns dois anos atrás ela precisava de mim. Pra muitas coisas eu quebrava a cabeça e conseguia ajudar ela. Hoje eu não consigo mais ajudar ela. Ela tá na terceira serie, quarto ano. Tem coisa que ela sabe já sabe mais do que eu. Tem coisa que eu vou tirar duvida com ela e ela ainda tira duvida comigo, tipo palavras, mas futuramente se você não tiver quarta serie completa aqui em São Paulo você não vai conseguir emprego nem de gari. De gari já tá concorrência grande. Você pode falar assim, está trabalhando? Estou, mas não está. Você não tem como ficar tranqüilo, você não sabe o dia de amanhã. Você pensa em se aprimorar. Eu sou um cara que me considero de sorte, porque eu tenho muita facilidade para aprender as coisas. Eu sou um cara de sorte. Eu tenho poucos anos de estudo, mas muita gente acha que eu tenho mais estudo do que aparenta.

E no prédio que você é zelador o dia-dia exige muita coisa de saber ler?

Não. Sobre isso aí não exige muito não, mas até hoje precisou da minha leitura eu consegui. Tipo fazer uma advertência em

um funcionário, isso aí dá pra ir se virando. Receber um protocolo. Tipo, se um oficial de justiça ir lá e precisar fazer um protocolo pra ele, isso tudo é minha responsabilidade, mas dá pra desenrolar. Uma dificuldade que eu tenho é nas palavras, tipo escrever um nome que seja com “c cedilha” eu coloco com “esse”, um nome que seja com “ce” eu coloco com “esse”, inverteo as coisas. Mas ler eu leio tudo. Qualquer nome que seja em português eu consigo desmembrar ele. Eu tenho leitura boa, mas pra escrever não dá pra entender, porque você consegue ler, mas tem hora que não consegue escrever a mesma palavra.

Bom, tudo é treino.

Que nem eu tava falando, hoje em dia o estudo é tudo. Porque você tá indo de um jeito que tudo é computação. Futuramente, os próprios prédios novos hoje em dia têm um computador lá na portaria. Mexer no sistema, puxar uma imagem de três dias anterior você tem que fazer. Se alguém for dar um curso você aprende. Agora se for bater assim de cara você não vai conseguir. Vamos supor, eu tenho um currículo pra empregar um cara e ele tem segundo ano, terceiro ano completo e eu tenho a terceira serie. O cara praticamente já terminou os estudos, já vai querer fazer faculdade. Quem vai ganhar? Quem vai ganhar é o cara, nem que amanhã ou depois vai ser dispensado. Hoje o que tá valendo não é a mão-de-obra, mas é o conhecimento da pessoa.” (I.)

“É, mas eu queria um emprego melhor. Não é o emprego que eu sonhei para a minha vida. Eu tive outra profissão. Lá no Ceará eu costurava, eu era costureira. Mas aqui eu não consegui já por causa do estudo. Porque tinha que fazer prova, tinha que fazer ficha, um monte de coisa, então não deu certo. Não pretendo viver a minha vida toda vivendo na casa dos outros.

O que você tem em mente quando avançar nos estudos. Trabalhar com que? Como costureira mesmo ou alguma outra coisa?

Não. Como costureira eu não posso mais por causa da minha coluna. É muito tempo sentada. Eu pretendo fazer um curso. Eu pretendo fazer um curso, acho às vezes que seja tarde e outras vezes não. Eu tinha muito em mente de ser enfermeira, mas já não tenho mais.

Por quê?

Não dá. Eu fico nervosa por tudo então não adianta. E eu me dou muito bem com salão. De cabeleireiro.” (A.)

Para as entrevistadas que trabalham em casa de família a necessidade de saber ler e escrever resume-se em fazer compras, saber cozinhar, calcular o troco corretamente, por exemplo.

“E para o seu dia-dia quais as necessidades que você tem de leitura ou para escrever? Que atividades que você identifica que precisa saber ler direitinho ou escrever?”

Na minha casa é bem tranqüilo, não tem muita coisa assim que eu preciso não. Aqui já tem um pouco, porque eu lavo, eu passo, eu cozinho, eu faço compras pra eles, pra casa. Aí eu preciso escrever. Por exemplo, eu vou fazer supermercado aí eu preciso anotar todas as coisas que eu preciso comprar. Eu vou fazer açougue aí eu tenho que anotar tudo direitinho, o que eles querem. Tem também que fazer as contas certinho, né? Quanto é que deu, quanto é que tem que sobrar.”(V.)

6. Conclusões, limitações e sugestões para estudos futuros

O analfabetismo é um indicador que nos leva a pré-julgar os detentores dessa característica como pessoas em desvantagem em seus hábitos de consumo, seja na aquisição ou na utilização de produtos ou serviços. Entretanto, a teoria apoia uma maior complexidade na análise. Ou seja, há características individuais que permitem uma diminuição da vulnerabilidade.

A vulnerabilidade do analfabeto também pode manifestar-se sob variadas situações complementares, que afetam indiretamente o consumo. Conforme apresentado no capítulo teórico a vulnerabilidade pode se manifestar, por exemplo:

- Sob condições de doenças e limitações físicas. O analfabeto pode ter maior dificuldade em obter conhecimento de posturas e hábitos preventivos. A teoria de vulnerabilidade prevê a existência de relações entre índices de doenças e características como nível educacional, condições econômicas e aspectos geográficos dos locais de habitação. Por outro lado essa causalidade é bidirecional: da mesma forma que o analfabetismo pode gerar problemas de doenças, as limitações físicas podem dificultar os hábitos de consumo.
- Sob aspectos econômicos. Não só a pobreza em si, mas o ciclo vicioso da pobreza, a incapacidade de geração de renda adicional e a estagnação da condição socioeconômica ao longo do tempo impactam os hábitos de consumo. Há natural diminuição da força de trabalho, principalmente para atividades manuais. Por exemplo, o atingimento de uma faixa etária mais avançada pode levar a uma redução da capacidade física, que por sua vez pode restringir a capacidade de trabalho, levando a uma diminuição de renda. E, portanto, a alterações necessárias nos hábitos de consumo.
- Sob aspectos sociais. A possibilidade de perda de bens e a capacidade de reposição de perdas materiais causadas por fatores exógenos – desastres naturais, assaltos, quebra de produtos, por exemplo – é impactada pelas decisões e hábitos de consumo. O planejamento financeiro e avaliações de investimento de longo prazo refletem nas possibilidades de recomposição financeira. Por exemplo, uma família que opta por morar em área de risco e investe todo o seu patrimônio na

residência está mais sujeita a perder todos os seus bens em comparação com quem não toma tal decisão e opta por residir em região mais segura.

Considerando essa multiplicidade de situações e contextos para manifestação da vulnerabilidade as entrevistas buscaram aproximação das realidades dos entrevistados para identificar se, e de que maneira a vulnerabilidade de consumo se apresentava. Por meio das entrevistas foi possível identificar três tipos de situações:

- Cenário 1: As situações de vulnerabilidade descritas na teoria foram identificadas na prática, ou seja, nas entrevistas realizadas.
- Cenário 2: As situações de vulnerabilidade descritas na teoria não foram identificadas nas práticas cotidianas e de consumo dos entrevistados.
- Cenário 3: Algumas situações apresentadas pela teoria como causadoras de fragilidades nas entrevistas surgiram como positivas e reforçando o caráter dos entrevistados.

6.1 Cenário 1

Os entrevistados, analisados sob o modelo de BRENKERT (1998), podem apresentar vulnerabilidade em dimensões físicas, motivacionais, sociais ou cognitivas.

A vulnerabilidade de consumo teve manifestações em três dessas quatro dimensões, sendo a vulnerabilidade física a única dimensão ausente da análise. Nenhum dos entrevistados possuía qualquer limitação física que o impedisse de praticar qualquer ato de consumo. O aspecto mais genérico da vulnerabilidade de compra é dado pela propensão ao endividamento e parcelamento das compras. O raciocínio financeiro para uma compra é direcionado pelo valor da parcela e se esse valor é compatível com seu orçamento mensal, período comum de vencimentos das parcelas. O parcelamento é justificado como única alternativa para a aquisição de bens, mas em nenhum momento é questionada pelos entrevistados a real necessidade de aquisição dos bens.

Um fator comum identificado em todas as entrevistas foi a importância de estar com o “nome limpo”, sem dívidas associadas ao cadastro, pois a qualidade do atendimento ao público nos ambientes de compra estaria relacionada à capacidade de pagamento do comprador. Com isso há uma confusão no entendimento do respeito

merecido, pois há uma aceitação do fato de que, apenas se o comprador estiver com o nome limpo, então ele será atendido corretamente. Há nessa questão uma sobreposição com o tópico de identificação, também destacado nos quadros 4 a 7. A relação entre os tópicos pode ser entendida também pela submissão ao lidar com alguém identificado como superior na hierarquia social.

A fragilidade na identificação dos entrevistados é percebida em sua própria apresentação. Mesmo já tendo um contato mais próximo com o entrevistador e se sentindo mais à vontade para as conversas, o papel de professor do curso naturalmente me colocou em uma categoria hierárquica superior a eles. Com isso, a maioria dos entrevistados apresentou certo acanhamento em sua própria identificação, seja complementada com uma piada ou algum comentário defensivo. Tais atitudes não foram percebidas quando os alunos se apresentavam entre si. A identificação de si próprio apresenta vulnerabilidade de dimensão social apenas quando confrontada com outras classes sociais. Mesmo sendo pessoas de personalidade forte, que assumem exigir o respeito que merecem, situações como buscar as filhas que estudam em um colégio particular com o uniforme de zelador ou apresentar-se a um médico e expor seu problema para pedir o encaminhamento ao especialista correto geram certo desconforto. Tal desconforto também pode ser identificado em uma situação de renegociação de uma dívida ou quebra de um contrato. O respeito é exigido, mas apenas quando o entrevistado possui o domínio da situação social. No caso de uma situação de compra, apenas quando o entrevistado está de posse do dinheiro; como ele está pagando, então tem o direito de exigir respeito.

Sob a dimensão social a vulnerabilidade de consumo se manifestou pela restrição nas alternativas de compra e pesquisa de preços. O fato de serem moradores de bairros periféricos ou mesmo municípios vizinhos à cidade de São Paulo faz com que sua capacidade em pesquisar preços seja menor. A ausência de alternativas como compras à distância, por meios eletrônicos ou mesmo alternativas mais eficientes ao transporte público faz com que as ofertas de produtos estejam limitadas a um raio próximo aos locais de trabalho ou moradia.

Outra situação identificada nas entrevistas, de manifestação de vulnerabilidade social, é a compra por parcelamento. Esse evento tem como consequência questões burocráticas que podem gerar outros complicadores aos analfabetos, como a assinatura de contratos. Ter conhecimento de todas as cláusulas de um contrato é fundamental para

não vir a ter problemas futuros. Na dimensão motivacional a vulnerabilidade se manifesta pela desistência de um entrevistado em adquirir convênio médico. Mesmo concordando que a relação econômica lhe era favorável, o desconforto apresentado pela possibilidade de não reconhecer todas as questões contratuais que garantiriam os seus direitos foi teve influência maior na decisão de não adquirir o serviço. Outro exemplo de vulnerabilidade apresentada nas entrevistas é o extremo oposto da situação do convênio médico, em que a entrevistada não solicita auxílio de ninguém para ler e interpretar os contratos. Apenas dá uma olhada nos valores.

Já sob a dimensão cognitiva de análise alguns aspectos de vulnerabilidade de consumo são identificados em compras impulsivas de alguns produtos. A compra de uma televisão nova é justificada por todos os seus atributos tecnológicos, embora o entrevistado reconheça não saber utilizar tais funções.

Sob a ótica do modelo de BRENKERT (1998) foi possível identificar nos entrevistados três das quatro dimensões propostas de vulnerabilidade. O consumo como bem-estar em detrimento da racionalidade econômica e a inibição nas relações sociais, em um processo de negociação, por exemplo, foram os pontos de maior destaque da vulnerabilidade.

6.2 Cenário 2

Para esse trabalho específico a vulnerabilidade física é um exemplo de teoria descrita na literatura, mas não presente no campo de pesquisa. Seja pelo recorte – analfabetos – ou pelas práticas de consumo dos entrevistados, a questão física não representou qualquer barreira ao consumo.

6.3 Cenário 3

A carteira de habilitação de motorista é um documento obrigatório por lei para dirigir em território nacional. Seu exame contempla, além da prova prática em que se constata se o postulante efetivamente sabe dirigir, uma prova teórica em que são cobrados conhecimento de placas de trânsito e a capacidade de escrever um pequeno texto lido em voz alta pelo examinador. Essa situação abrange diversos aspectos que poderiam inibir um analfabeto em almejar a carteira: a exposição de não conseguir reproduzir o ditado na frente dos outros candidatos, a vergonha de ser reprovado. Entretanto, como foi destacado em uma das entrevistas, ocorreu o contrário. O interesse

do candidato superou as barreiras naturais criadas pela situação e permitiu que fosse traçada uma estratégia para conseguir superar a dificuldade na etapa do ditado.

Outro exemplo de desenvolvimento de capacidades para superar a vulnerabilidade é encontrado na forma como um dos entrevistados compra os seus remédios. Por ser um produto que tem nomenclatura própria e parâmetros específicos de dosagem, a dificuldade na memorização de todas as informações e a identificação do remédio correto são situações que impõem dificuldades a quem não domina os símbolos do alfabeto e numéricos. A estratégia adotada de armazenar a caixa do último remédio comprado e levar à farmácia para comparar os rótulos e identificar o remédio correto é outro exemplo de situação que a teoria descreve como potencial de vulnerabilidade, mas a prática mostra como uma sinalização positiva para eles.

6.4 Análise complementar

De forma complementar à análise de vulnerabilidade de consumo pelo modelo de BRENKERT (1998) serão apresentados os quadros 8 e 9 a seguir. Esses quadros retomam as informações apresentadas nos quadros 1 e 2, sendo adicionada uma quarta coluna que identifica a presença, ausência ou não aplicação da teoria apresentada nos demais trabalhos descritos no referencial teórico às entrevistas. Os trabalhos referem-se a contextos específicos de vulnerabilidade. O exercício de analisar a identificação ao contexto brasileiro permite sinalizar o caráter de universalidade dos trabalhos em questão.

Alguns dos trabalhos destacados na tabela têm aplicação geral aos entrevistados. A questão da vulnerabilidade de consumo pela localização geográfica foi percebida em três dos quatro entrevistados. I., o entrevistado que não destacou as dificuldades geradas pela distância dos bairros centrais mora no mesmo ambiente em que trabalha, não sendo necessário os deslocamentos feito pelos demais. O impacto de choques econômicos também foi identificado em um dos entrevistados. Sua frustração foi enfatizada ao explicar a necessidade que teve ao voltar a trabalhar em casa de família quando perdeu o emprego em uma fábrica. A incapacidade de se colocar em empregos em São Paulo correspondentes ao que possuía em sua terra natal é outro exemplo da dificuldade de se viver à margem da economia.

A ausência de vulnerabilidade de consumo conforme alguns dos trabalhos descritos na teoria não se deve apenas pela análise ser de um contexto específico.

Nessas situações a última coluna foi preenchida com o termo “Não se aplica”. Algumas situações de possível vulnerabilidade tiveram como resposta dos entrevistados comportamentos de afirmação positiva. Por exemplo, WAICHMAN et al. (2006) descreveram a dificuldade de analfabetos em lidar com os símbolos nos rótulos dos produtos. Um dos entrevistados descreveu sua estratégia para conseguir comprar corretamente: guarda o rótulo e leva consigo para a compra seguinte, comparando as informações gráficas descritas nas caixas. LYON et al. (1998) e BAYLISS & LYON (1998) avaliam as dificuldades de consumo inerentes à idade. Apesar de a amostra ser heterogênea em relação à faixa etária, não houve qualquer distinção no comportamento de consumo que pudesse ser remetido a essa característica.

O mapeamento de situações em que não foram identificadas vulnerabilidades até então previstas na teoria reforça o interesse de estudo do tema e futuras pesquisas.

Quadro 8: Trabalhos sobre vulnerabilidade x identificação nas entrevistas.

Autores / Trabalhos	Vulnerabilidade identificada	Descrição do problema	Identificação / Ausência
SANCHEZ (2007)	Vulnerabilidade a doenças.	Descrição das relações existentes entre índices de doenças em grupos específicos, analisando seu nível educacional, suas condições econômicas e características geográficas de seu local de habitação.	Ausência. Nenhum dos entrevistados possui qualquer limitação física ou psicológica perceptível que permita identificar influência sobre suas práticas de consumo.
ALMEIDA & ROUQUAYROL (2006)	Vulnerabilidade a doenças.	Definição dos fatores endógenos e exógenos aos indivíduos na propagação de doenças.	Ausência. Não foi possível identificar fatores de propagação de doenças entre os entrevistados. Todos apresentaram condições de saúde sem interferência negativa às decisões de consumo.
MORDUCH (1994)	Vulnerabilidade econômica.	Análise não só da pobreza, mas também da incapacidade de geração de renda.	Não se aplica.
KOCHAR (1995)	Vulnerabilidade econômica.	Análise da perda de renda das famílias agrícolas aos choques nos eventos de colheita e seu impacto na capacidade de sobrevivência do grupo.	Identificação. Em uma das entrevistas ficou claro como um choque econômico pode impactar negativamente a situação profissional de uma pessoa. G. perdeu seu emprego em uma fábrica, retornando ao subemprego em casa de família, onde está até hoje.
CUTTER et al. (2003)	Vulnerabilidade social.	Potencial de perda de bens e capacidade de recomposição frente à ocorrência de desastres ambientais.	Ausência. Nenhum dos entrevistados apresentou situações de perda forçada de bens por desastres ambientais.

WAICHMAN et al. (2006)	Vulnerabilidade a doenças pela má utilização de produtos.	Identificação do errado manuseio dos pesticidas agrícolas e os riscos inerentes a essa má utilização.	Ausência. A identificação das características de produtos por meio de símbolos em seus rótulos foi realizada por estratégias de comparação desenvolvidas pelos próprios entrevistados (G.). Não foi possível identificar vulnerabilidade nesse quesito.
BRENKERT (1998)	Vulnerabilidade física, motivacional, social e cognitiva.	Descrições sobre modalidades de vulnerabilidade.	Identificação. As dimensões de vulnerabilidade propostas pelo autor, mais genéricas que as demais vulnerabilidades descritas nesse quadro foram encontradas em todos os entrevistados, servindo de base à esquematização das análises.
LYON et al. (1998) BAYLISS & LYON (1998)	Vulnerabilidade da faixa etária às práticas de consumo.	Limitações e dificuldades do consumo como decorrência da idade do consumidor.	Ausência. Não foi possível discernir, a partir das entrevistas, vulnerabilidade de consumo específica em função da idade. Os produtos e serviços abordados tiveram respostas de consumo indiferentes à idade.
BELL & BURLIN (1993)	Vulnerabilidade de localização geográfica.	Análise da diferença de preços de produtos em bairros periféricos, por oferecer menor oferta e concorrência e maior dificuldade de locomoção de seus moradores.	Identificação. A diminuição da capacidade de analisar ofertas e a restrição na mobilidade foi identificada nas entrevistas como um fator de vulnerabilização do consumo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 9: Trabalhos sobre vulnerabilidade de consumo x identificação nas entrevistas.

Autores / Trabalhos	Vulnerabilidade identificada	Descrição do problema	Identificação / Ausência
CAPLOVITZ (1963) RICHARDS (1966) ANDREASEN (1975)	Vulnerabilidade de consumo.	Consumo e endividamento como compensação a inabilidade de avançar socialmente por outros meios.	Ausência. Os entrevistados apresentaram fortes personalidades, não demonstrando a utilização do consumo como forma de se impor ou colocar socialmente em determinado grupo ou adquirir determinado status.
HILL & STEPHENS (1997)	Vulnerabilidade de consumo.	Sobreposição dos conceitos de bem-estar e aquisição de bens materiais.	Identificação. A sobreposição entre bem-estar e aquisição de bens materiais foi identificada nas entrevistas. A., por exemplo, adquiriu uma televisão por causa de recursos digitais, mas não os utiliza.
SMITH & COOPER-MARTIN (1997)	Vulnerabilidade de consumo.	Suscetibilidade a malefícios econômicos, físicos e psicológicos. Limitação das habilidades do indivíduo em maximizar utilidade ou bem-estar.	Identificação. A dificuldade de maximizar a utilidade em suas escolhas de consumo pode ser identificada no mesmo exemplo da compra da televisão, apresentado acima.
HILL (2002)	Vulnerabilidade de consumo.	Análise do impacto de variáveis sócio-demográficas, como idade, renda e origens étnicas.	Identificação. A idade é um exemplo de condição sócio-demográfica apresentada por em dos entrevistados para vulnerabilidade de consumo. Tal característica potencializa a necessidade de aquisição de remédios, produtos de informações específicas e nomenclatura própria, potenciais vulnerabilizadores de consumo.

LAUFER & GILLESPIE (2004)	Vulnerabilidade de consumo.	Gênero como variável mediadora a responsabilização do fabricante de um produto com defeito.	Ausência. A questão de gênero não foi percebida como qualificadora nos hábitos de consumo dos entrevistados. A amostra de entrevistados era composta pelos dois gêneros.
WALSH & MITCHELL (2005)	Vulnerabilidade de consumo.	Desenvolvimento de escala para mensurar a vulnerabilidade de consumo a partir da aquisição de um produto errado em consequência de sua similaridade com outros produtos de marcas conhecidas.	Não se aplica.
KLEIN & HILL (2008)	Vulnerabilidade de consumo.	Análise dos prisioneiros sobreviventes dos campos de concentração nazistas, sob os aspectos de fragilidade dos indivíduos, perda forçada de posses e sua reconfiguração.	Não se aplica.
BAKER et al. (2005)	Vulnerabilidade de consumo.	Proposição de um modelo multidimensional para explicar o que é vulnerabilidade do consumidor.	Identificação. O modelo de BAKER et al. (2005) teve grande influência nas análises das entrevistas. Sua proposta de multidimensionalidade está em linha com a complexidade das situações de vulnerabilidade e a heterogeneidade das respostas dos indivíduos à essas situações.
ADKINS & OZZANE (2005)	Vulnerabilidade de consumo.	Análise dos consumidores com baixo grau de alfabetização e as estratégias adotadas para as práticas de consumo.	Identificação. As análises das práticas de consumo de indivíduos com baixo grau de alfabetização formam o objetivo principal desse trabalho.
COMMURI & EKICI (2008)	Vulnerabilidade de consumo.	Proposição de dimensões parciais de vulnerabilidade: características sistêmicas e transitórias.	Identificação. Comportamento distinto para uma mesma situação permite validar a proposta dos autores.

Fonte: Elaborado pelo autor

6.5 Limitações

A não identificação nas entrevistas de aspectos de vulnerabilidade discutidos na teoria sugere algumas considerações. A teoria de vulnerabilidade, em particular vulnerabilidade de consumo é recente e predominantemente voltada ao contexto americano. Assim, muitos trabalhos de campo descritos na teoria referem-se a subúrbios e periferias de metrópoles americanas. O estágio de desenvolvimento da sociedade e a organização das políticas de bem-estar social influenciam as condições dos indivíduos que vivem no limiar da pobreza. Quanto mais organizadas forem as políticas públicas de distribuição de renda e acesso aos mecanismos de auxílio, menos vulneráveis serão os cidadãos atingidos pelas políticas públicas. No caso brasileiro essas políticas ainda estão em seu estágio inicial. É recente a expansão de programas de distribuição de renda de grande alcance, como o Bolsa Família, por exemplo. Um programa mencionado em uma das entrevistas, o Farmácia Popular, também de desenvolvimento recente, tem em sua organização fatores que não inibem os usuários vinculando a eles uma imagem de dependentes da benevolência do Governo. Os preços são mais acessíveis, mas não se trata de uma caridade direta. Nesse sentido é possível destacar que a vulnerabilidade tratada no referencial teórico tem um caráter mais introspectivo de que o constatado na prática. Aspectos mencionados na teoria como vergonha, timidez e o consumo como medida de ascensão social são substituídos nas entrevistas por argumentos de tom mais pragmático.

Outro aspecto que pode explicar algumas das divergências encontradas entre a teoria e os resultados do trabalho de campo é o fato dos entrevistados, apesar da carência da instrução formal, pertencerem a uma espécie de “elite” entre os analfabetos. Todos são trabalhadores com vínculo formal (“carteira assinada”), possuem certa estabilidade em seus empregos e convivem boa parte da semana com famílias de condições econômicas e culturais elevadas, residentes na maior e mais rica cidade do país. Tal situação permite o desenvolvimento de conhecimentos tácitos do cotidiano. As entrevistas provavelmente apresentariam outro direcionamento se fossem feitas com pessoas não tão inseridas em um contexto urbano, ou sob condições de desemprego, principalmente desemprego crônico. Os entrevistados passaram suas infâncias em ambientes rurais e alguns ainda possuem familiares em sua terra natal. A comparação de seus hábitos com esses familiares que permaneceram seria interessante para destacar como o ambiente promoveu o desenvolvimento dos entrevistados e comprovar ou não essa hipótese.

O recorte dos entrevistados não permitiu analisar uma das dimensões de vulnerabilidade de consumo proposta pelo modelo de BRENKERT (1998): a vulnerabilidade física. Essa dimensão sugere algumas ramificações que permitem futuros temas para trabalhos de pesquisa, como vulnerabilidades observáveis e não observáveis, por exemplo.

6.6 Sugestões de estudos futuros

Ao longo das entrevistas diversas situações de vulnerabilidade se mostraram presentes, e não necessariamente relacionadas ao consumo. Por exemplo, questões relacionadas à empregabilidade foram mencionadas, desde frustrações pela incapacidade de conseguir empregos melhores até os instrumentos necessários para tanto, como o domínio da informática.

A amostra dos entrevistados é bem homogênea, sendo interessante comparar em futuras ocasiões analfabetos em situação de maior dificuldade em seu cotidiano, como desempregados crônicos ou pessoas que vivem nas ruas. A expansão dos entrevistados para cenários não urbanos, ou de regiões menos desenvolvidas pode enriquecer a análise e trazer novos aspectos da vulnerabilidade de consumo não mencionados nesse trabalho.

Um aspecto de heterogeneidade da amostra, mas sem efeito para identificação de vulnerabilidade de consumo foi a idade dos entrevistados. Um aprofundamento do desenho de pesquisa para tentar mapear em que situações a idade efetivamente impacta a vulnerabilidade de consumo também surge como uma proposta de estudo futuro.

7. Bibliografia

- ADKINS, N.R.; OZANNE, J.L. The low literate consumer. *Journal of Consumer Research*, v. 32, p.93-105, 2005.
- ALMEIDA, N.; ROUQUAYROL, M.Z. Introdução à epidemiologia. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 2006.
- ANDREASEN, A.R. The disadvantaged consumer. The Free Press. New York. 1975.
- ANTONIAZZI, A.; DELL'AGLIO, D.; BANDEIRA, D. O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia. UFRGS*. v.3, p. 273-294. 1998
- ASTLEY, W. Administrative science as socially constructed truth. *Administrative Science Quarterly*. v.30, n.4. p. 497-513. 1985
- BAKER, S.M.; GENTRY, J.W.; RITTENBURG, T.L. Building understanding of the domain of consumer vulnerability. *Journal of Macromarketing*, v.25, p.128-139, 2005.
- BAYLISS, R.; LYON, P. Consumer education for the elderly? *Journal of Educational Gerontology*. v.3. p.45-56. 1988.
- BELL, J.; BURLIN, B.M. In urban areas: many of the poor still pay more for food. *Journal of public policy & marketing*. v.12. p. 260-270. 1993.
- BOYD, H. W. et al. *Marketing research: text and cases*. Homewood: R. D. Irwin, 1989.
- BRENKERT, G. Marketing and the vulnerable. In *Perspectives in business ethics*, edited by L.P. Hartman, 515-526. Chicago: Irwin/McGrw-Hill. 1998.
- BRITTO, L.P. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. Em: *Letramento no Brasil / organização: Vera Masagão Ribeiro*. 2ª ed. São Paulo: Global. 2004.

- CAPLOVITZ, D. The poor pay more. The Free Press. New York. 1963.
- CARNEIRO, L. *Voto dos analfabetos*. Petrópolis: Vozes, 1964.
- COMMURI, S.; EKICI, A. An enlargement of the notion of consumer vulnerability. *Journal of Macromarketing*, v.28, p.183-186, 2008.
- CUTTER, S.L.; BORUFF, B. J.; SHIRLEY, W.L. Social Vulnerability to Environmental Hazards. *Social Science Quarterly*. v.84. n.2. Junho. 2003.
- EVERED, R; LOUIS, M. Alternative perspectives in the organizational sciences: “Inquiry from the inside” and “Inquiry from the outside”. *The academy of management review*. v.6, p. 385. Julho. 1981
- FERRARO, A.C. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação Social*. Campinas, vol. 23, n.81, p.21-47, Dezembro. 2002.
- FREITAS, H; MOSCAROLA, J. Da observação à decisão: métodos de pesquisa e de análise quantitativa e qualitativa de dados. *RAE Eletrônica*. v.1, n.1. jan-jun. 1982
- GALVÃO, A.M.; DI PIERRO, M.C. Preconceito contra o analfabeto. São Paulo. Ed. Cortez. 2007.
- GOFFMAN, E. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Zahar Editores, 1963.
- HILL, R.P. Stalking the poverty consumer: A retrospective examination of modern ethical dilemmas. *Journal of Business Ethics*. v.37. p. 209-19. 2002.
- HILL, R.P.; STEPHENS, D.L. Impoverished consumers and consumer behavior: the case of AFDC mothers. *Journal of macromarketing*. v.17. p.32-48.1997.

- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios. 2008.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Mapa do Analfabetismo no Brasil. 2000.
- KLEIN, J.G.; HILL, R.P. Rethinking macro-level theories of consumption: research findings from nazi concentration camps. *Journal of Macromarketing*. v. 28. P.228-242. 2008.
- KOCHAR, A. Explaining household vulnerability to idiosyncratic income shocks. *The American Economic Review*, v. 85. n.2. Papers and Proceedings of the Hundred and Seventh Annual Meeting of the American Economic Association. p.159-164. Maio. 1995.
- LAUFER, D; GILLESPIE, K. Differences in consumer attributions of blame between men and women: the role of perceived vulnerability and emphatic concern. *Psychology and marketing*. v. 21. p.141-157. Fevereiro. 2004.
- LYON, P; KINNEY, D.; COLQUHOUN, A. Experience, change and vulnerability: consumer education for older people revisited. *International Journal of Consumer Studies*. 26. P.178-187. Setembro. 2002.
- MALHOTRA, N. K. *Marketing research: an applied orientation*. New Jersey: Prentice-Hall, 1993.
- MORDUCH, J. Poverty and vulnerability. *The American Economic Review*, v. 84. n.2. Papers and Proceedings of the Hundred and Sixth Annual Meeting of the American Economic Association. p.221-225. Maio. 1994.
- NERI, M. A nova classe média. Disponível em: www.fgv.br/CPS/classemedia. Agosto. 2008.

- NERI, M. Consumidores, produtores e a nova classe média: miséria, desigualdade e determinantes das classes. Disponível em: www.fgv.br/CPS/classemedia. Setembro. 2009
- OLIVEIRA, M.K. Cultura e psicologia: questões sobre o desenvolvimento do adulto. Editora Hucitec. São Paulo. 2009.
- PAIVA, V. Um século de educação republicana. Pró-Posições, Campinas, v.1. n.2. p.7-21. Julho. 1990.
- RÉVILLION, A.S.P. A utilização de pesquisas exploratórias na área de marketing. Revista Interdisciplinar de Marketing. v.2. n.2 p.21-37. Jul/Dez. 2003.
- RIBEIRO, V.M. Por mais e melhores leitores: uma introdução. Em: Letramento no Brasil / organização: Vera Masagão Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Global. 2004.
- RICHARDS, L. Consumer practices of the poor, in L.M. Irelan (ed.), Low income lifestyles. U.S. department of health, education and welfare, DC). p.69-83. 1966.
- ROSENZWEIG, M.; WOLPIN, K. Credit market constraints, consumption, smoothing, and the accumulation of durable production assets in low-income countries: investments in bullocks in India. The Journal of Political Economy. v.101. n.2. p.223-244. 1993.
- SAFATLE, V. Por uma crítica da economia libidinal. Ide (São Paulo), v. 46, p. 27-37, 2008.
- SANCHEZ, A. Vulnerabilidade em Saúde Coletiva. Ciência& Saúde Coletiva v.12 n.2 Rio de Janeiro mar./abr. 2007.
- SOARES, M. Letramento e Escolarização. Em: Letramento no Brasil / organização: Vera Masagão Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Global. 2004.

- SMITH, N.C.; COOPER-MARTIN, E. Ethics and target marketing: The role of product harm and consumer vulnerability. *Journal of Marketing*, 61. July: p. 1-20. 1997.
- STANGOR, C. Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination. / Organized by TODD D. NELSON. Psychology Press. New York. 2009.
- TEIXEIRA, M. Políticas públicas para pessoas com deficiência no Brasil. Dissertação de mestrado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. 132p. 2010.
- WAICHMAN, A.V.; EVE, E; NINA, N.C. Do farmers understand the information displayed on pesticide product labels? A key question to reduce pesticides exposure and risk of poisoning in the Brazilian Amazon. *Crop Protection*. v.26. p. 576-583. 2006.
- WALSH, G.; MITCHELL, V. Consumer vulnerability to perceived product similarity problems: scale development and identification. *Journal of Macromarketing*. 2005. n.25. p.140-152.
- WEISS, R.S. Learning from strangers: the art and method of qualitative interview studies. Free Press. 1995.

8. Anexos

8.1 Roteiro para entrevista em profundidade

O roteiro para a primeira conversa foi elaborado com quatro grandes temas de conversa, conforme abaixo. De forma complementar às perguntas, o roteiro também apresenta observações e exemplos para tornar mais claro o propósito da pergunta. A partir desses quatro temas foi possível abordar os tópicos utilizados nas tabelas de análise.

1 - Dados pessoais:

- Nome:
- Idade:
- Local de nascimento:
- Há quanto tempo veio para São Paulo (caso não tenha nascido aqui): Veio sozinho? Por quê? Ainda possui parentes lá?
- Profissão:
- Estado Civil:
- Filhos: “Que idade eles têm? Estão estudando? Onde?”
- Residência (mora no serviço?)
- Quantas pessoas moram juntas: Onde você mora? Como é a casa/apartamento/quarto (usar o mesmo termo que o respondente. Quem mais mora na casa/apartamento/etc. Investigar relações de parentesco e amizade. Por exemplo: “Meu tio”. “E o que ele faz?”)
- Grau de escolaridade formal (até que série estudou na escola):

2 – Bens:

- Começar das coisas menores para maiores: Por exemplo: você tem TV, rádio, geladeira, fogão, telefone celular, etc...
- Que outros bens você tem? Não perguntar diretamente se tem casa própria.
- Como se desloca diariamente pela cidade? Vai ao trabalho, faz compras.
- Como você se desloca na cidade quando precisa – algum programa (atividade) diferente (visitar um parente, fazer compras maiores) (ônibus, metrô, trem)?
- Como identifica quais os (ônibus, linhas de metrô, linhas de trem) corretas para chegar ao seu destino?

3 – Organização financeira / Hábitos de compra:

- Como você comprou (os bens descritos antes)? Onde? Alguém ajudou a comprar, a escolher, a decidir, a pagar? Juntou o dinheiro antes ou pagou a prazo?
- Tem o costume de economizar para comprar à vista?
- Nesse momento, está comprando algum produto à prazo? Qual?
- Quando você compra (ou comprou) um produto em várias vezes, como você organiza seu orçamento? Está com alguma conta atrasada?
- O seu salário é fixo por mês? Varia? Quanto você ganha por mês? No mês passado foi isso? Ou varia?
- Você tem conta bancária?
- Como você guarda dinheiro?
- Como faz para controlar e identificar quais contas chegam a sua casa? Você sabe quanto gasta em luz, telefone, água?

4 – Hábitos do cotidiano:

- Por que você está participando do programa da Paróquia Santa Rosa de Lima?
- Qual a necessidade de ler e escrever para o seu dia comum (cotidiano)?
- Você possui algum passa-tempo, alguma coisa que você faz sempre para se divertir? (música, futebol, filmes, etc...)
- Você gosta de comprar roupas? Que objetos você gostaria de adquirir?
- Gosta de restaurantes? Comidas diferentes?
- Que tipo de programa você faz nos finais de semana?

8.2 Entrevista 1

Pra começar eu gostaria que você falasse o seu nome completo.

Não vai se estranhar com o meu nome, hein.

Não, pode deixar.

É que o meu nome é meio complicado.

Completar também quantos anos você tem.

Meu nome é V. T. A. Já tenho 45 anos. Que mais?

Você nasceu aqui em São Paulo?

Não, eu nasci na Bahia.

Ah é? Onde?

Eu nasci em Vitória da Conquista.

A cidade é bonita, né?

É. É muito legal lá.

E você veio para cá com quantos anos?

Eu tinha 20 anos. Por causa que a minha filha tinha 9 meses quando eu vim para cá pra morar aqui em São Paulo e hoje ela está com 26. Então tem isso mesmo, 25, 26 anos que eu já estou por aqui.

E você veio para cá com quem? Você, sua filha...?

Minha mãe, meus irmãos, meu marido.

Veio todo mundo?

Todo mundo. Porque lá na Bahia não dava mais para morar não.

Por quê?

O recurso de lá era muito ruim pra viver, trabalhando na roça, entendeu?

Sim. Mas Vitória da Conquista é uma cidade até que grande, né?

É, tem a cidade, tem as fazendas. A gente morava vizinho de Vitória da Conquista.

Moravam ao redor, então. E trabalhavam no campo?

Sim, todo mundo tinha que trabalhar de manhã. Trabalhava até meio-dia e aí ia para a escola a tarde. Só que era perigoso para estudar. Quando a gente pensava que não, vinha aquele estouro de boi, de boiada brava. A gente tinha que se enfiar debaixo do arame. Era para não pegar a gente, fazer alguma coisa, porque era muito e podia machucar. Então a gente se enfiava debaixo do arame.

Tá brincando? Isso para conseguir chegar na escola?

É. Então a gente não aprendeu porque o recurso era muito difícil mesmo. Depois eu comecei a estudar e fui para a cidade para estudar. Aí eu arrumei um namorado, nessa época eu ainda era novinha, né (risos).

Mas você ainda é novinha, Vitória.

Sim, sim, eu ainda sou nova, né? O meu ex-noivo, quando estava perto da época de a gente se casar, ele bebeu veneno e se matou. Faltavam dois meses para a gente se casar, estava tudo prontinho para a gente se casar e aí aconteceu. Depois eu conheci o meu marido que é o pai dos meus filhos. Mas ele veio a falecer também.

Ah, por isso que você brinca com a turma que vai casar logo com um deles.

É (risos). Eu já tive dois namorados, noivos mesmo. Mas o meu ex-marido faleceu agora, de doente mesmo. Já tinha sofrido um acidente de carro.

E vocês vieram para cá por causa de emprego?

Sim, minha mãe tinha uma fazenda, um terreno lá na Bahia e vendeu. Ela já estava sozinha porque meu pai faleceu. Meus irmãos mais velhos já tinham vindo para cá para trabalhar. Aí ela vendeu a fazenda e a gente veio também. Ela comprou a casinha dela e mais uma que ela aluga. Hoje ela já é aposentada. Eu fiquei morando de aluguel. Depois a gente montou minha casinha. Consegui com sacrifício comprar o terreno e subir a casa. Eu moro lá em Barueri.

Ah, você mora em Barueri?

Eu moro durante a semana aqui com uma senhora que eu cuido dela. A mãe do meu patrão. Eu já trabalho há muitos anos com eles. Ela veio do Rio e aí eu fico com ela, tomando conta. Eu não tenho mais marido, os meus filhos são criados. Tenho uma filha de 26 anos que já está casada. Outro de 23 anos, já moço e dono do nariz.

Eles moram em Barueri?

A minha filha mora em Barueri. O meu filho mora em São Paulo mesmo, no Tatuapé.

E lá em Vitória da Conquista você estudou até que série, formalmente?

Lá eu estudei até a quarta série.

E porque você parou? Você saiu de lá com 20 anos.

Eu tinha filhos, né. Marido, casa, filhos. Ficava difícil de estudar.

Mas de menina. Você estudou até a quarta série até que idade?

Uns 18 anos, mais ou menos.

Entendi. Mas você começou de criancinha mesmo. Você estudava de pequena?

Estudava. Olha, para te falar a verdade eu nem lembro direito de nada assim de estudar. Depois a gente não podia estudar na roça, e eu vim morar na cidade com a minha tia e as minhas primas. Aí eu comecei a estudar, fazer o primeiro ano, o segundo ano. Daí eu estudei até a quarta série. Aí aconteceu de eu arrumar esse namorado e ele falecer. Daí eu vim embora para cá pra estudar. E deixei a vida rolar, como diz a música e não quis mais saber de estudar. Deixei a vida rolar, e depois de um tempo que o meu ex-marido foi embora, que a gente se separou – dia 5 de fevereiro fez dez anos que a gente se separou – aí eu falei para a minha filha assim ‘sabe de uma coisa que a mãe vai estudar?’ Então eu vinha para o trabalho – trabalho de diarista – aí eu saía e ia direto para a escola. Chegava todo dia em casa lá pra meia-noite. Saía seis da manhã e chegava meia-noite. Aí eu comecei a fazer a quinta, passei e fiz a sexta, a sétima. Eu comecei a fazer o primeiro colegial, eu ia fazer para terminar o terceiro colegial, mas eu não terminei porque teve uns problemas lá de família.

E isso já aqui em São Paulo?

Sim, isso aqui em São Paulo mesmo.

Você tem a sua casa em Barueri, mas você fica aqui durante a semana?

Eu moro com os meus patrões, de segunda à sexta. E no final de semana eu vou para casa.

Todo final de semana?

Sim, todo fim de semana.

É que Barueri é pertinho, né?

Ah, sim. Barueri é rapidinho, é pertinho. E lá é meu, eu não pago nada. Eu estava morando aqui no Tatuapé, com o meu filho. Ele estava com uns problemas por lá aí eu tirei ele de lá e fui ajudar, morar com ele. Sabe como é, a gente é mãe. Mãe tem que fazer de tudo pelos filhos. Aí eu morei um tempo mais ele, mas deu um tempo e eu falei ‘chega! Você já bem crescidinho, tem que cuidar da sua vida e eu cuido da minha’, e fui para casa de novo.

E você mora durante a semana com essa senhora?

É, a mãe do meu patrão. Ela já é de idade, tem 81 anos. Mas ela é forte, até escreveu um livro no computador. Ela é boazinha, não dá trabalho não. É porque eles saíam muito à noite, mas não estão saindo mais, porque tem um bebê, de cinco meses. Como não saem mais à noite, então eu fico por ficar, porque eles não querem colocar outra pessoa estranha. Aí eu tive que ficar, ai meu Deus do céu! É até bom, porque eu não preciso levantar cedo, pegar ônibus, condução.

Então tem essa senhora e esse casal. Mas todos moram onde você fica?

Moram. É o meu patrão, a esposa dele e a mãe dele que agora veio morar aqui em São Paulo. E eu, e o bebezinho.

O seu patrão e a esposa dele têm quantos anos?

Ele eu acho que fez uns cinquenta e poucos anos. Eu não sei direito porque não sou de ficar perguntando muita coisa não. Ela eu acho que tem uns quarenta e dois, quarenta e três anos. E o bebê tem cinco meses.

Como é que chama?

Nicolas. É um menino.

E você gosta de nenê?

Eu adoro. É que eu fui mãe muito cedo. Não tinha muita prática. Se fosse para arrumar um filho hoje eu não arrumava não, porque hoje eu já sei como a vida é, difícil.

E como funciona para você nessa casa. Você tem um quarto seu, privacidade para suas coisas?

Sim, tenho meu quarto bonitinho, com as minhas coisas.

E o relacionamento com as pessoas?

Também é ótimo. Eles me consideram como se eu fosse da casa. Nossa, é até demais comigo. Chega sexta-feira eles já falam ‘Ai! Amanhã você vai embora, Vi’.

Isso é bom?

Ah, sim. Isso é muito bom. É bacana mesmo. Se eles não fossem legais eu não estaria trabalhando com eles até hoje. Tem mais de dez anos que eu estou com eles.

E você compra coisas para você e deixa aqui onde você trabalha, ou você deixa só lá em Barueri? Tipo TV, geladeira...

As minhas coisas ficam todas lá. Em Barueri, na minha casa.

E o que você tem de coisas lá?

Tenho televisão, geladeira, som, vídeo. Tudinho.

Celular eu vi que você tem?

Tenho, tenho sim. Mas eu não estou trazendo porque o pessoal está dizendo que estão roubando por aqui. Duas meninas aqui da nossa classe foram assaltadas. Elas estavam

indo embora e foram assaltadas de arma na mão e tudo mais. Quase que levaram tiro, pelo menos é isso que o pessoal está contando. É uma morena e a outra senhora. Quem contou foi a Amanda que frequenta a Igreja aqui. Quando elas estavam saindo aqui da escola.

Além das coisas básicas de casa que você já falou que têm como geladeira, fogão. Microondas, o que você gostaria de ter, mas ainda não possui?

Máquina de lavar louça eu não gosto não. Na casa onde eu trabalho não tem, mas na que eu trabalhava antes tinha. A gente colocava as louças para lavar, mas a máquina não lavava direito, ficava tudo sujo. Aí eu preferia lavar na mão mesmo, embaixo da torneira, entendeu?

A única coisa que eu quero, bacana mesmo e se Deus quiser eu vou comprar e que eu não tenho ainda é aquela TV nova de plasma que saiu, sabe? Aquela grandona, fininha. Eu ainda vou comprar uma sim. E comprar um computador que eu preciso aprender. Quando eu avançar por aqui eu vou fazer um curso para aprender direitinho.

Computação é importante. E me diga uma coisa, como você vai para Barueri?

Você conhece um ônibus que se chama Praça Ramos? Eu pego junto do prédio onde eu trabalho e vou até a Afonso Bovero (rua). Você conhece a Afonso Bovero? Pego o Pinheiros, Perús, vou até a Lapa e lá eu pego o trem que vai até em casa.

E é tranquilo?

Sim.

Mas você consegue identificar corretamente qual é o ônibus certo que você tem que pegar? Você não pode confundir com outra linha?

Ah, não. É o Praça Ramos. E quando eu volto para cá na segunda ele vem escrito Apiacás, que passa na rua Apiacás.

E você não tem dificuldade então?

Não. Eu só não enxergo de perto. Por exemplo essas suas anotações eu não consigo porque a letra é pequena.

Mas aí é problema de visão.

Ah, sim. Mas para ônibus, trem é tudo tranqüilo. Qualquer coisa grande e de longe eu enxergo normal.

E tem finais de semana em que você não vai para Barueri e fica por aqui? Você faz outras coisas?

Não, não. Eu vou-me embora mesmo.

E lá em Barueri o que você faz de final de semana?

Eu não faço nada. Chega o final de semana e eu vou passear a noite.

Então, é isso que eu quero saber.

Ah, eu dou uma ajeitada na minha casa, lavo roupa, faço uma faxina na minha casa e à noite eu vou dançar que eu gosto de dançar.

E que tipo de música você gosta de dançar?

Eu gosto de dançar forró.

Você sabe que o Amaro que tem aula aqui toca em uma banda de forró?

Sim, ele já me falou sim.

Eu saio com as minhas amigas, com o meu namorado. Quando ele não quer sair eu saio sozinha. Oxe, ele que fique lá. O problema é dele, que eu vou sair. Eu fui casada durante vinte anos e fui muito presa com essas coisas. O meu marido não me levava pra lugar nenhum. Ele tinha muito ciúmes, porque era dezenove anos mais velho que eu. Ele era muito ciumento, então não levava pra lugar nenhum. Então depois que eu me separei eu virei uma adolescente. Hoje eu me considero uma adolescente. Eu sou livre, eu faço o que eu quero. Por isso que eu não quero me casar de novo.

Entendi. E essa TV de plasma que você falou que quer comprar. Você se planeja para isso, você sabe quanto custa?

Eu ainda não fui procurar. Eu não sei ainda não.

Mas você se planeja de alguma forma. Calcula quanto você precisa guardar por mês para juntar o dinheiro?

Não. Tipo, agora eu quero construir uma casa. Porque eu moro com a minha filha. Ela ia embora, mas não quer me deixar sozinha. Porque a minha casa lá é grande. Aí eu quero construir uma casa em cima da laje. Então eu estou fazendo uma economia e guardando um dinheirinho todo mês para conseguir construir a casa. Aí eu posso ficar sozinha, levar os meus amigos, levar o namorado tranqüilo. Com a minha filha eu já não faço isso. Eu não gosto de levar ninguém para não desrespeitar ela.

E quando você pensa em guardar tanto: você ganha por mês ou ganha por dia?

Não, eu ganho por mês.

É fixo? Não é esquema de diária?

Não, diarista eu não sou mais. Já fui por muito tempo, mas é muito cansativo.

Esses objetos que são um pouco mais caros, você compra como: junta um tempo para pagar à vista ou você parcela?

Eu parcelo tudo. Eu vou nas Casas Bahia e faço parcelamento em dez, quinze vezes. Fui comprar a geladeira, paguei. Depois comprei um guarda-roupa e paguei. Aí já comprei um jogo de cozinha com armários e depois o fogão. Aí eu estou pagando ainda. E vou fazendo a economia de pagar todo mês aquele tantinho.

E esse último jogo você ainda está pagando?

Sim.

Então isso também entra na conta do mês quando você planeja economizar os valores?

Sim. Primeiro eu pago as dívidas, o que vai vencendo todo mês e com o que sobra eu tento economizar.

E você tem conta em banco?

Tenho, na Caixa. De pobre mesmo.

Por quê?

Ah, é o povo que fala né? Que a Caixa Econômica é dos pobres.

Imagina.

Quando der eu vou tentar abrir conta em outro banco. Mas é que na Caixa eu já tenho há tanto tempo. Desde que eu vim para Barueri.

O teu emprego é de carteira assinada?

Sim.

Porque para fazer um crediário normalmente você precisa comprovar renda.**E para abrir crediário nas Casas Bahia ou em algum outro lugar você já teve alguma dificuldade?**

Não. É só você estar com o nome limpo. Aí eles aprovam o crédito na hora e você paga. É só você pagar direitinho que você vai ser sempre bem recebido nas Casas Bahia.

E você já atrasou alguma vez?

Sim. Quando eu pagava aluguel eu já atrasei. Inclusive eu estou pagando atrasada. Eu colocava o pagamento para o dia em que eu recebia, e tinha que pagar aluguel, tinha que pagar luz, tudo sozinha e meu filho não estava me ajudando aí começou a me apertar e a me atrasar. Mas hoje graças a Deus as coisas estão melhores.

E quando aconteceu isso o que você fez? Você precisou ir lá renegociar?

Não, eles ligam para a gente e perguntam porque não fomos lá pagar, o que aconteceu e dão um novo prazo pra você pagar. Só cobram um juros, mas é jurinhos de dois reais, três, sete reais. Depende de quanto tempo você atrasou, mas quando não é muito eles não cobram muito juros.

Mas todo mundo recomenda que, se não for algo que você precise muito, vale a pena economizar e comprar à vista.

Isso é verdade. Se você juntar o dinheiro e ir lá pagar à vista é melhor. Mas a gente nunca tem esse dinheiro, Fernando. Eu quero comprar uma televisão que custa mil reais.

Eu não tenho esse dinheiro para ir comprar à vista. Essa televisão mesmo que eu quero deve custar uns dois mil reais, três mil reais, depende do lugar em que a gente for pesquisar. Se você pagar em quinze, vinte vezes deve sair por uns duzentos reais. Aí sim dá para comprar. Se juntar para um celular, o mais barato deve custar uns duzentos reais. Às vezes você não tem aquele dinheiro para o final do mês. E aí? O que você vai fazer? Hoje está mais tranqüilo, mas quando tinha aluguel era uns quatrocentos reais por mês só de aluguel.

E quando você compra esses produtos alguém te ajuda a ler um contrato, fazer as contas para conferir certinho?

Tem a minha filha.

Mas ela te ajuda?

Sim. Ela me fala os valores, mas deixa eu decidir porque eu que sei quanto que eu posso gastar.

Ela estudou?

Estudou, já está fazendo faculdade.

Que curso ela faz?

De Administração de Empresas.

Que bacana. Parabéns!

Graças a Deus.

Quem sabe, a futura diretora de uma grande empresa.

Imagina só! Ela me fala que está estudando e quando conseguir ganhar bem eu não vou mais precisar trabalhar. Está bom, né? Nem pensar que eu vou deixar de trabalhar.

E você tem carta de motorista?

Não. E nem quero, eu morro de medo de dirigir. Eu tenho vontade de ter um carro, mas eu tenho muito medo. No forró eu vou com as minhas amigas, ou com o meu namorado. Eles têm carro. E quando a gente não vai de carro a gente vai de ônibus mesmo.

E me diz uma coisa: porque você está assistindo as aulas aqui do curso?

É assim. Eu estudei lá em Barueri até o terceiro colegial, mas eu não terminei. Eu precisava de meio ano para terminar o terceiro colegial. E era assim: a aula era de segunda a sexta e era todo dia chegando em casa meia-noite e acordando no outro dia cedo para estudar. Então você não aprendia quase nada. Cada hora era de um professor. Então você não aprendia direito. Aí como eu conhecia a Nica, a Guilhermina, ela me falou que estudava aqui e eu vim conhecer. Aí eu falei com a patroa e ela em incentivou a estudar sim. Eu quero aprender mais as coisas que eu não sei. Ler melhor. Fazer melhor as contas. Aí quando eu terminar eu quero fazer um curso de radiologia, que é a minha vontade.

Mas porque radiologia?

Não sei. Me deu vontade de fazer esse curso e eu falei para a minha filha que é o que e quero fazer.

Mas o que faz radiologia?

Você tira raio-x. Eu não sei, eu quero fazer. Eu botei na minha cabeça que eu quero fazer esse curso. E se Deus quiser eu vou fazer. Eu sou nova ainda, eu só tenho 45 anos. Eu estou na flor da idade, começando a vida agora. Eu vou fazer 46 anos só o ano que vem, aí quem sabe. Todo mundo fala 'Nossa, Vi, que legal'. Eu vou fazer sim. É só terminar o cursinho aqui e vou fazer o curso. Graças a Deus dá para eu juntar dinheiro, eu faço as minhas economias. Primeiro eu vou fazer a minha casa, depois eu compro as coisas pra ela, os móveis, tudo direitinho.

E para o seu dia-dia quais as necessidades que você tem de leitura ou para escrever? Que atividades que você identifica que precisa saber ler direitinho ou escrever?

Na minha casa é bem tranquilo, não tem muita coisa assim que eu preciso não. Aqui já tem um pouco, porque eu lavo, eu passo, eu cozinho, eu faço compras pra eles, pra casa. Aí eu preciso escrever. Por exemplo, eu vou fazer supermercado aí eu preciso anotar todas as coisas que eu preciso comprar. Eu vou fazer açougue aí eu tenho que anotar tudo direitinho, o que eles querem. Tem também que fazer as contas certinho, né? Quanto é que deu, quanto é que tem que sobrar.

E você gosta de ver filmes?

Gosto sim. De ver filmes, de ir ao cinema. Quando dá eu vou com o meu namorado.

E você consegue acompanhar filmes com legenda?

Não, é meio difícil. Com legenda é meio difícil. Às vezes até conseguir ler não dá pra prestar atenção em mais nada.

Aí você acaba pegando os filmes dublados mesmo?

Pra te falar a verdade eu não gosto muito de filme não. Eu não sou muito chegada não. Se passa na TV a propaganda do filme que vai passar no cinema aí eu gosto de ver. Eu gosto muito é de música, eu adoro ouvir música. Eu gosto de música romântica, sertaneja, forró, rock, tudo quanto é tipo de música eu gosto. Eu só não gosto daquelas música, como é? 'brack'?

Black?

Isso. Desse tipo de música eu não gosto muito não.

O teu filho gosta?

Gosta.

Normalmente é essa idade que gosta mais desse tipo de música mesmo.

Quando a gente estava junto e ele morava comigo ele gostava. Aí ei ficava falando 'Pelo amor de Deus, tira essas músicas', tem tanta música que presta.

E você gosta de comprar roupa?

Ai, eu adoro comprar roupa. Quem é que não gosta de comprar roupa. Quando eu posso eu junto um dinheirinho e compro uma calça, uma blusa, uma bijuteria. Pago as contas e sobrou um dinheirinho eu compro uma roupa pra mim, compro de presente para a minha filha também. Se eu tivesse dinheiro eu sempre ia comprar umas coisinhas.

E você gosta de comprar coisas de marca?

Não, eu não ligo para esse negócio de marca não.

Já teve alguma situação em que você comprou alguma coisa porque era bonita e quando foi usar você não gostou, não ficou legal?

Tipo comida?

Pode ser também. Você viu achou que era de um jeito e depois não ficou igual, não gostou.

Com comida sim. Você vê um negócio em um livro, aí compra as coisas para fazer e não fica legal não.

E de outros produtos, tem alguma marca específica que você gosta? De televisão, por exemplo?

Televisão eu gosto da Semp-Toshiba. E da Philco também.

Porque essas marcas?

Porque são melhores. A Semp-toshiba eu tenho uma televisão pequenininha faz tempo, e não quebra. Desde antes de meu marido ir embora que a gente comprou e ela está lá, firme e forte até hoje. Eu não ligo muito assim para a marca, pra mim é tudo igual. Depende só se meu bolso pode pagar por aquilo.

Vai mais no bolso do que na marca.

Não é verdade? Hoje tudo é assim. Mas também não adianta comprar alguma coisa só porque é barato. Cai naquele barato que sai caro. Prefiro ver se a marca é boa, tantos anos de garantia, essas coisas. Já aconteceu de eu comprar gato por lebre.

8.3 Entrevista 2

Primeiro eu gostaria que você falasse o seu nome completo, sua idade e o local onde você nasceu.

Meu nome é I. S. S., tenho 33 anos e nasci na Paraíba, em São José da Lagoa Tapada.

Cidade pequena?!

É, mas existe no mapa (risos).

E você veio para cá há quanto tempo?

Eu vim aqui pra São Paulo em 1995. 14 anos.

14 anos. Você tem 33, então com.... 19 anos.

19 anos. Isso.

E aí você veio com a família? Veio sozinho?

Eu vim sozinho que já tinha um irmão aqui. Aí com uns oito meses a minha que hoje é minha atual esposa, era minha namorada veio pra São Paulo também.

Ela... vocês se conheciam de lá?

Exatamente. Da mesma cidade. E agora a gente somos casado, temo duas filha e tamo batalhando já há 12 anos de convivência.

E suas filhas têm quantos anos?

Uma tem nove e a outra tem cinco.

Quer dizer que você veio para cá e ela não largou?

O máximo que eu fiquei aqui, eu saí lá da região da gente lá fui pra Recife, de Recife fui pra Fortaleza. A turma ia voltar lá eu fiquei 30 dias e vim embora pra São Paulo.

Você tem família lá ainda?

Meus pais ainda estão lá.

Seus pais ficaram. E você veio para cá por quê?

Por causa que lá o que sobra.... o ganho é diferente daqui, né? Lá não tem opção. Aqui você sempre consegue algum tipo de serviço, se virar. São Paulo é apontada é praticamente a mãe do nordestino. Se um sujeito não consegue nada por aqui em outro canto não consegue não.

Entendi. E você trabalha com o que hoje, Ivanildo?

Eu sou zelador de condomínio.

Zelador. E você mora onde? No próprio prédio?

Sim, no prédio mesmo.

E você trabalha lá há quanto tempo?

Trabalho lá há quatorze anos.

Desde que você veio para cá?

Sim.

O teu irmão já tinha te arrumado alguma coisa?

Não, não.

Veio para cá, procurou e já...

Eu vim pra cá, fiquei nem um mês parado e já arrumei. Trabalhei na parte da limpeza, fiquei cinco dias na parte da limpeza. Passei para assistente de portaria. Fiquei oito meses como porteiro, depois passei para vigia. Passei 7 anos de vigia noturno e depois passei para zelador.

E quanto você não era mais zelador, aí você morava onde?

Eu morei em Pirituba e no Jaraguá.

E como você se locomovia, vinha para cá? O prédio é nessa região mesmo?

Sim. O prédio é por aqui. Na Lincoln de Albuquerque, entre a Turiassú e a Francisco Matarazzo. Eu vinha do Jaraguá de trem e ônibus. E de Pirituba só de ônibus, porque ficava distante da estação de trem.

Você veio com 19 anos. E você estudou até que série lá?

Eu fiz até a terceira serie. Mas hoje a gente vê que o estudo lá é diferente daqui. O estudo lá você tem a quarta serie e a quinta serie, mas você tem praticamente a primeira. Lá eu não sabia. Eu cheguei a conhecer a interrogação. Agora esses dois pontos que a gente fala, travessão, espaço para parágrafo, lá ninguém falava isso não. É uma escola que você estudava, você ia na escola todo dia. Aí tinha muita greve dos próprios professores aí de burrice eu fiz a minha. Falei que não ia mais para a escola, desisti.

Isso na terceira serie do primário?

Terceira.

Mas aí o que você fazia? Você trabalhava?

Trabalhava, com agricultura.

A cidade era pequena ou era campo?

Era cidadezinha mesmo. Só que a gente trabalhava afastado da cidade, mais ou menos uma hora de distancia, de bicicleta, a pé mesmo.

Veio para cá, arrumou emprego. E porque voltou a estudar?

Porque pra muitas coisas eu preciso da minha filha. Há uns dois anos atrás ela precisava de mim. Pra muitas coisas eu quebrava a cabeça e conseguia ajudar ela. Hoje eu não consigo mais ajudar ela. Ela tá na terceira serie, quarto ano. Tem coisa que ela sabe já sabe mais do que eu. Tem coisa que eu vou tirar duvida com ela e ela ainda tira duvida comigo, tipo palavras, mas futuramente se você não tiver quarta serie completa aqui em São Paulo você não vai conseguir emprego nem de gari. De gari já tá concorrência grande. Você pode falar assim, está trabalhando? Estou, mas não está. Você não tem como ficar tranqüilo, você não Sabe o dia de amanhã. Você pensa em se aprimorar. Eu sou um cara que me considero de sorte, porque eu tenho muita facilidade para aprender as coisas. Eu sou um cara de sorte. Eu tenho poucos anos de estudo, mas muita gente acha que eu tenho mais estudo do que aparenta.

E porque acham isso? Alguma situação especial?

Porque muita gente fala pra mim que ‘tudo que a gente pede pra você fazer você tenta e faz’. Eu tenho facilidade para aprender as coisas. Graças a Deus, não sei se é dom, mas eu nunca falo não. Posso falar que eu não sei fazer, mas aí eu vejo alguém fazendo e então vou lá e faço.

E no prédio que você é zelador o dia-dia exige muita coisa de saber ler?

Não. Sobre isso aí não exige muito não, mas até hoje precisou da minha leitura eu consegui. Tipo fazer uma advertência em um funcionário, isso aí dá pra ir se virando. Receber um protocolo. Tipo, se um oficial de justiça ir lá e precisar fazer um protocolo pra ele, isso tudo é minha responsabilidade, mas dá pra desenrolar. Uma dificuldade que eu tenho é nas palavras, tipo escrever um nome que seja com “c cedilha” eu coloco com “esse”, um nome que seja com “ce” eu coloco com “esse”, inverteo as coisas. Mas ler eu leio tudo. Qualquer nome que seja em português eu consigo desmembrar ele. Eu tenho leitura boa, mas pra escrever não dá pra entender, porque você consegue ler, mas tem hora que não consegue escrever a mesma palavra.

Bom, tudo é treino.

Que nem eu tava falando, hoje em dia o estudo é tudo. Porque você tá indo de um jeito que tudo é computação. Futuramente, os próprios prédios novos hoje em dia têm um computador lá na portaria. Mexer no sistema, puxar uma imagem de três dias anterior você tem que fazer. Se alguém for dar um curso você aprende. Agora se for bater assim de cara você não vai conseguir. Vamos supor, eu tenho um currículo pra empregar um cara e ele tem segundo ano, terceiro ano completo e eu tenho a terceira serie. O cara praticamente já terminou os estudos, já vai querer fazer faculdade. Quem vai ganhar? Quem vai ganhar é o cara, nem que amanhã ou depois vai ser dispensado. Hoje o que tá valendo não é a mão-de-obra, mas é o conhecimento da pessoa.

E você acha isso bom ou não?

Sim, por uma parte sim. Porque a gente ta vendo que o Brasil evoluiu, mas a mão-de-obra caiu bem pra caramba.

Mas você acha que olham muito no papel e de repente não olham a capacidade da pessoa?

Sim, se vier pela agencia de emprego sim. Mas se vier pelo contato, se for aquela pessoa que você fala 'vamos dar uma oportunidade pra ele' ai sim. Você vê que o papel não diz nada, porque eu tenho dois caras que trabalham comigo e eu não sei se foi no currículo deles que falou que tinha o segundo ano completo. Não é segunda série, é segundo ano. Pô, o cara é enrolado. Se atrapalha com coisinha simples, com tudo o cara se atrapalha.

E você mora em um apartamento desse próprio prédio?

Sim, na residência do zelador que não é igual as residências dos condôminos, mas são praticamente dois cômodos que eles fazem. Pegam uma área assim e dividem em dois. Banheiro, quarto e cozinha. O que eu tenho lá é isso. Uma área de lazer maior que onde eu moro, que é o terraço. Eu moro em cima e é o jeito que foi construído. É um quarto, uma sala, uma cozinha estreitinha e um banheiro.

E moram você, sua esposa e suas duas filhas?

É, dá pra dormir todo mundo num quarto, mas eu já to pensando, pretendendo comprar um sistema de sofá-cama. Durante o dia sofá, e de noite vira uma cama pra elas. Uma já tem nove anos, a outra já tem cinco. Nem que fica vendo TV elas não dormem cedo.

E elas estudam?

Sim.

Estudam onde?

As duas estudam no Colégio Pedroso e Oliveira.

Particular?

Sim.

E você paga? Tem bolsa?

Pago, mas não tenho uma bolsa. Tenho um descontão bom, que o pessoal até fala 'po, que desconto bom, a mensalidade é isso e você só paga isso'. Mas elas estão lá não porque eu posso pagar, mas porque a dona da escola simpatizou comigo e com elas.

Ela mora no seu prédio?

Não.

E de onde você a conheceu?

Eu a conheci na própria escola.

Você foi lá para conversar?

Sim, e ela falou 'pode trazer sua filha para cá'. Aí estudou o primeiro ano a mais velha, no berçário e depois passou pro infantil. Aí eu falei que ia tirar porque eu não conseguia mais pagar. E ela falou 'não, enquanto der pra você pagar x você paga x, quando você não pagar ela estuda aqui até o final do ano'. Aí eu levei a outra e ela já está lá há três anos também.

Colégio bom, né?

Até hoje a gente tá gostando. É que você sabe, eu sou zelador e do jeito que eu estou eu vou buscar ela, com a roupa do prédio. Não gosto de chegar lá escondido não, mas a gente percebe, as minhas filhas não, pela própria diretoria da escola elas não são recriminadas. Elas tem trabalho igual às outras. Até as tias da escola a gente percebe que elas gostam até mais delas, porque elas sabem respeitar, senhora, por favor, obrigado. E você que hoje em dia não é todas as crianças que falam assim. O negócio é tia aqui, tia lá, tia me dá isso aqui. Não tem esse costume de falar obrigado, por favor.

E principalmente a mais velha, ela já comenta de comprar alguma roupa, alguma coisa diferente, que as amigas têm? Como você lida com isso?

Tem uma amiguinha, que é a melhor amiga dela da escola, só que ela não comenta que é daquele jeito. Ela só comenta 'na casa de fulano tem isso, e é grande, gostei'. Aí eu digo 'você só pode comprar o que você pode, no momento a gente não pode comprar isso e você vai ficar com o que você tem'. Mas ela sabe assimilar as coisas. A pequena nem liga, mas ela já...

É porque chega uma idade em que é normal, as amiguinhas tem algumas coisas....

Mas a gente mesmo fala pra ela que é assim mesmo.

E no seu apartamento? O que você tem dentro de casa? TV? Geladeira? Fogão?

Tenho TV, geladeira, fogão, vídeo-cassete, aquele antigão. Tenho aparelho de DVD. Tenho um computadorzinho que foi doado da patroa da minha esposa, que a gente considera praticamente uma segunda mãe dela. É uma senhora muito católica, a D. Cristina. Ela faz de tudo. Se minha esposa falar ‘gostei disso aqui, vou comprar isso e tal’ ela nem espera, já chega com aquilo na mão. Minha esposa fala, ‘mas eu nem falei pra senhora comprar’. A minha esposa insiste em pagar, as vezes ela nem recebe e fica com receio de receber. Ela é uma patroa exemplar.

Patroa da sua esposa?

Sim.

E a sua esposa trabalha com que?

A minha esposa trabalha em casa de família. Em frente de onde eu trabalho. No prédio em frente.

Você tem carro?

Tenho.

Tem carta de motorista?

Tenho. Tirei normal. Sei as placas e tudo. É que nem eu falo pra você. Não sei se é porque eu fiquei muito tempo... eu falo que eu não fiz a terceira, eu fiz a quarta, mas não terminei. Três vezes eu fui no Norte, desde 95 que eu vim e não consegui achar, como é que fala, o histórico escolar. Por que a escola que eu estudei mudou tudo. Agora virou escola estadual ou municipal. E municipal é só creche, não tem mais escola municipal. Então praticamente as diretoras que existiam tão falecidas. Arquivo não existia computador, tem só papel então lixo.

Mas tirou a carteira lá no Detran mesmo? Por que lá tem ditado...

Sim, fiz o curso, ditado. A primeira vez que tirei a minha carta, foi ditado no próprio Detran, lá dentro. Não foi nesse Detran do interior de São Paulo, foi aqui na Ibirapuera. Foi uma delegada mulher que deu o ditado. Ela deu o ditado e falou pra todo mundo ‘ninguém é pra copiar o ditado’. Aí foi explicando e falou ‘a partir de agora são quinze minutos. Em quinze minutos eu recolho as provas de todo mundo. O ditado é x e

acabou'. E não repetiu mais o ditado. Você tinha que fazer a prova e chutou. Aí eu fui reprovado nessa primeira vez. Praticamente foi reprovado todos. Da outra vez eu estava lá e tavam todos de novo. A segunda vez era outro cara que falou o ditado. Ele falou 'ninguém copia' e eu copieei. Ele não vai tirar minha prova, não to filando, não to fazendo nada. Fiz a prova, passei, renovei a carta quatro vezes já.

E para comprar o carro ou algum objeto da sua casa que normalmente é mais caro, TV, geladeira, como é que você faz? Você economiza para comprar a vista, você parcela?

Não, eu parcelo no cartão de crédito. Vou de dez vezes. Até pergunto, tem como dar um desconto se pagar em três vezes. Se não, então vai em dez vezes mesmo.

E se der desconto?

Aí sim, eu tento pagar em três vezes.

Se você falou cartão de crédito, então tem conta em banco.

Sim, tenho. Tenho talão de cheque, uso cheque tudo. Nunca deu problema. O único problema é esse, porque eu fiquei muito tempo sem escrever, e só ler. Então muita gente fala 'você não tem só a terceira série'. Tudo, eu vou para o Nordeste daqui de carro e eu leio tudo, eu faço tudo. Se você me falar nomes de pessoas eu escrevo normal. É só uma pronúncia de palavra que eu inverte a letra.

E de final de semana que atividades que você faz? Com a família? Pega as meninas?

Final de semana eu normalmente trabalho, eu tenho folga corrida, então depende de que dia cai. Por exemplo, essa sexta cai a minha folga. Então pego o carro e vou pra casa da minha cunhada. Ela não mora em prédio, mora em residência. As vezes vou no shopping, vou no McDonald's. Mas tudo coisa rotineira. Cinema eu nunca fui nem levei filha minha no cinema. Agora a partir do momento que tiver uma folguinha vou levar elas porque elas também elas já foi, mas outra pessoa levou. Eu mesmo nunca freqüentei uma sala de cinema, nunca.

Mas porque? Você não tem vontade?

É, não tenho vontade.

Mas você vê filme em casa?

Ah, alugar filme também não. Cd de filme em casa eu tenho dois. Eu não curto isso aí muito não.

Mas suas filhas alugam?

Também não. Saiu a “Era do Gelo”, vou lá no piratão e compra, já resolve.

Nas compras a prazo: você já teve alguma dificuldade, por exemplo, o carro, de abrir crediário?

Não. O primeiro carro meu eu comprei a vista. Juntei aquela quantidade lá e comprei. Aí como eu já tinha o primeiro quando passei para o segundo dei aquele como entrada e parcelei o restante no particular, que era conhecido e falei ‘te pago em tantas vezes’

Então não foi em loja? Foi com conhecidos?

Não, esse último aqui foi em loja.

E deu algum problema para parcelar?

Não. Eu comprovei a renda porque comprei pelo leasing, pelo banco. O banco que pagou e eu paguei pro banco. Como eu tinha uma verbazinha no banco eles já liberam.

Nesse momento você ainda está pagando o carro ou alguma outra coisa?

Não. Dívida pendente só tem a da escola da minha filha e plano de saúde e sagrado que é a dívida do cartão. Eu tenho dois cartões com fatura de mês diferente. Então um está fechando e o outro está abrindo. Falei até pra minha mulher que ia quebrar um deles. Ficar só com um e acabou. Que sempre você tem opção para comprar.

E com o cartão na mão é fácil, né? Depois que você vai ver?

Sim. Depois que vem a...

E já teve algum mês que teve algum problema? Alguma vez que comprou alguma coisa mais cara? Sua mulher, sua filha? Precisou pagar o mínimo?

Teve uma vez. No primeiro ano que eu viajei para o Norte aconteceu isso aí. Eu sabia que entrando no rotativo ia multiplicar. Eu paguei o mínimo cinco vezes e recolocava a dívida em cima do cartão. Ficava sempre pagando o mínimo, o mesmo valor e a dívida aumentava. Aí eu falei com um amigo meu, emprestei o dinheiro e paguei a dívida do cartão. Fiquei devendo pra ele, mas ficou mais fácil de resolver. Mas foi a única vez, graças a Deus. Agora eu tenho um controle. Eu ganho x, eu vou gastar x? Não. Eu tenho o meu salário eu vou gastar uma porcentagem, um terço do meu salário no cartão.

E da mesma forma que você pegou emprestado, já teve vezes em que você emprestou dinheiro para amigos? É comum isso?

Sim, tenho hoje mesmo um compadre que paguei uma dívida dele e ele me deve. Tem meu irmão, uma dívida que ele fez pra pagar um carro e eu também emprestei. É só palavra, não tem nada de juros, esse negócio não.

Mas nunca teve problema?

Não, não. Tranquilo.

E esses conhecidos são daqui? Vieram junto com você do Norte?

Não. A maioria eu conheci aqui. Esse meu compadre eu sou padrinho do filho dele, tem doze anos já. A gente se conheceu aqui, era vizinho e somos praticamente família já.

Legal por que tem um grupo que você pode contar, né?

Com certeza.

E você tem algum controle detalhado, tipo quanto você gasta de água, de luz, de telefone?

Eu fiz isso aí há uns três meses atrás, aí minha mulher falava 'mas porque isso se você não vai controlar?' Vai comer um negócio aí tem o cartão e passa. Aí ela ficava passando na minha cara que era eu que fazia as dívidas aí esqueci esse controle.

Mas é bom pra organizar, né?

Sim, sim. A partir de mês que vem eu vou fazer uma meta que eu quero viajar em julho. Aí tem que fazer a meta de arrecadar tanto por mês para viajar, senão não viaja.

Pra onde vocês vão?

Paraíba.

Visitar a família?

Meu pai, minha mãe e minha sogra. E o resto da parentada.

Você trabalha lá no prédio eu imagino que você ganha fixo por mês. Não tem aquele problema de ganhar muito em um mês, pouco no outro?

Tem, por que eu cubro as férias do pessoal, tiro muita hora-extra então vem um salário muito bom em um mês, mas no outro já volta ao normal. Quando um tira férias eu coloco nós mesmos para cobrir. Aí no final do mês tem as horas-extras e as folgas trabalhadas.

Mas o piso está garantido? Você pode ganhar mais, mas não menos?

Isso. Aquele piso está garantido.

Por que você está participando desse programa aqui? Como é que você veio aqui para a paróquia?

Eu tentei há uns três anos atrás naquela Paróquia perto da PUC, no São Domingos. Ali também dão aula, só que lá não tinha um pessoal que se esforçava muito não. Ficava meio largado. Aqui tem boa vontade de todos. A própria igreja cede o espaço, as professoras vem com boa vontade, mas mesmo assim tem uns alunos que falam ‘nós não entendemos’. Eu acho errado isso, tem que ser ‘eu não entendi’. A pessoa não pode falar por todos. E eu me lembro que minha mão falou ‘um dia você vai sentir falta de ter largado a escola’. Essa já é a terceira vez que eu tento voltar a estudar. Tentei lá no sindicato, mas era muito puxado para o meu horário. Eu nunca consigo sair cinco horas. Hoje mesmo que eu combinei com você eu cheguei atrasado porque eu tive que cobrir alguns bancos. Semana passada choveu e o meu patrão, que é o síndico, me deu uma chamada. Aí não dá para bater de frente com o cara.

Se tivesse uma professora aí que me passasse as coisas seria melhor. Porque eu estou acompanhando os outros. Ela não vai ensinar de um jeito para um e de outro jeito para outro. Mas eu estou vendo de fazer a prova pra entrar na escola. Que nem quando

dividiu as salas. Quem voltou pra sala do começo largou. Eu conheço duas pessoas que não estão vindo mais. Porque não podem ficar lá com a gente, mas não querem vir pra outra sala, porque acha que diminui elas. A gente está aqui pra aprender. Se não sabe, tira dúvida. Mas eu vou tentar, se Deus quiser eu faço a prova pra ir pro Miss Browne, porque lá tem aula mesmo. Segunda a sexta com horário certinho.

E você tem algum plano mais longo?

Sim. Penso em voltar para a minha terrinha e montar alguma coisa pra mim. Com o estudo que eu tenho eu consigo montar o que eu quero, mas eu penso em aprimorar. Tem que pensar mais depois, não só montar isso e viver disso. Se eu não consigo fazer alguma coisa tem que pagar pro cara pra fazer. Mas se eu tenho estudo eu dou conta de tocar.

Por último, tem alguma coisa que você gostaria de comprar em especial?

Sim. Um imóvel. E estou tentando comprar. Nem que seja por aqui, pra fazer dívida que eu to querendo fazer e já to adiando ela, porque é mais valorizado. Pela minha esposa eu já tinha comprado. Mas tem que pensar em comprar e pagar. Apartamento eu não quero, porque apartamento você não mora. Qual os direitos que você tem? Da sua porta pra dentro. Você não tem direitos, você não pode ligar um som alto, fazer uma bagunça, uma festa no seu apartamento. É uma coisa que não dá para entender. É como se fosse apenas um aluguel, você não aproveita. Mas se Deus quiser, e ele vai querer, eu faço uma dívida.

Então está ótimo I.. Obrigado pela conversa e acho que é isso. Apenas um bate-papo.

Então eu digo: se tiver algo a meu alcance para voltar ano que vem no Miss Browne (escola do bairro que oferece EJA para quinta série em diante) eu vou tentar fazer essa prova. A dona Vera me incentivava bastante. Aí ela sumiu, eu não vi mais ela. Mas eu vou tentar fazer essa prova, só preciso de incentivo. Porque tem muita gente que eu conheço, a cunhada do meu irmão faz aula lá e falou que tem um monte de gente de quinta série que não sabe nada. As vezes o pessoal me vê saindo essa hora e fala 'poxa, o que você vai fazer por lá?' Mas não tem jeito, eu não tenho condição de ir direto para a quinta série. A matemática que eu sei é até as quatro operações. E eu não sei as quatro

100%. Eu sei as três 100%. A minha filha é que desenrolou aquilo lá pra mim. Eu sabia fazer, mas eu não lembro mais como é que monta aquela conta, bendita conta. E quando sobra ainda, ai eu não lembro mais nada, só que acaba lá em baixão. Lá no nordeste tinha um quadro e eu calculava quantos alqueires dava e tudo. Hoje eu não lembro mais nada.

Mas esses exemplos práticos ajudam a gente a resolver...

É verdade. Mas se Deus quiser, e ele há de querer, eu vou batalhar pra isso. Que nem uma moça que eu fui pegar ontem lá na Coriolano e ela me falou ‘Você está estudando?’, e eu disse que sim. E ela me falou que se eu precisasse de alguma ajuda que eu poderia contar com ela. Eu disse que no momento eu estou lá e conseguindo, como se fosse uma revisão, pra começar. Mas precisando eu vou sim. E ela disse ‘claro, eu estou à disposição’. É isso aí. Vai dar certo sim.

8.4 Entrevista 3

Primeiro eu gostaria que você falasse seu nome completo, sua idade e o local em que você nasceu.

Tá. Meu nome é A. C. A. S., tenho 28 anos e nasci em Fortaleza, Ceará.

Você nasceu em Fortaleza? E quando que você veio para cá?

Vai fazer uns onze anos.

Em Fortaleza mesmo que você nasceu? E você sempre morou lá?

Não. Meus pais se mudaram para uma cidade que se chama Juazeiro do Norte.

Juazeiro do Norte. Cidade do Padre Cícero?

Isso. Lá mesmo.

E você conhece o Padre Cícero?

Conheci. Por muitos anos.

Então você veio para cá. Seus pais vieram junto com você?

Não. Eu vim sozinha.

Sozinha? 11 anos atrás?

Sim. Eu tinha dezessete anos.

E porque você veio sozinha para cá?

Na verdade eu estava noiva. Eu vim pra passear. E aí eu não voltei mais.

E não casou?

Também não.

Mas o que aconteceu com o noivo?

A gente terminou.

E você ficou?

Sim. Acabei ficando por aqui.

O que você faz hoje?

Hoje eu sou cozinheira.

De restaurante?

Não, de casa de família.

E você mora nessa casa?

Não.

Essa casa em que você trabalha é aqui no bairro de Perdizes?

Sim, fica na Rua Aimberê.

E você mora onde?

Eu moro em Pirituba, no Mangalot.

E você vai e volta todo dia ou você fica em outro lugar?

Não. Como o serviço começa as sete horas eu fico para dormir, de terça a quinta.

E de sexta a segunda?

Aí eu vou pra casa.

Você é solteira?

Sou.

E não tem filhos?

Também não.

E tem outras pessoas que trabalham nessa casa com você?

Tem uma senhora que trabalha comigo. Ela arruma.

Entendi. E você só cozinha?

Sim, só cozinheiro. E passo (roupa).

Na casa moram pais, filhos, quantos são?

São os pais e os filhos. Duas crianças. Duas adolescentes, quinze anos.

E o relacionamento com eles?

Ótimo. Tudo tranquilo. Por enquanto não tenho do que reclamar.

Há quanto tempo você está nesse serviço?

Um ano.

E antes você trabalhava onde?

Antes quando cheguei eu fui direto pra trabalhar de babá. Trabalhei nove anos e alguma coisa. Por causa de dois meses eu não fechei dez anos. Aí eles faliram, foram pra Israel. Porque eles eram, são judeus. Aí eu fiquei. Fui trabalhar com a irmã dela e ela também resolveu ir pra lá. Aí a minha amiga trabalha pra funcionária dessa minha patroa. Então ela arrumou e aí a gente veio.

Em Pirituba você mora sozinha ou mora com alguém?

Moro com mais uma amiga e o filho dela que é minha comadre. Que é da mesma cidade que eu, de Juazeiro.

E vocês se encontraram aqui?

Não. A gente já se conhecia de lá. Ela veio primeiro e me ligou pra eu passar uns dias com ela. Aí que eu te falei, eu não voltei mais.

Onde você mora em Pirituba, é uma casa ou apartamento?

É uma casa.

Tem quantos quartos?

Sala, cozinha, dois quartos. Uma área de serviço enorme e uma parte do quintal.

Fogão, microondas, geladeira, o que mais tem?

Temos tudo que tem numa casa. A gente só não tem a casa e o carro, porque o resto a gente tem.

Porque não tem a casa? É alugada?

Sim, é alugada. A gente já mora lá há dez anos. Na verdade vai fazer dez anos agora.

E você falou que não tem carro. Como vocês se locomovem pela cidade?

A gente pega ônibus. De metrô eu não ando, não é necessário, nem de trem. Eu ando só de ônibus mesmo. Pego uma lotação e venho de uma condução só. Vem direto, deixa na porta e pega na porta.

Isso é uma coisa que eu tenho curiosidade. Como você sabe qual ônibus que você tem que tomar?

No começo eu aprendi pelos números. Eu pegava o 8686. E aí eu fui vendo o nome do ônibus. Certo dia eu ainda peguei o ônibus errado. Era o 8696.

E foi parar onde?

No Jaraguá. A noite já.

E aí? Como fez pra voltar?

Aí eu peguei um outro ônibus, o Praça Ramos, desci no Extra e peguei de volta.

Mas como você sabia que era o ônibus Praça Ramos para pegar?

Porque eu também decoro. Eu não sei ler, estou aprendendo agora, mas a maioria das receitas eu sei de cabeça. Então se alguém falar pra mim, 'passa uma receita', eu não sei. Tudo o que eu sei é de cabeça. Se alguém liga e dá o número e o nome, o número dá pra eu anotar porque são vários, mas o nome eu nunca esqueço.

E na casa onde você trabalha o pessoal pede para você preparar algo diferente na cozinha?

Não, eles não pedem. Agora eles estão querendo que eu faça lista de supermercado, mas de vez em quando dá uns errinhos e eles dão risada, mas ela é formada em três faculdades. Ela é professora de inglês, trabalha na Receita Federal.

Ela ajuda você, te incentiva?

Muito. Quando foi para eu trabalhar lá na casa dela ela falou que só me aceitaria se eu fosse para a escola.

Legal né?

Sim. Ela falou que se fosse o caso eles pegariam uma professora particular porque se fosse para ir para escola de criança e ficar com vergonha eu não iria. Então eles pegariam uma professora particular no período da tarde, porque no máximo, chutando umas três horas da tarde eu já não tenho nada pra fazer.

E você chegou a cogitar ir para uma escola particular?

Não, eu não iria. Aqui mesmo primeiro eu vim ver, se tinha adulto. Eu já fui para a escola, mas eu ia para a aula só por ir. As minhas irmãs todas sabem ler, sabem escrever. A outra está terminando todos os estudos. Todas são bem estudadas, menos eu. Nós somos em seis.

Elas moram aqui?

Não, elas moram tudo lá no Ceará.

E elas começaram a estudar desde pequenas?

Todas.

E você chegou a estudar lá?

Estudei.

Você estudou até que série?

Até a segunda. E com o tempo eu esqueci tudo.

E elas continuaram?

Sim. Todas continuaram.

E elas são mais novas que você?

Sim. Eu sou a mais velha. A mais nova tem dezesseis.

E porque você parou de estudar na segunda série?

Porque eu não quis continuar. Eu cansei. Veio logo o negócio de namorar e aí eu matava aula. E hoje eu me arrependo.

Mas nunca é tarde.

É, mas eu queria um emprego melhor. Não é o emprego que eu sonhei para a minha vida. Eu tive outra profissão. Lá no Ceará eu costurava, eu era costureira. Mas aqui eu não consegui já por causa do estudo. Porque tinha que fazer prova, tinha que fazer ficha, um monte de coisa, então não deu certo. Não pretendo viver a minha vida toda vivendo na casa dos outros.

O que você tem em mente quando avançar nos estudos. Trabalhar com que? Como costureira mesmo ou alguma outra coisa?

Não. Como costureira eu não posso mais por causa da minha coluna. É muito tempo sentada. Eu pretendo fazer um curso. Eu pretendo fazer um curso, acho às vezes que seja tarde e outras vezes não. Eu tinha muito em mente de ser enfermeira, mas já não tenho mais.

Por quê?

Não dá. Eu fico nervosa por tudo então não adianta. E eu me dou muito bem com salão. De cabeleireiro.

Você gosta?

Gosto. Adoro mexer com cabelo, pena que o meu não é tão bom. Faço o cabelo da minha amiga, de um monte de gente, eu pinto.

O que é que sua amiga faz? A que mora com você?

Ela também trabalha. Em casa de família também.

Ela tem um filho, como você falou?

Sim, tem um filho. Meu afilhado tem seis anos. O nome dele é Vinícius, é um pestinha.

E vocês falam pra ele estudar? Ele vai para a escola?

Ele vai para a escola, já sabe escrever. Ele está feliz da vida que esse ano ele vai sair da creche e vai para a escola, aqui mesmo em Perdizes. Ele está muito feliz.

E essa tua amiga sabe escrever?

Ela fez até a oitava série.

Mas e na prática?

Na prática sim. Ela escreve bem. Sabe ler também. Mas não sei o que deu nela que ela arrumou essa profissão. Não sei te explicar porque, mas foi isso que ela quis. Aí depois ela engravidou, arrumou um namorado e aí foi indo.

E esse teu afilhado te ajuda com as coisas da escola? Você costuma perguntar algumas coisas pra ele, de repente para estimular ele?

Não, ele é pequenininho ainda. Ele ainda está aprendendo a escrever o nome. Ele pede pra mim pra escrever alguma coisa para ele copiar por cima. Ele está naquela fase em que tudo que vê já quer copiar.

E na casa vocês tem televisão? Uma, duas, uma pra cada pessoa?

Televisão a gente tem de sobra.

Ah, é? Quantas TVs?

Você vai achar um absurdo, mas só não tem televisão em casa no quintal. Mas na cozinha, nos dois quartos e na sala.

Já são quatro então. Mas porque vocês tem tanta TV?

Por que eu adoro ver televisão. Sou apaixonada por TV. Tudo o que passa eu estou vendo.

Geladeira? Fogão?

Geladeira, fogão, microondas, televisão. Tudo o que você imaginar. Ainda tem sobrando, que nem eu te falei das TVs. A única coisa que eu não tenho mesmo é casa. Aqui em São Paulo eu não tenho, mas pretendo ter um dia.

E celular?

Sim. Eu tenho dois, minha comadre tem dois e em casa tem duas linhas por causa da TV a cabo.

Vocês têm internet?

Sim, temos. A única coisa que eu pretendo ter e que eu ia me dar de presente de Natal, mas agora eu não vou me dar é um computador. Mas eu não me esforcei o suficiente para aprender a ler bem então eu deixei um pouco pra lá. A única coisa que eu mexo um pouco ainda é o meu Orkut.

Mas vocês têm computador?

Ainda não.

Mas você mexe um pouco, no Orkut, por exemplo?

Sim, mais no Orkut.

E para fazer compras, essas coisas? Como vocês se organizam?

Isso é com ela (comadre). Como eu fico aqui durante a semana e não janto à noite, acabo que só como mesmo de sábado e domingo. As vezes nem isso, porque tem vezes que a gente sai para comer com amigos, ou pede uma pizza, faz um lanche. Mas, comida assim de supermercado é com ela, porque ela tem o filho que janta todo dia, toma café antes de ir pra aula, isso é com ela.

E quando você precisa fazer alguma atividade diferente, fazer compra de alguma coisa específica, como você se desloca?

De ônibus. Sempre de ônibus. E aí eu mando entregar.

As coisas que você compra pra casa: como vocês se organizam para pagar? Economizam antes, parcelam em várias vezes?

Eu sempre parcelo, mas não em muitas vezes. No máximo em sete vezes. Às vezes não chega a isso.

Tem alguma coisa recente que você comprou que ainda está pagando?

A minha TV de plasma.

É muito grande?

É de 32 polegadas. É bela, é linda. Meu xodó, minha filha mais nova.

E nas lojas em que você parcela, como você lida com a parte financeira. Como você faz as contas?

Eu me viro muito bem.

E você tem conta em banco?

Sim.

Isso já ajuda para abrir os créditos nas lojas, né?

Isso. Quando você passa o cartão do banco fica tudo certo. Nós duas em casa temos conta em banco.

E você guarda dinheiro, faz poupança?

Olha, minha poupança tá igualzinho quando você põe no quadro as contas com zero ou menos que zero.

Mas todo mundo sugere que comprar à vista vale a pena, muitas vezes fica mais barato.

Como você perguntou se eu economizo. Às vezes eu economizo. Essa minha televisão eu dei uma boa entrada e o resto eu parcelei. Então não sai muito pesado.

E você não tem hoje nenhuma conta atrasada?

Não, porque eu coloco tudo no cartão e ele vai matando se atrasar. Eu nunca paguei o mínimo, eu pago sempre todo o valor.

Já precisou entrar alguma vez em cheque especial, utilizar o limite?

Não, graças a Deus nunca precisei e não é de acontecer. Eu me planejo muito bem. Até aí para quem não sabe ler até que está indo bem.

Nesse seu trabalho você ganha por dia ou você tem um combinado por mês?

É por mês. Eu ganho um valor por mês.

Então não varia de um mês para o outro?

Não.

E você gosta desse esquema?

Sim, porque todo mês você já sabe que é aquele valor. Então eu me planejo e faço os meus gastos com esse valor na cabeça. Eu já sei o que eu tenho para ganhar no começo do mês.

E nos finais de semana? Que tipo de atividade você faz? Sai com essa amiga que mora com você, vai a algum parque? Cinema? Você gosta de ver filme?

Eu falei que eu adoro televisão. Filme não tem um que eu deixo de assistir. Principalmente TV a cabo. Se deixar eu vou até três horas da manhã assistindo. E desenho também.

E filme com legenda, você consegue acompanhar bem?

Não, me dá uma baita dor de cabeça. Tudo tem que ser dublado.

Mas é uma boa atividade pra treinar. Já que você gosta bastante de filme. Aí você vai associando o som com a palavra.

Mas até chegar lá o filme já foi embora. Termina o filme e eu não entendi nada.

Mas é um jeito de treinar.

No final de semana a gente vai também no parque, mas não é sempre porque as vezes a gente está bem cansada. No final de semana a gente tem que lavar, passar, por a casa em ordem, fazer almoço quando come em casa, mais no domingo. E no sábado à noite normal, igual todo mundo. A gente sai, barzinho, essas coisas. Eu adoro tomar uma cervejinha, porque ninguém é de ferro. Bater-papo e fazer uma coisa que não é tão agradável que é fumar.

Você fuma? Eu não sabia.

Desde os treze anos.

Mas você fuma muito?

Não. Só quando eu estou bebendo. Ou quando eu fico bem nervosa, o que graças a Deus faz muito tempo que eu não fico.

E nos finais de semana, para ir de um lado pro outro?

Ônibus. Mas alguns amigos também têm carro. Quando a gente sai com turma de amigos sempre tem algum que tem carro. Pra ir para algum lugar só eu e a comadre, tipo um parque, aí a gente se vira de ônibus mesmo.

E você tem carta de motorista?

Não.

E nunca pensou em tirar?

Essa minha patroa quer que eu aprenda sim. Como ela tem duas filhas adolescentes ela queria que eu soubesse. Se eu estiver bem de ler e escrever nos próximos meses ela ficou de pagar aula para eu aprender a dirigir. Mas eu não tenho coragem. Eu morro de medo. Mesmo quando eu não estou dirigindo se alguém vai muito rápido o meu coração parece que vai sair pela boca. Me dá um nervosismo. Não gosto muito de adrenalina. Dessa não.

O que você sente de mais necessidade para o seu dia-dia para ler e escrever? O que você sente que precisaria estar melhor com a leitura e a escrita para conseguir fazer que hoje você não consegue? Alguma coisa que tua patroa de pede, sair pra tomar um ônibus para algum lugar?

Eu morro de medo de me perder. Todo mundo fala que adulto não se perde. Que eu não sou nenhuma criança para me perder. Mas eu morro sim de medo. Quando alguém me manda ir para algum lugar que eu não conheço eu fico toda nervosa, porque eu não consigo ler. Eu estou aprendendo, mas ainda não consigo muita coisa. O que me dá mais dificuldade no dia-dia é quando a gente vai para algum lugar e tem alguma placa e às vezes eu preciso perguntar para alguém. Cardápio eu já sei me virar sozinha e a maioria das pessoas já sabem mais ou menos o que gosta, então sempre faz o mesmo pedido. Dificuldade mesmo mais essas. Quando tem alguma revista de fofoca, quando tem alguma entrevista para ler, isso me deixa muito nervosa.

Por não conseguir identificar direito?

Por não conseguir ler mesmo. Não saber o que aquela pessoa está falando, se é bom, se é ruim, o que aconteceu.

Mas o que você faz numa ocasião como essa? É tranquilo para você perguntar para as pessoas que trabalham com você, elas te ajudam?

Sim, eles lêem.

Então é algo que vai se ajeitando. Você tem essa ajuda até aprender?

Sim. E ela é professora. Na verdade ela não é. Ela só se formou em professora de inglês. Ela sabe explicar. E ela falou que quando fosse mais para frente ela iria me ensinar até inglês.

Olha, que chique!

Não é chique não. Eu nem sei português.

E quanto aos contratos? Sua casa é alugada, então vocês têm que assinar um contrato, né?

Eu assino, sempre assinei o meu nome. Nunca tive dificuldade. Agora para ler é complicado.

E no caso do contrato então?

Aí eu tenho que levar alguém para ler o que está escrito.

E normalmente quem você leva?

Sempre a menina que mora comigo. Porque a gente já se conhece, já mora junto faz tempo. Nunca aconteceu nenhum problema sério, mas de repente eu peço ajuda para alguém que entenda melhor do assunto.

Você gosta de roupa?

Gosto. Eu sou bem consumista.

Jóias?

Olha, eu sou mais roupa.

Mas você gosta de marca?

Não, se eu gostar da roupa é independente da marca.

Não tem marca nem para peça específica? Tipo calça jeans que tem aquelas marcas que a mulherada gosta?

Não, específica não. Gostei, caiu bem, então está ótimo!

Tem alguma coisa que você bateu o olho nessa semana e falou: ‘vou juntar dinheiro para comprar’?

A minha casa. Mas aqui, em São Paulo.

Então tem que juntar, economizar...

Ah, e muito! Já fiz uma besteira de comprar a televisão. Porque a gente mora junto, mas cada uma tem suas coisas. A casa é montada. Se um dia a gente se separar, cada uma leva as suas coisinhas. Não precisa aquela coisa de ter que vender e dividir o dinheiro. Só na sala e quintal que a gente divide as coisas que compra.

E com o que você vem ganhando, já é possível imaginar ou fazer algum plano para juntar o dinheiro para a casa?

Dava para eu imaginar. Mas como eu te falei, acabei assumindo algumas dívidas, comprando algumas coisas que atrapalham bastante.

Porque você acha que gosta tanto de comprar as coisas?

Eu não sei. Às vezes eu não estou fazendo nada. Semana passada eu não estava fazendo nada. Acabei indo na Lapa e comprei um DVD, que nunca nem tinha visto, mas eu precisava daquilo. Que nem você falou de jóias. Comprei uns brincos que também nem precisava, mas sei lá.

Mas você acha que a propaganda te chama a atenção? Ou alguma outra coisa?

Não. Normalmente eu estou fazendo outra coisa e aí me dá na cabeça de comprar. Aí eu compro. Deu vontade eu compro.

Mas a TV te influencia?

A televisão não me influencia não. Eu assisto bastante, mas não é por isso que eu compro. Mesmo em casa a gente já tinha três TVs, mas mesmo assim eu quis comprar essa de plasma. Da LG, linda. Eu não ia comprar já pra comprar o computador, mas eu não me desenvolvi bastante na leitura esse ano. Eu pensei em aprender mais um pouco e depois em compro.

E qual computador você pretende comprar?

Eu sou fã da LG. O meu celular é da LG, as minhas televisões são tudo da LG, menos a do meu quarto que é Toshiba.

Mas porque LG? Você comprou um produto e gostou e foi comprando os outros?

É porque antes eu tinha comprado o da Samsung. Aí eu não gostei. Tinha um celular e uma TV e deu problema. Aí eu comprei um da LG, gostei. E eu adoro aquele simbolozinho dela. Aquela bolinha vermelha.

2ª parte – Realizada na casa da entrevistada

Quando vai faltando vai desestimulando o pessoal, né? Já não é um negócio legal, né, depois de um dia inteiro de trabalho você ter aula à noite, cansativo, né? É uma pena que eu precisei mudar, eu queria tanto ter ficado em São Paulo para continuar.

A gente não está tendo uma aula de Matemática. Eu te falei, né?

Não está tendo mais? A Patrícia não chegou a dar alguma coisa?

A gente tem aquelas coisas que ela deu, lá, mas...

Pouquinha coisa.

É, até você deu uma aula, lembra, da apostila?

Hã, hã...

Então, é aquela apostila que ela ainda está revisando com a gente. Mas aí, até então, nada.

Eu estou vendo aqui, agora é mais fácil eu ver do que visualizar o que vocês me falarem, ó! Tem geladeira, tem TV, tem fogão, tem microondas?

Tenho.

Então. Isso tudo vocês compraram normalmente com cartão de crédito?

Isso.

Você sabe me dizer mais ou menos como funciona o cartão de crédito? Se eu te perguntasse o que é cartão de crédito, o que você me responderia?

Para mim é um dinheiro.

É um dinheiro! Ótimo!

Para mim é um dinheiro, é uma forma de não pagar à vista, às vezes a gente não tem dinheiro e tendo o cartão...

Aí você acaba... Não paga à vista, você paga em...

Em parcelas, sempre em parcelas, nunca à vista.

Mas aí... Qual é o benefício de parcelar? Você acha que é sempre bom parcelar, não é sempre bom parcelar?

Para mim às vezes é bom. Mas às vezes, não, porque às vezes tem juro. Às vezes você paga um juro, dependendo do tipo de parcela que você faz, aí você paga quase mais da metade de aparelho que você comprou. Você paga um e já a metade do outro.

Você tem esse costume? Porque às vezes fala parcelando, você acaba comprando em 2 ou 3 vezes. E quando acontece isso você abre mão de comprar parcelado?

Eu não compro. Quando eu vejo que eu vou pagar quase 2 vezes mais eu não compro.

A gente fala muito de compra de produtos. Mas a gente não se dá conta de outras coisas que a gente compra também, mas que não são coisas de produtos, são coisas para você, te segura? Você já tinha falando na primeira entrevista que vocês não tem carta de motorista, né?

Não tenho.

Você não gosta de dirigir.

Eu tenho medo

Tem receio. Mas você pensa alguma coisa assim de seguro para você? Por exemplo, essa casa, de repente tem... O pessoal oferece seguro para se chover, e estar alguma coisa...

Eu não tenho casa. Mas se tivesse eu também não colocaria.

Não colocaria?

Não.

Mas por quê?

Eu acho isso uma bobagem.

Bobagem?

Eu acho. Pode ser que eu esteja errada, mas eu acho isso uma bobagem.

Mas eu estou querendo saber a sua opinião, não tem certo nem errado nisso. Mas por que você acha uma bobagem?

Porque você vai ficar pagando uma coisa por anos – porque isso demora anos, e mais anos, e quando acontece você ainda vai correr atrás? E às vezes você nem consegue todo aquele valor que você pagou, porque sempre eles falam que quando acontece a gente vai receber aquilo, mas se for o ponto nos is não recebe, sempre falando “ah, você não leu o contrato..., tem isso, tem aquilo...”

Mas já aconteceu alguma coisa parecida com você?

Comigo não, mas eu sempre vejo no jornal, na TV, porque eu sou viciada em televisão. Então eu vejo.

Mas nunca com pessoa próxima que alguém te falou. Sempre pela TV? Já aconteceu com alguma situação.

Não, graças a Deus, não. Por enquanto não.

Entendi. E saúde; por exemplo, seguro-saúde, convênio médico?

Eu não tenho.

Mas você pretende ter, ou você também acha que não é importante?

Eu só penso quando eu tô doente.

Mas aí como é que faz? Você já precisou ir para o hospital?

Já, eu tive um convênio. Aí eu só usei uma vez, eu cancelei. Nos primeiros meses que eu fiz o convênio eu fiquei doente. Eu tive que ficar internada dois dias, aí ele não cobriu, lógico, porque estava em carência, era recente. E aí então eu paguei mais 2 anos e não fiquei mais doente, então eu cancelei.

Mas você cancelou porque achava que era caro? Você achava caro ou barato?

Eu achava barato, mas era um dinheiro que eu não estava usando.

Entendi. Independentemente de ser mais... E uma necessidade mais pra frente? Nesse caso, que o convênio não cobriu, você precisou pagar do seu bolso?

Eu tive que tirar do bolso. Na época foi caro.

E essas parcelinhas... vamos supor, você paga um monte de parcelas, um pouquinho por mês. Que aconteça uma vez a cada 5 anos, por exemplo, você acha que cobria ou não cobria? Entendeu?

Cobria.

Então, valeria a pena?

Valeria. Mas eu não pensava dessa forma, eu tinha 18 anos na época.

Mas e hoje, você não tem essa...

Quando eu estou doente.

Só quando está doente.

Eu acho um desperdício. Eu não sou de frequentar médico, então, plano de saúde para mim, só quando eu estou muito ruim.

E no caso aqui, a sua comadre, você falou que tem um filhinho. Ela tem plano de saúde?

Ela tem, tem um convênio.

Tem para ele.

Tem para ele.

Criança sempre está estourando, né?

Tem para ele.

E ele usa bastante?

Ele usa. E isso aí já vale a pena.

E quando tem uma emergência. Quando foi a última vez que ele precisou usar, você lembra?

Não. Eu não lembro, mas acho que uns 4 meses atrás, por aí.

Você lembra o que aconteceu?

É rotina, ele vai, porque ele sangra do nariz, quando o tempo está seco, ele tem... e ele também teve bronquite. Fora isso...

Mas vocês levam no médico ou no hospital?

Ela leva no pronto-socorro.

E é aqui perto?

Na Lapa. O plano dele é na Lapa.

É um hospital particular, né?

Isso.

E atendem bem? Como funciona?

Tudo direitinho.

E aquele negócio que a gente vê na TV, da turma aguardando filha, maior tempão, já aconteceu?

Comigo sim.

Comigo também, já tive canseira em pronto socorro, às vezes, mesmo você tendo convênio toma canseira. “Ah, o seu convênio, eu vou verificar se cobre...”.

Sobre isso, o convênio dele não. Mas a gente sim, a gente sempre quando vai assim, que nem... está com um mês que eu precisei, eu tive que ficar horas e horas numa fila. Aí eu pensei no convênio. Mas é só a parte que eu penso no convênio. Lá na Santa Casa.

E quando você vai conversar com o médico, essa vez que você ficou internada, depois você precisou ficar tomando remédio?

Precisei.

E aí, como é? Ele te dá a receita, você vai lá...

Eles me dão a receita e a gente compra.

Isso é uma coisa que eu ia perguntar: como é que você... você faz pesquisa de preço para comprar remédio?

Sim.

E aí você vai em diversas farmácias?

No máximo duas.

Não tem algum lugar que você já sabe que é mais barato?

Eu sei que é mais barato.

Mas entre alguma farmácia, que você já conhece...

A Drogaria São Paulo.

Tem lá perto do seu trabalho?

Isso.

E quando o médico receita, você tem costume de ler a bula do remédio, assim... para saber?

Não, porque até então não sabia ler, né?

Mas e agora, que você está aprendendo?

Agora eu tento, porque é complicado. Até você descobrir em que parte vai estar, e que efeito colateral vai fazer, eu já tomo logo, depois eu vejo.

Depois você vê o que dá. Entendi. E no caso, nesse caso, que você estava sem convênio, a gente sabe, a gente vê na TV também que o atendimento é pior, de repente o caso nem pergunta se você tem alguma alergia, sem tem alguma coisa, e pode ter um efeito colateral? Aí, como é que... é importante ler a bula para saber. Então hoje você tenta?

Hoje eu tento.

É isso, é importante!

Hoje eu tento.

Hoje é sábado, você voltou ontem para sua casa, né? A que horas você saiu de lá?

4 horas.

Chegou aqui a que horas?

Às 5.

Uma horinha só, de ônibus?

É, porque até eu descer... porque não tem ônibus, às vezes eu vou andando até no West Plaza ou senão eu pego lá o Perdizes e vou até na marechal. E de lá eu pego e volto para casa. Então, no intervalo disso gasta uns 20 minutos; mas se fosse direto era 40 minutos.

40 minutos. De trem?

De ônibus.

De ônibus. Ah, tem ponto que você pega na Marechal ou no West Plaza?

Isso.

Qual é: o Mangalot?

Pego o Mangalot.

Eu já peguei bastante o Perdizes lá embaixo, na estação Marechal.

Aí sim, mas se não for é rápido e no máximo 40 minutos.

E segunda-feira, você sai que horas daqui?

5h10.

5h10 da matina. Sabe que horas eu estou acordando de 2ª? 4 e meia da manhã!

Eu acordo 4 e meia para me trocar...

É, eu saio umas 5 e pouco, vou para o aeroporto.

Para acordar eu acordo 4 e 20, porque até eu despertar...

Você sai daqui 5h10 para chegar lá umas 6h10?

Não, eu chego quinze para as seis.

Quinze para as seis? Você chega mais rápido, então.

Chego mais rápido.

Essa hora não tem trânsito, né?

Não tem, mas o meu horário é 7 e meia. Só que aí eu faço isso porque na 2ª. Eu volto para casa. Na segunda eu venho para casa e só volto na terça. Eu durmo lá 3ª, 4ª e 5ª.

Na 2ª você volta para cá? Tem alguma razão especial? Você vai e volta na segunda?

Isso.

Algum motivo?

É que eu não gosto de dormir lá. E quando eu fui fazer a minha entrevista foi feito assim, para mim dormir. Então, no dia que não tem aula aí eu venho para casa.

Ah, tá, você só fica lá 3ª, 4ª e 5ª por causa da aula.

Da aula.

Então, esses dias, 3ª e 4ª que não teve aula e imagino que você não tenha ficado muito feliz.

Não, porque eu fiquei lá à toa.

Dormir lá em vez de dormir na sua casa.

Hã, hã...

Sua cama é sua cama, né?

Isso é.

Tem que conversar com a turma lá, vocês vão conversar com o padre?

A gente vai conversar com o padre. A gente ia falar com ele na 4ª, mas ele tinha reunião. Estava tendo reunião na sala, então não dava para a gente chamar ele.

O que vocês pretendem falar? Imagina que eu sou o padre.

A gente vai falar que as professoras não estão indo, que a gente está indo à toa.

Pelo menos para avisar.

Para ver se ele fala de novo lá na igreja, se tem algum voluntário, porque os que vão dar aula para gente é através da igreja.

Você frequenta a igreja para alguma outra coisa?

Sim.

Você vai à missa?

Eu vou.

Que dia você vai à missa?

Antes de ir na aula.

Ah é? Você chega mais cedo?

Não é todos os dias, mas um dia na semana, sim, de preferência na 4ª.

Você sabe rezar?

Sei.

Mas quando você aprendeu, de menina? Você fez... como é que é...?

Primeira Comunhão, não. Crisma, não. Só sou batizada.

Batizada, né? Catecismo... o que é?

Também não, que é...

Catecismo são as aulas para a Primeira Comunhão.

Isso.

E como você aprendeu a rezar?

A minha mãe me ensinou.

E só de ouvir você lembra?

Toda noite, quando a gente ia dormir ela colocava a gente para rezar.

Eu lembro que você tinha comentado na nossa primeira conversa que você largou a escola cedo, lá, Ceará, né?

Isso.

E sua mãe... como foi a reação da sua mãe?

Ela não gostou, ela ficou brava, tirou muitas coisas... Muitas coisas não, porque lá no norte não tem, que nem aqui, né, tirar uma televisão, como a gente fala para os filhos. Mas assim, de ir na casa de uma amiga, de sair, porque lá a gente gosta muito da rua. Então, se falasse que não ira para a rua era uma tragédia.

E ela sabia ler e escrever?

Ela sabe. O meu pai não sabe.

E ela não tentou, depois, ensinar vocês... você largou a escola...?

Não, ela ficou brava e falou que não ia ensinar burro velho, e não sei o que; ela ficou com raiva. E aí... ela não deixava, que nem eu falei, ela batia muito, ela bateu ainda para eu voltar para a aula, mas não. As minhas irmãs foram, todas elas terminaram. E a única sou eu.

Essas suas irmãs estão aqui em São Paulo?

Estão todas lá.

Elas trabalham lá?

Trabalham lá.

O que elas fazem lá?

Duas são costureiras, uma é caixa e a outra é novinha.

Novinha.

E a outra não trabalha, porque cuida da minha avó, ela mora com minha avó.

E você acha que a sua vida é melhor ou pior do que a delas? Ou é indiferente?

É indiferente. No estudo eu saio perdendo, para mim é pior.

Mas você acha que o fato de não ter estudado te deixou em desvantagem em relação a elas?

Deixou.

Mas desvantagem em relação a quê? Trabalho?

O trabalho, senão hoje eu não estava na casa dos outros, eu teria um emprego melhor.

Mas você acha que o emprego delas é melhor que o seu?

É sim. Eu já fui costureira. Mas para mim, aqui, tem que fazer ficha, essas coisas assim e saber ler, porque eles entregam as mercadorias e vem escrito, né, então, você não sabia o estava escrito ali.

E lá, também precisa?

Precisa, mas no tempo que eu trabalhava, não.

Você trabalhou como costureira lá, né? E sem estudar. E elas estudaram e também são costureiras. Então...

Mas eu era em oficina, e elas são em fábrica, é diferente.

Fábrica é melhor, é mais... ganha mais?

Ganha mais. Em oficina é pouco assim... que nem fala, é pequeno empresário, 5-6 pessoas.

Participar menos?

E elas não, são filiais grandes.

Entendo.

Uma delas trabalha na Lilica Ripilica. Já é diferente.

Ganha melhor, né?

Mais ou menos, porque lá só paga uma miséria. Mas prá lá, tá ótimo, elas recebem, dá para elas se manterem.

Entendi. Dá para se manter; mas consegue juntar, economizar?

Não, não dá.

E aqui, você consegue juntar?

Não, porque eu divido o aluguel, porque tem coisas que eu quero, como a televisão. Então, assim, juntar não, mas... para juntar eu precisava primeiro me organizar. Eu vou tentar fazer isso.

Entendi. Você já pensou em ter aula de organização financeira, alguma coisa assim?

Eu pretendo primeiro chegar, saber um pouco mais do começo.

Entender um pouquinho mais?

Entender logo os necessários.

Entendi. Mas é de certa forma isso que você me falou... É que às vezes a gente nem se dá conta, né, tem coisas que a gente faz, fala, “ah, se eu vejo que os juros são altos eu acabo não comprando”, isso é organização financeira.

Ah, a gente vai aprendendo com o tempo.

Porque você acha que com o tempo você vai aprender uma situação que hoje você sabe que você não deve fazer. Falando em termos de comprar coisas.

Gastar muito, muita besteira.

O que é besteira?

Eu adoro... eu já falei, duas coisas na minha vida que eu adoro é ver televisão e a outra é me divertir. Então, eu saía muito, eu bebia muito, então isso fez com que eu não juntasse dinheiro, não pensar no amanhã, só no hoje, só no agora.

E hoje, você tem essa mente de juntar um pouquinho?

Hoje sim.

Está conseguindo?

Por enquanto não, mas eu estou tentando me organizar para conseguir depois.

Nesse caso de junta você falou que saia para se divertir, saía... Hoje, o que você faz para se divertir? Você ainda continua saindo?

Não, raramente.

Mas é bom também sair um pouco, né?

É, mas faz um tempo que eu estou enferrujada.

Enferrujada... o que você fazia quando saía?

A gente ia pra o baile, tomar uma cerveja e dançar e beijar na boca, que ninguém é de ferro.

Coisa boa, é bom, é verdade. Mas hoje não tem mais feito isso?

Não.

Mas é bom, também, né, sair um pouco. O que você faz no final de semana quando você não sai?

O que eu faço no final de semana. Por exemplo, eu fico em casa, eu fico ouvindo música, mas a minha cerveja eu não dispenso.

Você sabe que tem muita coisa que é de graça, né? Show...

Sim, a gente sempre vai no parque. A gente vai no parque, mas no baile, não. E também não de show grátis, porque dá muita baianada, muita confusão.

Muita baianada, muita confusão? Entendi. Porque imagina, trabalhar a semana inteira e ficar o fim de semana inteiro em casa também não compensa.

Às vezes também eu já chego cansada, às vezes não dá para sair. Que nem hoje, ela vai, eu não, porque eu não agüento.

Entendi. Ela vai para onde?

Ela vai para o teatro.

Vai para o teatro. É aqui perto?

Não, lá no Centro.

No Centro?

Lá em Perdizes.

Na PUC?

Na PUC, isso.

Que peça ela vai ver, você sabe?

Não sei.

Você tem costume de ir no teatro também?

Eu sempre vou no Teatro Folha.

Teatro Folha?

Eu gosto dele.

E você acha caro, você acha barato...

Não, depende da peça eu acho que vale a pena.

Vale a pena. Você tem carteirinha de lá?

Não tenho.

Quanto é uma peça de teatro mais ou menos?

A última eu paguei 42,00.

É, se você pensar condução até lá, você vai acabar jantando por lá, aí...

Aí é um programa legal. Então, a gente foi, andamos no shopping, depois a gente jantou, depois a gente foi ver a peça e aí voltamos para casa.

E que peça vocês viram? Você lembra o nome?

A gente foi ver do Renato Russo.

Ah, eu acho que eu sei qual é. Não me lembro o nome.

Acho que ainda tenho a folhinha...

E você gosta das músicas do Renato Russo?

Algumas.

Gostava do Legião Urbana?

Um pouco. Não é a minha cara, mas a companhia, eu tinha que ir.

E que mais você gosta? Legal... Teatro.

Eu gosto de cinema.

Ah, você costuma ir ao cinema?

Sim.

E com os filmes legendados, como você faz?

Eu não consigo, tem que ser dublado.

Mas à noite passa filme dublado?

Eu vou mais de domingo à tarde.

Ah, tá, porque tem esse lance, né?

Na 4ª feira também tem.

Na 4ª feira também tem. E você costuma ver antes? Você já entrou por engano em algum que era legendado? Ou não?

Não, porque eu pergunto antes.

Na bilheteria, né?

Isso.

Aí, que mais? Ah, legal...! Teatro é bom. E vocês despencam até lá, só para ver um teatro?

Hã, hã...

Tem algum teatro aqui perto? Você conhece?

Não, que eu conheço não.

Isso é ruim, né, podia ter mais oferta de cinema e teatro, né?

É, aqui não tem. E cinema também não. Só no Shopping da Lapa e de Osasco. Pra cá não tem.

Entendi. Que mais? Quando você ... deixe eu pegar aqui algumas situações. O Vinicius estuda onde?

Estuda lá na Santa Cecília.

E o que é lá?

É uma escola.

É particular?

Não, é pública.

Mas você e a sua comadre acompanham o aprendizado dele?

Não, não dá.

Assim, de ver se ele está aprendendo, se ele não está aprendendo.

Às vezes no final de semana a gente vê. Mas na aula não dá.

Ela vai às reuniões de pais, essas coisas?

Vai.

É com muita frequência que eles chamam?

Sim.

Porque isso é uma coisa que eu tenho curiosidade. Falam muito que a escola pública, o ensino não está bom, essas coisas...

Não, é ótimo. Agora ele tem... na outra escola que ele está indo à tarde, que eles vão dar aula de computação, ele vai ganhar uma bolsa, então, eles não podem faltar. Então, eles ganham computação, aula de inglês...

Ele está indo numa outra escola à tarde?

É um CJ, à tarde.

O que é CJ?

É que nem fosse para acompanhar a escola durante o dia todo. Aí elas vão lá mais para brincar, essas coisas assim, porque as mães trabalham e não tem como trazer o filho.

E dessa escola para a outra... é no mesmo lugar que fica?

Não.

E como é que levam?

Ela paga uma pessoa para levar.

Ah, entendi. Aí as mães lá se reúnem e pagam uma pessoa para levar a criançada?

O cara da peruca, e ele busca eles depois do almoço e leva prá lá.

Essa da tarde é na Santa Cecília mesmo?

Essa é na Santa Cecília.

A da tarde?

Isso, e a da manhã é na Barra Funda.

Ah, é uma pertinho da outra.

É.

Nesse caso, que falam da escola pública, mas no caso dele... é ótimo, né, ele aprende bem? Ele está com quantos anos?

Ele está com 7 anos.

E já está na primeira série?

Já.

Então, tá idade certinha...

Isso.

E se ele, daqui, sei lá, 4-5 anos, falasse: “eu não quero mais ir para a escola”...

Ah, não seria legal, a gente não ia deixar.

Mas o que vocêalaria?

Eu ia dar a minha experiência própria. Tem um espelho, sou eu mesma.

E em questão de alimentação. O que vocês costumam... Bom, você fica lá nos dias de semana, então, você almoça lá e janta lá.

É.

No final de semana o que você costuma comer? Almoçar, jantar?

A gente almoça, a gente janta, tudo normal, faz arroz, feijão, salada, legumes.

Vocês fazem comida. Vocês têm costume de comer fora?

Não, porque a gente já come fora todo dia. Ela come no trabalho, eu também. E à noite só que comem em casa. Então, no final de semana a gente que cozinha do nosso jeito.

E vocês fazem compra mensal? Vocês vão uma vez a cada...

Semanal.

Semanal. E vocês compram onde, normalmente?

Aqui no supermercado, aqui do lado.

É mais barato, mais caro? Porque normalmente o pessoal deixa para ir uma vez por mês, fazer uma compra grande, num lugar mais barato, né? Vocês têm esse costume?

Não, a gente não tem, porque a gente não consome muito. É mais por causa dele, porque tem leite, essas coisas... então, é semanal. E é barato. Tem dois supermercados, a gente pesquisa: tem o Dia e tem o Peri, o qual for mais em conta a gente vai.

Hã, hã...

E tem o Carrefour, mas a gente nunca vai nele, já é mais caro.

Carrefour é mais caro?

É mais caro e é mais longe, a gente tem que vir andando. E aqui é só atravessar a rua.

Entendi, aí fica mais em conta, né? E você acha que tipo de situação, por exemplo, isso aconteceu uma vez comigo, quando eu viajei para um país de outra língua, eu comprei coisas que não eram bem o que eu esperava, né? Eu já comecei a comer um negócio que era tipo uma pomada. E já aconteceu alguma situação assim, que você se lembra? De comprar uma coisa...

De comprar que a gente não entendesse, não. Mas que a gente ganhasse assim, algum presente, um creme ou um perfume, essas coisas assim. Eu mesma ganhei um negócio ali que está há anos, que eu não sei se é xampu, se é... não tem nada...

Então, você deixou lá quietinho?

Só porque é de uma marca famosa, da Victoria Regis, então está ali.

É um vidrinho?

São três

São três, você não sabe se é perfume.

Um parece ser um óleo, o outro xampu e o outro um creme.

Mas você não arriscou?

Ah, não, vai se ele seja errado.

Mas para comprar... você acaba perguntando, né?

Acabo perguntando.

Você já teve alguma situação que ao perguntar a pessoa não te atendeu bem, assim, e fala? “pô, mas por que você está perguntando?”... Coisas assim?

Sempre tem umas vendedoras ignorantes, que a gente pergunta ou elas se fazer que não estão ouvindo, mas acaba tudo bem, porque eu sou encrenqueirinha, logo chamo, ela já vem. Estou pagando, então...

Então, você gosta de confrontar...

Não é gostar, se eu estou pagando, tem que me atender bem. Se eu não estou entendendo o que é aquilo...

Já está ficando brava.

Se eu não estou entendendo, então eu preciso de ajuda.

É, tem também o lance de que isso é educação. Antes de qualquer coisa isso é educação. Se a pessoa é para te atender. Então comprar, antes de comprar você pergunta. Depois que eu comprei esse negócio errado, depois que eu comi um pouquinho de pomada e era numa loja bem em frente, que eu comprava todo dia as coisas lá, eu fiquei meio sem graça, então, eu sempre ficava observando as pessoas comprarem antes de eu comprar. Então, assim, se a pessoa estava levando pão (que é fácil de identificar, né?) e não sei mais o que, eu podia imaginar que aquele negócio que estava acompanhando o pão era comida. Entende? Você tem alguns esqueminhas assim, na sua cabeça, para identificar coisas?

Não, só a parte assim, de ler, quando a gente ia para algum lugar. Por exemplo, um pronto socorro, que tem várias salas. Então, eu sabia que aquela pessoa que falava que tinha alguma coisa e ia perguntar o que tinha que fazer, aí eu ficava de olho pra ver como fazer também. Às vezes se eu ficava em dúvida e voltava e tentava perguntar de novo.

Entendi, o pessoal te indica, “ah, vai na sala do médico de alergia. Aí tem 500 salas lá...

E ainda escrito um nome que você não entende; então...

E aí você volta e pergunta para a enfermeira...

Ou para alguém próximo lá.

Entendi. Mas é tranquilo perguntar para alguém que está lá, que você conhece? Por exemplo, imagine que você está sozinha. Como você faz? Você pergunta numa boa, para tudo?

Pergunto, pergunto, vai que eu entro no lugar errado? Tá ferrado.

Melhor perguntar, né? Para não ter problema, né? E com cartão de crédito, cheque... Você tem cheque?

Não, só cartão, trabalho só com cartão.

Mas o banco já te ofereceu cheque?

Sim.

E aí, o que você faz?

Não aceitei.

Você recusou. Mas os caras são chatos, né, os caras tentam te passar para trás.

Eu falo que eu não quero longo, e acabou. Eu falo que eu estou ocupada.

E no caso do cartão de crédito, quando você de repente está apertada, você tem idéia do que acontece quando você não paga a fatura?

Eu nunca pago o limite.

Oi?

Eu nunca pago o limite. E nunca deixo atrasar, porque eu vejo a situação, que você paga uma multa.

Violenta, né?

Violenta, e você nunca consegue terminar de pagar aquele limite.

A multa violenta é que são os juros.

São os juros.

Deixa eu perguntar.

Ai Deus...

Naná, o que são os juros? Não existe resposta certa, eu só estou curioso para saber como você me responderia.

Os juros... aí... pra mim é como pagar uma conta que não consegue, sei lá... não sei te falar bem, não.

Não tem problema, não tem resposta certa, só estou curioso para saber com você descreve. É justamente assim, é uma espécie de multa, que é cobrada, um acréscimo do valor. Você está devendo 10, você não pagou na data combinada, você vai pagar 10 mais alguma coisinha. É isso o que eu entendo. Não sei se é a resposta certa também. Eu não entendo muito de matemática.

Ah, tá.

A gente já está acabando, eu não vou tomar mais o seu tempo. Você alguma vez já sentiu ter caído em lábia de vendedor? Sabe, assim, ter comprado e depois de dois dias pensar: “putz, eu não precisava ter comprado isso”, e na hora parecia tão...

Já.

Tenta me explicar. Fala uma situação.

A minha TV da sala. Mas eu queria, eu gostava, mas não naquele momento, eu não precisava daquilo. Eu tinha outro, tinha dois.

E o cara... tem uns vendedores que são bons.

Aí teve uma lábia muito boa, eu acabei caindo. E quando eu cheguei em casa eu pensei: “eu não devia ter entrado nessa...”.

E o eu você acha que te levou a cair na lábia? Você acha que é alguma coisa que tenha referência à idade? Você acha que de repente, mulher, para alguns produtos cai mais, negócio de tecnologia, essas coisas superbonitas? Ou de repente a idade, se você estivesse 5 ou 10 anos mais velha você conseguiria ponderar melhor? Se você fosse mais nova. O que você acha que é?

E acho que vai para esse negócio da boniteza, sabe, da tecnologia, essa daí eu fui pela tecnologia, porque ela tinha tudo que a outra não tinha.

O que, por exemplo?

Ah, são tantas coisas, que eu não entendo mais. Por exemplo, ela grava não sei quantas horas, ela filma, ela faz um monte de coisas, coisas que a outra não fazia.

Você usa, você costuma usar esse negócio, gravar programa?

Ah, ainda não tentei, mas ela fica lá.

Tá lá.

É só a forma de consumir, eu não vou usar, mas ela está ali. Entendeu? Eu sei que ela não vai fazer, mas ela está lá.

E você sabe é o que é Previdência?

Não. A Vera até que ficou dando aula para a gente duas vezes, mas depois...

Você é registrado lá no seu trabalho?

Sou.

Tem fundo de garantia, né?

Não.

Não tem fundo de garantia?

Não.

Mas não recolhe? Por quê?

Porque empregada doméstica não tem. É só em firma. A gente só tem direito a 13º, férias e acabou.

Seguro desemprego?

Seguro desemprego a gente também não tem.

Também não tem direito. Então, vamos supor que deu um problema lá, eles apertaram, ficaram sem dinheiro, eles precisam cortar. Eles te chamam: “lamento, vou precisar cortar, eu te pago o aviso prévio...”. O que você faria com as finanças? Como você economizaria? Falava: “ah, tem coisas que dá para eu diminuir os gastos...”.

Ia diminuir.

O quê? O que seria a sua primeira decisão? “Bom, eu não tenho salário esse mês, o que eu faço?”.

O meu cabelo.

O cabelo? O que tem?

Eu ia diminuir o salão.

Ah, você vai bastante ao salão...

Por causa das unhas. O que eu diminuía mais... minha cerveja... não tudo. E o meu cigarro. Isso eu diminuía, porque o gasto que a gente tem é esse. Porque o telefone é necessário e o mais é mais... era isso só, diminuir nesse sentido, de coisas... não, porque a gente não gasta muito. Aluguel a gente tem que pagar, não tem como diminuir.

Mas você conseguiria renegociar?

Com o dono? Não tem conversa. Com ele não.

E alternativas? De repente, morara num outro lugar, mais barato? Mas isso é mais para frente, né?

Isso não tinha como, porque daqui do bairro o lugar mais barato é esse. Então, essa parte da casa, sem chance, não tinha como diminuir.

Previdência é justamente você pegar todo mês, é uma forma de você separar uma partezinha do seu trabalho e guardar. E é uma espécie de fundo de garantia. O fundo de garantia é público, né, que o governo cuida – cuida daquele jeito, né? Mas tem coisas com empresas, que você fala para a empresa: “ó, todo mês já separa uma partezinha”. Seu salário é 100? Você recebe 90, porque 10 já vai

automático para lá e vai somando. Porque uma hora você vai ficar mais cansado, você vai parar de trabalhar, você vai se aposentar, né?

Ô!

E você pretende se aposentar logo. Eu pretendo me aposentar longo. Não sei se eu vou conseguir.

Ah, eu muito pior...

Eu gostaria, mas não significa que eu vou conseguir. Mas a idéia é quanto você parar de trabalhar, usufruir desse dinheiro.

É.

Por isso eu fiquei com isso na cabeça.

Não, a gente não tem. Até que o nosso presidente falou que ia fazer isso para o empregado doméstico, mas ainda não.

Você vota aqui em São Paulo?

Voto.

Vai votar em quem?

No Serra.

Não votar no Lula? Ah, no Lula, não, na Dilma.

Não.

Na verdade quem vota nela vai votar no Lula.

Eu nunca votei, desde quanto eu votei, que eu entendi por gente, devotar, eu nunca votei no PT. E não vai ser dessa vez.

É, mas tem algum motivo?

Porque eu não gosto simplesmente desse nome PT. Não gosto. A minha família toda, sim, vai votar no PT. Eu não vou.

Alguém da sua família tem o Bolsa Família?

A minha e as minhas duas irmãs mais novas. Eu tenho uma de criação.

E elas não trabalham?

Essa trabalha, mas aí ela está terminando os estudos. Até quando ela sair do colégio ela recebe. Então, eu acho que ano que vem ela já não recebe mais. Aí fica só a minha mãe e a minha irmã mais nova, que tem 8 anos.

Então você não gosta do nome.

Eu não gosto do nome, eu não gosto do partido.

Mas é antipatia assim de cara ou coisas do jeito que eles falam?

É do jeito que eles falam. Eu não vou com a cara deles, não sei por que, eu não consigo engolir. Adoro o partido do Alckmin, eu sou fã do Alckmin.

Do Alckmin? Ele vai para governador, né?

Por mim ele poderia ter sido também presidente.

Ah, ele disputou em 2006.

Não deu, eu votei nele as duas vezes.

Você vota onde aqui em São Paulo?

Na FAAP.

Mas por que seu título é lá?

Porque quando eu fiz só tinha vaga para a FAAP.

Ah, é? Achei que fosse perto de onde a gente mora.

Então, eu trabalhava no Higienópolis, então ficava perto.

Ah, aí você colocou como residência lá...

Isso, porque eu ficava lá o tempo todo.

Tinha alguma coisa que te puxasse para lá.

O trabalho.

Entendi.

Como eu ficava lá, quando eu era babá, que nem eu te falei, que eu trabalhei para esses judeus e aí eu fiquei 10 anos com eles.

E você gosta do Higienópolis?

Adoro!

É bárbaro, né?

Não gosto de Perdizes, gosto do Higienópolis.

Higienópolis é mais gostoso, mas eu gosto de perdizes. Eu sou suspeito para falar porque eu morei a vida inteira em Perdizes. Mas Higienópolis é bacana.

Eu gosto do Higienópolis. É tudo mais fácil, acesso a tudo, banco, metrô. Em Perdizes é muito ruim.

Muita ladeira, né?

Muito, não tem nada. Você vai no banco, tem que subir duas ladeiras para descer duas. Você vai no supermercado, você tá morta. Não dá. A vantagem de lá é só a feira.

O Vinícius não foi no teatro?

Não, ele não vai, ele vai ficar comigo. O teatro é de adulto.

Mas vocês costumam levar ele em peça de teatro para crianças?

Com a gente não, ele já foi com a escola. Cinema sim.

Cinema vocês levam. E vocês têm costume de levar ele em alguma exposição, tipo museu, gosta de pintura?

Isso tudo ele vai com a escola. Mas se tem uma exposição, ele vai no Parque da Água Branca, que é o único que tem assim, perto.

Lá é bem gostoso.

Ele ama lá, e lá sempre tem exposição, aquelas feiras de cavalos e de artesanato. E a gente vai lá e explica: “isso aqui é lá da terra da mamãe, isso aqui é da terra da Dinda”.

Dinda é madrinha.

Por isso que quando você falou ele ficou olhando, porque ele não sabe...

Ah, não. Porque ele te chama de Dinda?

Você viu que ele achou graça?

Olha, Naná, está ótimo. Não vou tomar seu tempo, são 6 e 20.

Tranquilo, você está aí com o seu, porque eu estou dentro de casa, não vou fazer nada.

Ah, tá, mas precisa descansar, também. É isso aí. Então eu agradeço muito.

Imagina...

A gente vai manter contato ainda, de vez em quando eu apareço...

Tomara que dê certo. E vê se aparece para dar aula para a gente.

Se Deus quiser, eu vou tentar a transferência para São Paulo, mais um tempinho, é que agora, de cara, não dá, né?

Mas você está fazendo o que mesmo, lá?

Eu estou trabalhando no Banco Central. Mas tem em São Paulo também. É que a minha vaga era para lá. Com o tempo eu vou ver se consigo.

Aos poucos.

Aos poucos conversar com o chefe e voltar para lá.

Pegar amizade.

É, então, aí tem que ser o lado político da coisa, né?

Aí você tem que se envolver lá no Lula. Você vai votar em quem?

Eu vou votar no Serra também.

E no Alckmin?

E no Alckmin.

Tem que votar no Alckmin.

Em quem você vai votar para senador?

Não tenho a mínima idéia de nenhum desses. Só sei de 2, o resto eu não sei. Estou pensando.

Quem você sabe?

Como assim?

Que vai para senador... Ah, você sabe de dois, o Serra e o Alckmin.

Mas os outros eu não sei, estou pensando. Porque você vê, o Tiririca querendo...

O pior é que vai ganhar.

Mas se a pessoa for bem inteligente vai entender o que ele está passando.

Isso aparece nas pesquisas de intenção de voto. Falam que ele está super bem votado.

Principalmente lá da parte do Ceará.

Ah, mas é como federal, mas é para São Paulo. É que o pessoal vota por sacanagem.

Mas aqui tem muito nordestino, então, se for...

É verdade.

Eu não votaria nele, mas se fosse só pra tirar onda eu votaria.

É, mas eu acho que muita gente vê assim.

Mas a política já está uma palhaçada.

É verdade.

Mas você vai votar no palhaço? Numa mulher pêra? Aquele lá, o Maguila, para ele sair dando porrada em todo mundo? Deixe eu ver quem é o outro: aquele Netinho, depois que espancou a mulher e tudo... faça-me o favor.

O negócio tá feio, tá ficando feio, viu, Naná?

Tá demais. Eu não votaria. Eu votaria neles, só nos dois, nos outros não. De jeito nenhum.

É isso.

Prontinho?

Prontinho! Super obrigado.

Imagine! Precisando...

8.5 Entrevista 4

Bom, vamos lá.

Quero só ver o que eu vou ter que responder para você.

É bate papo, que nem a gente estava conversando aqui.

Você me pergunta e eu dando as respostas...

Isso. Só para explicar para você. O que eu estou estudando? Estou estudando como as pessoas consomem, como as pessoas compram coisas.

Ah, tá.

Mas não só como compra em assuntos de dinheiro, mas como faz escolhas, como toma decisão de comprar, ou de não comprar, de escolher um produto e não outro, sabe, o dia a dia e principalmente eu estou vendo sobre pessoas que estão em processo de alfabetização, ou seja, que teoricamente não tem mais dificuldade de ler, de escrever e como isso impacta, né, como isso influencia; na verdade, eu percebo que muitas vezes não influencia nada, as pessoas comprar do mesmo jeito, sabe escolher do mesmo jeito, não muda muita coisa. Tá? Só para a gente ter gravado, a primeira coisa que eu queria que você falasse são os seus dados completos, nome, idade...

Meu nome é G. R. S., eu tenho 57 anos, sou de Minas.

De que cidade?

Diamantina.

Diamantina? Perto de ...?

Da Bahia é Adamantina, né? E lá da gente é Diamantina, aquela cidade histórica.

Cidade histórica, perto de Congonhas do Campo.

Eles falam que é a cidadezinha histórica de Minas, né, Diamantina.

Mas é perto de onde? Mariana?

Na verdade eu sou de Felisberto Caldeira. Nós chamamos lá de Rio Preto. Certo? Mas o nome mesmo é Felisberto Caldeira. De Diamantina lá dá, acho que 2 horas e meia de carro próprio. É como se fosse daqui em Aparecida, eu acho. Entendeu?

De Felisberto Caldeira é 2 horas e meia de Diamantina.

É. Mais ou menos dá isso, que é o lugar que eu... Eu nasci lá. Mas como a cidadezinha é muito pequena o registro da gente é tudo em Diamantina.

Ah, entendi.

Que é o lugar maior, né?

Nossa! 2 horas? O lugar maior é 2 horas? Não tem nenhuma outra cidade por perto?

Não, não tem. É tudo comerciozinho, porque o povo trata de comércio, né?

Entendi.

Próximos assim, que a cidadezinha maior é essa, depois a gente já entra vindo para Belo Horizonte, aí já passa Mundanha. Não, Mundanha é depois. Aí já vem para Sete Lagoas; você já ouviu falar, né?

Sim, sim.

Aí já entra para... Tem várias cidadezinhas.

E você torce para o Atlético Mineiro ou para o Cruzeiro?

Eu torço para o Atlético.

Para o Atlético?

É, ele tá lá no fundão, coitado. Ele levou uma pancada do coisa essa semana e foi lá para o buraco. Mas tudo bem.

Você chegou a morar em Diamantina ou não, só foi registrada?

Não, só de passagem mesmo. Só registro mesmo. Eu morava mesmo só lá nessa cidadezinha, minha mãe faleceu lá, depois eu saí de lá e vim direto para Belo Horizonte.

Você foi de lá para Belo Horizonte?

Isso, eu já saí direto.

Com quantos anos?

Eu tinha... Ia completar 22 anos.

E por que você foi para lá?

Ah, porque meu pai era muito nervoso, né? Então, a minha mãe, que sempre defendia a gente foi embora e o meu pai era muito nervoso, tudo era caso de briga, de coisa. Se a gente paquerava um cara ele queria casar a gente na marra. Eu saí escondidinha.

Sério?

É sério!

Mas você nunca... Mas você ainda fala com teu pai?

Meu pai já faleceu também. Porque eu saí... A minha mãe faleceu, passado um tempo eu falei: “eu vou sair, eu vou ir...”. A minha outra irmã, essa que mora aqui, ficou lá. E a outra já morava em Belo Horizonte, desde antes da minha mãe falecer. Aí peguei e falei para minha irmã... Ele me arranhou uns casamentos lá, eu falei para minha irmã: “se você quiser você casa, porque a Nica tá dando o fora”. Era Nica o meu apelido lá, “eu tô dando o fora”. Aí eu saí escondida e vim embora para Belo Horizonte.

Então, vocês são 3 irmãs?

Somos 3 irmãs.

Uma já morava em Belo Horizonte.

Em Belo Horizonte e a outra ficou lá com ele e eu vim embora para cá.

Você foi para Belo Horizonte?

E homens também, era 4 irmãos homens que nós tinha.

Eles continuaram morando lá?

Mas agora eu já tenho dois irmãos falecidos.

Entendi. E os outros ainda estão lá?

Tá lá.

Então você tem dois irmãos lá em Felisberto, uma aqui em São Paulo.

Uma em Belo Horizonte.

Nesse tempo que você foi para Belo Horizonte, o seu pai ainda vivo, você conversava com ele?

Conversava, eu passava um tempo.

Ele não ficou bravo porque você foi?

Não. Passado um tempo – porque a pessoa, mesmo porque é bravo, nervoso, tudo, mas vai compreender, né?

Entendi.

Aí passado um tempo eu voltei lá, conversei com ele e falei com ele que eu ia voltar de novo e voltei. Mas, aí, assim que eu voltei, passado um tempo ele faleceu. E o pior é que ninguém me avisou, na época, para mim ir, né? Aí quando eu fiquei sabendo de cara, tinha 8 dias que ele tinha sido enterrado, não tinha mais como eu ir lá, né? Ele eu não vi, mas minha mãe, ela morreu eu estava na beira da cama dela. Eu assisti tudo. É doído, mas eu falo, porque o que a gente vai fazer, é uma coisa por Deus, né?

E outra coisa: é uma coisa que vai acontecer com nós todos no mundo, né Fernando? Essa é a única certeza que a gente tem na vida, né? Mas nós não vamos ficar falando nisso porque é doído, né? Então, eu tô só explicando.

Então, é bom para eu conhecer melhor vocês.

Então, a realidade é essa. Depois eu fiquei sabendo, depois eu voltei lá por causa dos irmãos. Depois eu vim embora para aqui, aí eu fiquei bastante tempo sem voltar lá.

E você estudou até que série, lá?

Ah! Lá nós não estudamos nada.

Nada?

Nada. Até tinha... No comércio a gente não podia ficar estudando, ele não deixa a gente ir. Ele pegava assim: a gente arrumava uma professora, punha lá, mas a gente, super cansado, porque ficava na roça com ele direto... Cansava muito, a gente não tinha aquele ânimo para estudar. Porque a gente trabalhava pesado com ele.

Na roça?

A gente ficava semanas na roça trabalhando, sabe? E a minha mãe ficava com uma outra lá, e as outras ficavam na roça com ele.

Então, quando você foi com 22 anos para Belo Horizonte você...

Eu não sabia nem assinar o nome. Aí eu estudei um pouquinho lá em Belo Horizonte.

Você estudou onde, lá? Você fez um curso tipo esse aqui?

Era um colégio de verdade, eu ia os 5 dias da semana, eu ia, mas também foi pouco tempo porque depois eu vim embora para cá. Aqui eu tentei estudar um pouco, estudei... Mas eu não sou muito boa de estudo, minha cabeça é muito fechada, eu não sei...

Você veio de Belo Horizonte, você foi com 22 anos para lá, e você veio para cá quando?

Eu fiquei lá uns 4-5 anos, parece.

4-5 anos?

Eu vim para cá com uns 26.

26-27, então, você está há uns 30 anos já aqui em São Paulo.

Aqui? 32 por aí, 33. acho que é 32 anos, porque o menino deles onde eu trabalho não tinha nascido, eu vim para cá acho que foi fim de fevereiro, começo de março, e o menino nasceu no mês de maio. Eu cuidei desse moleque e ele fez 32 anos já.

E você ainda trabalha lá, né?

Trabalho, só que eu tive... Trabalho com ele fixo tem 20 anos agora, mas eu trabalhei 4 anos para a mãe dele, que é a época que eu cuidei do menino até o moleque ficar grande. Porque eles moravam pai e filho juntos, porque ele é filho único, ele morava

com o pai. E aí tinha o mais velho, que a minha irmã cuidava, e tinha ele. Porque trabalhava eu e minha irmã lá. E eu cuidei dele desde que ele nasceu até ficar desse tamanho. Aí eles separaram e eu fiquei com a mãe dele mais um tempo. Depois eu saí, trabalhei em firma, acho que uns 8 anos. Aí quando foi em 91 quando entrou aquele Collor, né, aí as firmas fecharam, essa firma que a gente trabalhava, que era uma firma de calçados que chamava Ana Raposo mudou, não sei se mudou para Minas, mas sei que ela mandou todo mundo embora. Aí eu tinha voltado, entrei nesse, também, saí, né, me mandaram embora; foi a época que ela me chamou para ficar com ela e eu acomodei, estou aí até hoje, pastando um pouco. Mas vou fazer, o que, né?

Mas por que pastando?

Ah, sei lá, é muito serviço, é muito corrido.

Ah, entendi.

É muita coisa, ela não faz nada. Nem mercado ela faz. Põe tudo nas minhas contas. Mesmo que tem outro para limpar, mas é muita coisa em cima da pessoa.

E por que você veio de Belo Horizonte para São Paulo?

Por que eu vim?

É.

É porque essa minha irmã que mora aqui, ela veio direto para São Paulo quando ela veio de Minas para cá; depois que eu saí de casa, passado um tempo ela – o meu pai desistiu de fazer ela casar na marra – aí ela veio para São Paulo. Entendeu?

Sim.

Ela não veio diretamente trabalhar com esse pessoal, mas ela procurava serviço, conseguia, não gostava, saía. E ela acertou com esse pessoal, com o trabalho. Aí conseguiu entrar de doméstica mesmo com eles. A minha prima trabalhava com ela, as duas juntas, porque sempre tem que ter duas pessoas, porque uma só não dá conta. Mas... Aí a minha prima saiu. Quando ela foi em Minas ela passou lá em Belo Horizonte, aí ela me perguntou: “você quer ir para lá, ficar no lugar da minha prima, você vai ficar no mesmo lugar que eu, eu vou ficar no lugar da minha prima que saiu”.

Aí eu peguei e vim para cá.

Entendi.

Eu já tinha terminado mesmo com o namorado que eu tinha lá, mesmo, né, Fernando?

Não tinha mais nada para te prender lá.

Só a minha outra irmã, mas ela, coitada, ela não gosta daqui, ela vem aqui, mas nada. Ela veio aqui só para o casamento da minha sobrinha e voltou, foi embora, e não voltou mais, ela não gosta muito daqui, né?

Entendo.

Aí em vim, chorei muito também. Porque a gente vem, mas fica sentindo falta das pessoas que a gente deixa para trás. Os meus parentes, ela, por exemplo, o filho dela, a gente se apega, né? Mas eu acabei acostumando e agora eu vou lá e sinto a maior falta daqui, que aqui é uma cidade louca, a gente sabe que a loucura está cada dia, né? Mas eu acabo me sentido triste. Lá é tão pequeno que eu quero ir pra essa cidade, que é maior, que é São Paulo, não tem jeito.

Já acostumou.

Já acostumei aqui.

São Paulo tem muito disso, se a gente está aqui, a gente reclama, reclama. Mas quando sai sente uma falta...

Não é?

Porque aqui tem tudo, né?

Tem tudo, é uma cidade que a gente não vê os fins assim, né? É muito grande e cada vez aumenta mais é uma coisa que fica até ruim, porque... Mas vamos fazer o quê? É o crescimento da população, a gente não pode fazer nada. Mas só que fica difícil uma cidade enorme, de muito grande, fica difícil até deles governarem, de trabalhar. Porque eu acho que deve ser difícil pra caramba.

E aqui, então, você vive aqui em São Paulo, você trabalha nessa casa de família e aí você mora lá todo o tempo, ou não? Fim de semana você falou que você vai para sua casa.

Vou para minha casa no fim de semana.

Onde é a sua casa?

Minha casa é em Cotia.

Cotia. Então, você vai lá 6ª à noite?

Não, vou sempre no sábado, porque no sábado é melhor.

De manhã?

De manhã, nada. Eu trabalho sábado o dia inteiro, eu saio daqui 4 horas, 3 e meia, 4 horas.

E volta domingo à noite?

Volto domingo à noite para não ter que sair de madrugada na segunda.

Você então, para um dia lá na sua casa?

Passo um dia lá em casa. Uma noite e um dia.

E durante a semana? Quem fica lá na sua casa?

Ninguém, ela fica fechada. Como é ao lado da minha irmã e tem plantas, se ela pode ela vai lá. Agora não, porque ela cuida do netinho dela que está novinho, né? Fica difícil, porque minha sobrinha trabalha, ela não quer sair com ele.

Entendi. Então, é em Cotia?

É, em Cotia.

E é casa ou apartamento?

É casa.

Daqui pra lá... Você vai lá como? De ônibus?

É, de ônibus.

Demora?

Indo para lá dá uns 45-50 minutos. Dependendo. Se tiver trânsito dá mais. Dá mais de uma hora.

Porque também é sábado, né? Domingo é mais tranquilo.

É um pouquinho, mas às vezes, tem vezes que a gente pega trânsito. Até sair lá no Carrefour da Raposo, até no Carrefour às vezes a gente pega.

Você pega ônibus aonde?

Eu pego na Sumaré até Pinheiros. Em Pinheiros, em frente ao largo da Batata...

Tem um que vai direto.

Tem um que vai direto, para lá, intermunicipal.

Então, você estudou, você não tinha estudado, em Belo Horizonte você estudou um pouco.

Estudei um pouquinho aqui também, eu tentei estudar um pouco. Mas depois eu sofri um acidente, quebrei meu pé, e saí. Então, no... Eu fiz a 5ª série... Até 4ª série, sabe? Mas é como eu tô falando para você, a minha leitura nunca foi desenvolvida, você entendeu, Fernando? Porque eu fiz a 5ª, mas bombei, aí coincidiu que eu sofri o acidente, aí eu fiquei três meses parada.

Isso já aqui em São Paulo?

É, aqui em São Paulo. Isso. Inclusive, foi aqui, na Pompéia mesmo, que eu cursei. Não sei mais...

Era supletivo?

É, um supletivo; era 2 anos em um ano, né? Era isso. Era corrido demais, por isso que eu bombei também. Não consegui fazer, aí já sofri o acidente, quando eu voltei doía muito o meu pé, a gente vinha a pé, aí eu falei, era longe, a gente morava lá na rua Henrique Schaumann, você sabe, né? Ganha a rua Henrique Schaumann que tem uma

quebradazinha que chama rua Lisboa. Era lá onde eu morava. E era aqui na Pompéia que eu estudava, era longe e como sempre o ônibus era meio contra mão, eu vinha com uma colega, a gente vinha a pé, sabe? Aí eu peguei, quando voltei a andar eu não vim mais na escola. Parei. E a mulher nunca gostou que eu estudasse à noite.

É?

É dessa gente preguiçosa, que tem preguiça de esquentar uma comida para comer, né, Fernando?

Entendi.

Você entende, né? Lógico que não vai querer, e é ruim, é uma coisa que ela nunca podia ter me proibido, porque é um direito meu, né?

Lógico.

Por isso eu sou meio burrona, porque ela não ajuda também.

Eu venho aqui, essa semana passada eu vim aqui na 5ª feira só, porque nem 3ª nem 4ª eu pude vir, mas 3ª não teve porque a Patricia estava doente.

É, a Renata falou que na 4ª também não teve.

Eu liguei para a Patrícia na 4ª para ver quem vinha aqui, se era a Vera. Porque a Vera é a melhor, a Patrícia é a melhorzinha, porque você sabe né, é a Patrícia, a Vera e a Maria Alice. A Carol não ensina nada. Não, você precisa de ver as matemáticas doida que ela passa, ela passa aquele monte de trem e manda a gente fazer. E ela não faz, que não tem conta. Mas... Então, 3ª e 4ª eu não perdi porque não teve mesmo, né? E na 5ª eu vim porque era Maria Alice e essa e não perco, porque ela ensina muito bem.

É, a Maria Alice é boa professora.

Só que ela ensina só Português.

E aí depois você começou a estudar aqui na igreja, né?

É, e depois a Isabel estudava aqui e aí ela falou: “Nica, vamos, né?”.

Ah, a Isabel?

É a Bel. Ela não veio mais. Ela mudou, né? Coitada!

Ela mudou pra longe.

É, mas ela está tão bonitinha. Eu vi ela na feira outro dia. Ela está bem que só vendo, sabe? Mas, sabe, coitada, não está estudando.

É.

Então, ela me chamou para vir, eu peguei e falei lá que eu ia ver 3 dias por semana aqui na escolinha. Falei com a mulher lá. E aí eu entrei aqui.

E isso tem quanto tempo?

Que eu estou aqui?

É.

Acho que fez um ano, né, está indo para dois anos que eu estou aqui nessa escola. Eu não sei exatamente o dia que eu entrei.

Sua casa lá, tem quantos quartos?

A minha casa?

É.

A minha casa tem dos dormitórios em cima, e um banheiro e tem a sala, a cozinha e um banheiro embaixo e a lavanderia.

E tem televisão?

Eu tinha.

Tinha?

É, porque eu estou vendendo a minha casa, porque eu quero comprar um apartamentinho para mim porque é muito serviço lá, sabe, Fernando? E eu geralmente só passo os meus dias de domingo só trabalhando. Eu não descanso, eu não passeio, eu não faço mais nada. Você sabe que a sujeira, a gente chega lá tá tudo imundo, o quintal é enorme para lavar, eu demoro quase 3 horas limpando o quintal e lavanderia, garagem

e tudo. Então, na verdade eu estou vendendo a minha casa. Eu tenho minhas coisas tudo.

Independente de vender, o que tem lá? Tem TV...

Agora? Tem TV, tem som, tem a minha cozinha completa,

E geladeira?

Geladeira, tudo! Tudo completinho, fogão, armário, tudo. Na sala tem sofá, tem estante, tem algum rack que eu ponho alguma coisa em cima.

E como é que você foi montando a casa? Como você foi comprando?

Como eu fui comprando? Olha, na verdade, eu lutei tanto para construir aquela casa... Eu lutei para construir, trabalhei pra caramba, sabe? Aí levante ela, empreitei lá, levantei esses dois cômodos e o banheiro, e aí dei o acabamento, né? Não pus muita coisa lá dentro ainda. Aí eu peguei e comprei, fui comprando, né? Primeira eu comprei o sofá, depois o fogão, que é o mais necessário, e a geladeira e a cozinha. Depois eu fui pra a sala; na verdade esse aparelho de som meu é antigo; você sabe aqueles pequenininhos, JVC?

Sim.

Ele é bem pequenininho assim, as caixinhas também, desse tamanho, ele é antigo, mas eu não desfaço dele porque ele é muito bom. Sabe aquele som que não tem rouco, que não fica com a voz rouca, é puro. E lá onde a gente mora é baixo, entendeu? Inclusive TV lá tem que ter parabólica, se não tiver não presta.

Você foi comprando... Uma coisa mais cara, como você faz? Vai parcelando? Ou compra à vista?

Deixe eu ver, acho que a geladeira eu paguei à vista.

Você juntava dinheiro...

É, eu juntava e pagava à vista. O jogo de sofá, eu acho que eu parcelei. A cozinha também eu paguei à vista.

E você tem conta em banco?

Conta em banco? Eu tenho só a caderneta, um pouquinho de dinheiro, na caderneta de poupança.

Mas você tem conta em banco?

Tenho.

E tem cartão de crédito?

Tenho. Esses 24 horas, que é de poupança.

Para sacar dinheiro?

É, é para sacar. E posso comprar.

Você consegue comprar a crédito? Parcelado?

O do Bradesco eu posso comprar com ele, mas o da Caixa... Era Nossa Caixa, o Banco do Brasil... Eu não sei se... Como ainda está.

Mas você já comprou alguma coisa com o cartão, que parcelou em várias vezes, ou não?

Na verdade, eu sempre junto o dinheiro lá, quando eu vou e tiro às vezes à vista, que sai mais em conta. Porque parcelar, às vezes eles falam que não tem juro, mas às vezes tem juro.

Você faz a conta e você vê que você consegue comprar 2 produtos, né?

Isso, se eu vejo que eu posso pagar à vista e às vezes ter até um pouquinho de desconto eu faço isso.

E porque você põe na caderneta de poupança?

O dinheiro? É porque a gente sempre tem que ter uma economiazinha, né, Fernando? Não muito, porque eu não tenho muito para por, inclusive eu tirei desse dinheiro para mim construir lá. Na verdade a minha casa era um dormitório só, mas como eu pus para vender e a Caixa, não sei se financia imóvel dum dormitório só, é mais difícil; então, eu...como em cima da cozinha tinha a laje, dava para bater mais um dormitório, eu bati um dormitório lá em cima.

Entendi.

Você entendeu? Para ver se eu consigo vender mais rápido, melhor. Porque se uma pessoa vai lá e olha, é um dormitório só, se é solteiro, pretende casar; se já é casado, pretende ter filho. Então, tem que sempre ter uma coisa a mais para poder... E eu não consegui ainda repor esse dinheirinho lá. Eu gastei 6 pau para fazer isso lá, sabe?

Seis?

Então, ainda não consegui repor esse dinheiro, porque meu salário não está sobrando. É muito remédio, é conta da casa, que eu não gasto, mas tenho que pagar. Eu falei com minha irmã: “se minha conta de água o mês que vem vier 40 reais, eu vou levar lá na Sabesp e falar para comerem ela, vai lá cortar a água, que eu não vou usar mais”. Eu não uso, Fernando, durante a semana eu não uso água. Uso água domingo, sábado só de noite, nem banho eu tomo, porque eu tomo aqui, não precisa... Uso só no banheiro, nos vasos, descarga... E lavo o quintal, não lavo roupa, quase não tem roupa suja quase nenhuma. E vem essas conta alta. Não sei o que esse povo pensa, acha que a gente tem um pé de dinheiro, vai lá e colhe na hora que quer, né Fernando? Não é assim.

É isso que eu queria saber. Você fala que não sabe, mas você sabe que comprar à vista às vezes sai mais barato do que parcelar.

Lógico que tem um pouquinho de desconto que tenha, mas já ajuda, né?

Ajuda um pouquinho.

Demora!

O seu trabalho lá tem carteira assinada?

Tenho.

Tem fundo de garantia?

Não, esse não tem não.

Entendi. Então, é bom você ter um dinheirinho guardado.

A gente tem que pensar no dia de amanhã. É como a gente fala, não sabe hoje, se Deus vai levar a gente hoje. A gente não sabe se a gente pode ficar doente ou uma pessoa da

gente pode ficar doente e tendo aquele pouquinho lá, se a gente precisa ali na hora, a gente tem onde correr e falar: “eu tenho um pouquinho, não é por isso que uma pessoa vai morrer à míngua. entendeu? Eu penso no dia de amanhã.

Lógico. Mas tem que fazer isso. Você tem algum convênio médico?

Tenho, eu pago do meu bolso. Eu pago 210,00.

210 reais? É bom, né, porque às vezes se ficar doente.

E outra coisa: o posto de saúde demora muito: apesar que convênio também, às vezes a gente via no médico, igual outro dia eu fui no médico lá no Centro. Era duas e meia minha consulta, eles me atenderam quase 5, eu já tava para pegar aquele médico e não sei nem o que fazer com ele. Porque esse médico é um tipo clínico geral, mas é o único endócrino que eu achei melhor foi ele, porque eu já cansei de endócrino do meu convênio; eu já fui em um e, não gostei, ele só olha o exame, ele não tira uma pressão, não faz nada. E esse não, inclusive é até difícil marcar consulta, achar vaga para rápido, não acha. É para 2-3 meses... Entendeu? Eu acho que ele deve ser um bom médico, porque é lotado. Apesar que ele atende para várias coisas, ele é tipo clínico geral. Mas é o médico que mediu a minha pressão, apertou meu pescoço para ver a tireóide, escuta o coração, escuta nas costas. É esse que me atendeu melhor. Então, demora, mas eu falei: “eu vou ficando com esse”. Olha meus exames direitinho, explica tudo, é o que eu fiquei. Mas esse convênio, vou te falar... Mas o que a gente vai fazer, né? Tem esse convênio, eu pago do meu bolso porque acho que se esse patrão prestasse pelo menos eles pagavam uma partezinha para mim, seria bom, né?

Entendi.

Mas fundo de garantia eles não pagam, diz que doméstica não tem direito a nada de outras coisas, né? E não tem, porque minha irmã trabalhou com eles 30 anos e não deram nem um centavo.

Mas então, aí você consegue controlar no final do mês? Quanto ao salário, você vê. Já aconteceu de você ter que gastar mais do que você ganha?

Não, não.

Você se controla.

Porque eu me controlo, porque eu sei que se, por exemplo, se caiu de eu ir em médico num mês e mais remédio manipulado, tem isso, tem aquilo, tem outro. Esse mês mesmo o meu dinheiro tá esticadinho, mas vai ter que dar para mim pagar a minha conta de água, que veio, e eu tenho um remédio para pegar que é 32 reais na farmácia de manipulação e ver se eu pego na farmácia popular que é mais barato, porque eu pego meus remédios pagando menos.

E aí vai lá e consegue mais barato.

Também é só um, de açúcar, que eu tomo, para não deixar o meu açúcar virar diabete e de colesterol, que eu pego na farmácia popular.

E como você faz para comprar remédio? Você tem costume de ler a bula para alguma coisa ou não?

Bom, mais ou menos, eu já tomo aqueles remédios, já é um remédio de controle já velho.

O médico já passa faz tempo.

Ou é bula de dentro da caixa.

É a bula de dentro da caixa.

Ah, eu não tenho muito saco para ler não, porque aquela letrinha pequena, às vezes a minha amiga lê para mim, mas é tanta coisa que fala que é melhor a gente nem ler. Porque senão não toma remédio.

É verdade.

Faz mal para isso, pode dar isso...

Então, você vai no médico, ele passa a receita e com a receita você vai lá no posto médico?

Vou lá na farmácia e pego os meus remédios. Pois é, pois o de tireóide é um remédio que eu já tomo há anos não precisa de receita na farmácia. O de pressão também não precisa, porque é um remédio que eu já tomo.

Entendi. E como é que você sabe – você consegue ler o suficiente para identificar na caixinha que aquele é o remédio certo?

É, porque eu levo a outra caixinha na farmácia para ver e também identifico. Por exemplo, o Puram, eu sei quantas gramas, dosagem e identifico os pontos todos, entendeu? Ou eu pego aquela caixa antiga, já olho e já identifico tudo na caixa que veio.

E já aconteceu de comprar errado?

Não.

Você sempre consegue ver direitinho o que está comprando?

Sempre consigo ver tudo certinho.

E de lazer, o que você faz?

Ah... O que eu faço? Oh, meu filho, eu só trabalho. Eu não estou falando para você que eu quero vender minha casa para comprar um apartamento para dar menos serviço, para ver se eu vou ao menos no shopping no domingo?

Ah, então, mas você vai no shopping normalmente? Ou não?

É difícil, só quando dá tempo mesmo.

Hoje o que você fez, foi na igreja?

Hoje eu fui na igreja, assistir a missa, que é demoradíssima a missa dele, começa umas 9 e meia, 10 horas, termina meio dia e pouco. É demorada a missa dele. A gente assistiu a missa, depois a gente pegou o Metrô, descemos no centro, demos uma volta lá na Praça, como eu te falei, depois a gente almoçou.

Almoçaram onde?

Lá na República mesmo, porque lá te uma comida muito boa, a gente comeu yakissoba.

Yakissoba?

Isso. A gente comeu, sabe, tinha de frango e de carne, eu peguei com carne, a minha amiga pegou com frango. É bom, né, que é muito legume, faz bem para a saúde. E é comida japonesa, né? E também todo mundo está lá comendo, não é possível que é uma

comida ruim. A gente não precisa ter muito medo de comer. Apesar que eu não gosto de comer na rua, mas é uma coisa que a gente vê que eles faz lá na hora e põe lá, então a gente já fica mais segura um pouquinho, né?

Entendi. Normalmente o que você faz? Você gosta de passear na praça, você vai ver filme, cinema?

Cinema agora eu não tenho ido, mas eu gosto de cinema. A gente ia bastante. Mas agora, como eu não tenho muito tempo, porque eu saio daqui sábado, chego em casa à noite. Lá em Cotia não tem cinema, a gente tem que vir para o shopping em São Paulo. Na Raposo tem um shopping, mas próximo em Osasco, mas como eu não tenho ninguém para vir comigo eu acabo ficando sem vir no cinema. Porque a gente tem que ter alguém, uma companhia, porque sozinho é tão chato, né?

Ainda mais voltar à noite sozinha, né? Não é legal.

E quando você veio no cinema, como você fazia, você assistia filme legendado? Tinha que ser dublado?

As vezes assistia os dois, só que para ler é complicado, a gente via o filme.

Entendi.

Porque quando é passa em português, beleza, né? Mas quando passa às vezes com coisa, a gente só vê o filme mesmo.

Mas consegue acompanhar...

É, com certeza, né, a gente entende alguma coisa, né?

Entendi, só não consegue ler.

A gente é meio cabeçuda, mas...

Mas consegue ler um pedaço que seja?

Ah, consegue dar uma lidazinha, né? Então, é bom, né, é gostoso sim, é uma tela bem grande.

E teatro?

Esse eu nunca fui. Eu morro de vontade de ir num teatro. Quando eu me aposentar eu vou.

Você já está com planos de aposentadoria?

Eu penso que ainda falta uns 3 anos e meio. Se é que quem ganhar a eleição não for fuçar o que não deve. Mais, né? Porque não tem mais o que aumentar para a gente, né, Fernando? Porque 30 anos para a mulher está ótimo e 35 para homem. Dar mais tempo de trabalho, porque não é possível. Espero que Deus ajude que ninguém fuze por uns 3 anos e meio, aí eu acho que daqui uns 3 anos e meio é capaz que eu já pare.

E o que você pretende fazer quando você se aposentar? Primeiro assim, em termos de renda, como é que você vai se sustentar? Ter uma aposentadoria do governo?

Eu vou esperar eu me aposentar, vou ver como vai ser e ver se dá para eu me manter. Agora, se não der, eu vou ter que rebolar com outro tipozinho de trabalho para mim complementar minha aposentadoria, minha renda, entendeu?

Entendi.

Porque apesar de eu estar ficando velha, mas a gente vai remando, né?

E para ocupar o tempo, o que você tem em mente? Tem alguma coisa que você tem vontade de fazer?

Para eu ocupar a mente? Tem várias coisas que às vezes a gente pensa em fazer. Mas só que o tempo... Infelizmente a minha mente já anda tão ocupada com o trabalho, que se a gente bobear a gente enfia pela noite adentro trabalhando, que não dá aquele... Entendeu? Mas eu tenho na minha mente de ocupar o tempo aprendendo umas outras coisas mais, um curso de outras coisas ou então... Mesmo assim, sair, ir para um cinema, ir para... Entendeu? Dar uma passeada.

Descansar, né?

Descansar é diferente de estar dentro de uma casa.

Ralando.

Ralando, né? A gente pensa assim, né?

E como é o seu interesse por coisas para comprar? Você tem, você gosta de roupa de marca, jóia, essas coisas?

Gosto. Só não posso comprar. Algumas coisas de roupa, dependendo, às vezes a gente ainda compra alguma coisinha. Mas jóia não dá, porque realmente... Eu compro, bijuterias, às vezes. Mas jóia, jóia mesmo, a gente não tem como pagar. Mas se eu tivesse como pagar, quem não gosta de carregar uma jóia no pulso, no dedo, na orelha, no pescoço, né? Mas eu não tenho condições.

Mas alguma coisa que recentemente você comprou, assim, que estava super morrendo de vontade, juntou e comprou? Você sabe me dizer?

Agora você me pegou, porque não tenho comprado nada. É, não tenho comprado nada, nada, nada. Acho que a única coisa que eu comprei foi duas calças jeans, eu gostei das duas calças. Não é assim uma coisa de marca, mas caiu bem, ficou legal em mim, então eu gostei dessas duas calças.

Mas para usar no dia a dia?

Isso, mas eu não ligo muito para marca não. Eu já sou clara com você, porque marca geralmente é para quem tem din din né?

Ah, você pode gostar...

É, algumas coisas dá para comprar. Mas tem outras que é muito caro.

Eu estava conversando com a Naná ontem, uma vez eu viajei e aí eu comprei um negócio para comer, só que não bem de comer... E aí depois eu fiquei curioso, será que já aconteceu com outras pessoas também? Você já comprou alguma coisa que não identificou o rótulo, achou que era para usar de uma forma?

Você fez de outra? Usar de um jeito e era para ser de outro?

Sim.

Não, eu ainda não caí nessa não.

Normalmente é quando você não sabe como alguma coisa funciona...

Ah, tá!

Aí como é que você faz?

Como?

Como é que você faz quando você não sabe?

Ah, por exemplo, quando eu pego um celular novo?

Isso.

Ah, eu peço alguém para arrumar para mim, porque eu, de celular, eu sou uma tonta. Eu só atendo alô, tudo bem? Mas fuçar... Uma é que eu não tenho tempo, sabe? E outra eu falo: “eu fuçar nesse troço aqui, vai bagunçar e não vou conseguir voltar”. Mas como sempre, é fuçando, mexendo, que a pessoa aprende, né? Mas eu não tenho aquele de falar: “vou pegar meia hora e ficar ali, ti, ti, ti, entendeu? Eu não tenho aquele tempo. Se tivesse era bom, aí eu ia tentar aprender na raça. Porque ler o manual enche o saco também, né? Então eu peço, quando eu troco um telefone, por exemplo, um celular novo, eu peço para alguém arrumar para mim, por tudo certinho. Eu sou meia cabeçuda.

Imagina. E o que você lembra que tem custado mais caro. Essa reforma da sua casa, aí, que você falou que foi a coisa mais recente e que custou mais, né? Mais caro assim?

Olha, na verdade, Fernando, o rapaz que fez para mim, ele fez o orçamento de tudo. Certo? E deu o preço do trabalho dele, eu paguei os 6 mil para ele, ele que comprou o material, comprou tudo para mim. Só sei que a única coisa que ele falou que custou um pouco mais caro foi o forro, que é cedrinho; e o cedrinho ele falou que estava caro.

Mas além desse lance da reforma da casa, o que, algum objeto que você lembra que custou muito caro, que você precisou ficar pagando?

Na minha casa?

É, sabe aqueles negócios que um ano depois você ainda tem parcela para pagar?

Não, eu comprei um jogo de sofá que eu lembro que foi mais caro, que eu paguei, acho que em 9 vezes. Também já tem tempo.

E você pagou em 9 vezes. E para você conseguir pagar, você pagou no crediário?

No crediário.

Onde? Nas Casas...

Foi na bela Marabraz que eu comprei.

E para você conseguir? Porque normalmente você chega lá, eles têm que aprovar, né?

Mas como eu já tenho comprado em várias lojas, Casas Bahia,

Entendi, eles checam.

Eles checam e meu nome tá tudo limpinho.

RG limpo.

Graças a Deus, nunca sujei meu CPF.

Você já chegou a atrasar alguma parcela?

Não, porque eu não gosto. Por isso eu não gosto muito de comprar parcelado. Eu tenho uma mania, Fernando, eu não gosto de viver na gaveta de ninguém.

Faz muito bem.

Por isso que eu falo para você. Eu prefiro comprar uma coisa à vista e depois juntar dinheiro para comprar outra coisa, entendeu, do que ficar parcelando. Eu acho que é tão ruim fazer prestação, todo mês você está preocupado, “puxa, eu tenho que pagar aquilo”. Chega o convênio que todo mês eu preocupo de pagar, conta da casa, né, de água e luz. Ainda vou ter que preocupar com uma prestação de um móvel? De um sofá, de uma geladeira? Eu prefiro comprar um e com um espaço de mais um tempo, comprar outro, se der, à vista, do que ficar fazendo parcelado. Eu não gosto. Que é igual esse aí, não foi difícil de abrir o crediário, porque eu tenho, já várias vezes eu comprei na Casas Bahia, tudo a crediário, sabe?

E lá você teve que assinar algum contrato, alguma coisa, quando você vai comprar parcelado? Normalmente tem, né?

É, tem uns papeizinhos lá que eles dão para assinar.

E aí, como é que você faz para ler?

Ah...

Você chama alguém para ler, ou não?

Não, eu mesma dou uma olhada.

Dá uma olhada por cima. Porque você consegue ler, distinguir, né?

Dou uma olhadinha e os valores, como é, tudo. Entendeu? E é assim.

Ah, deixa eu ver. Que mais assim, de costume? Você já chegou alguma vez, você já chegou a ser – eu estava falando com a Naná isso, ontem, assim: em loja, às vezes, por não saber identificar muito bem alguma coisa, você ir lá perguntar e algum atendente te tratar mal.. Alguma vez, você lembra de isso ter acontecido?

Não. Porque isso aí, se tratar mal a gente, a gente tem o direito de responder pelas alturas também, porque eles estão lá, eles trabalham com o público, né?

Exato.

Eles estão lá para atender as pessoas com educação e como manda o figurino. Então, nunca me aconteceu assim.

Mas infelizmente as pessoas...

Mas às vezes tem, às vezes acorda com o pé esquerdo, né? Sabe, né, Fernando? Mas nunca me aconteceu isso não, graças a Deus.

Então, a situação de usar um produto errado não. Acho que é isso. Alguma coisa que você acha que é legal de falar, você entendeu o que eu estou querendo pesquisar, né?

Sobre... Compras?

Sobre compra.

Como as pessoas de classe igual nós que estamos sem saber ler.

Aprendendo.

Ler e escrever.

É, como elas fazem no dia a dia para comprar.

Ah, eu vou no mercado, eu pesquiso algumas coisas.

Você consegue verificar o troco na hora?

Consigno.

Quando mexe com dinheiro, né?

Consigno pelo seguinte: por exemplo... Apesar que eu não uso óculos, não enxergo muito. Mas se a gente identificou ali a nota que recebe, já logo olha o dinheiro, né?

Entendi. Consegue somar rapidinho. Se a moça te dá um troco, sei lá, 32,74, você consegue?

Dá para a gente fazer.

Alguma outra situação que você acha legal, que você acha que o fato de você estar ainda desenvolvendo essa questão de leitura... Ah, eu fiquei com uma curiosidade. Os seus pais sabiam ler e escrever?

Olha, Fernando, eu tenho dúvida, eu acho que não sabiam não. Se soubesse acho que era só o nome mesmo.

Entendi. Mas eles incentivavam. Você falou que tinha que trabalhar, né? E seus irmãos?

O mais novo, tadinho, não sabe nada. Ele ficou um mês aqui em São Paulo eu queria dar um jeito de ensinar ao menos o nome para ele. Mas como eu ficava aqui e ele ficava na minha irmã, eu pedi para alguém ir lá ensinar, ninguém quis ensinar; mas ele identifica alguma coisinha, sabe? Mas acho que nem o nome dele direito ele não sabe fazer. Eu queria ensinar, mas não tive condições.

E ele trabalha com quê?

Ele trabalha na lavoura, na roça.

E os outros irmãos?

O outro, mais velho, até que sabe um pouquinho.

E ele trabalha com quê?

O mais velho? Também na roça, porque ele já é aposentado, que é o meu irmão mais velho.

A sua outra irmã também trabalho como doméstica, né?

A que mora aqui? Sim.

E a que mora em Belo Horizonte?

Acho que está estudando. Ela tem já 60 anos. E está estudando. A daqui sabe ler também um pouco.

Por que você quer estudar? Por que você quer aprender a ler e a escrever?

Porque... é para ninguém me passar para trás com as coisas, né, Fernando?

Mas você acha que já te passaram para trás?

Não, não é passar para trás, às vezes é assim um tipo da gente receber um tipo de humilhação, porque a gente é ignorante. Você sabe, o Lula, aí, o pessoal lá onde eu trabalho... Será que pode falar isso aqui?

Pode.

O pessoal, mesmo, lá onde eu trabalho,

Eu não vou colocar nome de vocês, pode ficar tranqüila.

Diz que ele é burro, que ele é analfabeto. E ele não é. Ele pode ter pouco estudo, mas ele é inteligente prá caramba, ele tem uma bela cabeça.

Sim.

Você sabe que têm, né?

Sim.

Ele fez muita coisa de bom, não vou eleger ele não, porque não fez nada pelas domésticas, tá? Ele falou mal das domésticas. Mas em matéria de dizer que é só gente que é estudado que tem... Não, o Fernando Henrique é de berço e para os pobres ele não fez nada. Só ferrou os pobres, né? Porque quando eu construí minha casa, o Fernando Henrique era presidente. Eu paguei em cimento 23 pau um saquinho de cimento. Agora chega a estar menos um pouquinho. Eu não tenho bem idéia, não, porque o menino comprou lá, eu não sei quanto ele pagou. Mas acho que ainda acha até de 18,00/19,00 o saco de 50 kg, né? Então, o Fernando Henrique desfolou muito os pobres. Eu senti isso. Ele não foi um bom governo para a classe fraca.

Mas então você nunca foi passada para trás nem humilhada, mas você quer estudar para...

É, para isso, para ninguém me humilhar. É igual eu falei que ia para o México. Eu não vou mais. Uma, porque eu acho que eu não estou querendo, o meu coração não está pedindo para ir. E outra, porque ó, eu não sei uma língua sequer, eu não conheço o dinheiro de lá, não conheço ninguém lá, eu vou para lá – você sabe que patrão é patrão, né Fernando, eu vou para lá, se eles, vamos supor, discutir comigo, eu não vou ter com quem desabafar.

Entendi.

Eu não vou sair de lá e vir embora sozinha porque eu não vou conseguir, porque eu não sei nada de língua diferente, sei o nosso português aqui, né? E sei lá, e outra coisa, eles não sentam comigo e conversam, porque empregada lá não deve ganhar pouco. Você sabe porque lá sempre é mais... Por que eles não têm empregada lá? Por que eles não podem pagar uma empregada. Porque o valor de uma empregada lá é o valor que eles podem ganhar, também. Vamos supor: ganha alto. Você já imaginou uma babá lá, então? Tem babá lá. Agora, é igual eu falo. Por que eles não consultou quanto é o salário de uma babá lá, e não sentou comigo e falou: “fulana, eu estou pedindo, eu pagar você x. Eu estou pedindo para você ir para lá, porque você é de confiança”. Porque pode pegar uma babá pela agencia de emprego, mas é difícil eles confiarem, para cuidar dum filho. “Então, você vai, eu vou pagar você x, você merece, porque você está indo para cuidar dele e ainda está me fazendo um favor”, porque eu estou abandonando minha família, minhas coisas, minha casa, entendeu? Porque eu sou sozinha, eu não tenho

marido, eu não tenho filho, Fernando, mas eu tenho o que consegui, Deus conseguiu me dar com o meu suor, com o meu sangue, porque não é... A gente já fala que é sangue, é tão sofrido... É tão sofrido que a gente já fala que é o sangue. Então, é uma coisa que Deus me deu, eu consegui construir com Deus, Deus me deu ali para viver quando eu estiver velhinha, viver no meu cantinho, entendeu? Então vou abandonar tudo isso sendo que às vezes o que eu vou ganhar não vai valer a pena. Porque eu não sou da família, eu não sou parente e nem sou amiga de ninguém. Porque é o que a minha patroa já falou, eu sou uma simples empregadinha e nada mais. Então, eu sou uma simples empregadinha e nada mais. Então eu tenho que ganhar o meu valor, eu tenho que ver o meu valor.

Lógico!

Entendeu?

Sim.

Amigo... Então pega um parente e manda para lá.

Lógico.

Uma amiga deles e manda para lá, para cuidar do bebê do filho deles.

Entendi.

Como que ninguém sentou comigo, ninguém discutiu nada? E outra coisa, eu tinha que pegar – porque falou que era em janeiro – eu tinha que pegar esse fim de ano, passar no médico, fazer todos os meus exames, tudo, tudo, para mim ir, porque diz que no México, desculpe a palavra, é uma merda a medicina lá. Então, eu tinha que ir bem para ficar um ano bem, né? Tratar de dente, ver tudo isso. Ninguém falou mais nada, eu fiquei no meu canto quieta. Agora em cima da hora, se falar, eu digo: “não, gente, não dá, porque ninguém sentou comigo, ninguém conversou comigo, eu tinha que fazer uma revisão, um check up médico para ir. E disse que o cachorro ia também, porque ninguém quer cuidar. então, ele tinha que fazer um check up também, porque às vezes, como ele é macho, se precisar castrar, a próstata grande pode dar um câncer. tinha que fazer tudo isso para levar ele saudável também. ninguém falou nada, então a culpa não é minha.

Entendi.

Você me entendeu? Eu estou certa ou estou errada?

Está certa.

Porque a gente tem que discutir salário, porque o salário daqui é um, o de lá é outro, o dinheiro daqui é um, o de lá é outro; tem que me explicar alguma coisa. Mas ninguém explicou. Como diz: “essa trouxa vai, quando chegar lá, ela não vai vir mesmo, ela vai ficar lá ganhando o que eu quiser e pronto!” Não é assim as coisas, certo? Por que eles querem que eu vou? Porque está escrito na minha testa “Palhaça”. Vai tomar banho, né, Fernando? Desculpa a palavra – e estão gravando tudo isso aqui.

Fica tranqüila.

Então é ruim, é difícil isso, é?

Eu só estava curioso assim, eu tava querendo saber. Você falou que você tem alguns irmãos que também não sabem muito bem, aí eu fiquei curioso, porque você, entre seus irmãos, tem essa vontade de aprender.

É, eu sou louca, mas eu vou falar para você, ou seu meia ruda para aprender, sabe? A minha língua não desenvolve, eu fico doida da vida.

Mas eu acho que você faz muito bem.

É outra coisa, é porque a pessoa tem que ler muito, e é o tempo que a idiota aqui não tem para tirar para ler. Porque é igual eu falo: a professora fala: “10 minutos, você senta lá e faz”. Dez minutos não dá tempo de eu pensar, meu Deus. Vou ter que voltar para cá, né, Fernando? Fica complicado, não fica?

Fica. Mas eu acho que você... Mas querendo ou não ajuda, né, as aulinhas?

Ajuda, porque mexe com o meu cérebro, porque a gente está ficando velho, se entregar o cérebro morre, entendeu? Morre não, fica parado.

Tem que ter uma atividade, né?

Então, isso é uma atividade que o meu cérebro precisa. Eu não vou, eu não estou aprendendo muito, mas de bobinha eu não estou, eu estou mexendo com o meu cérebro,

alguma coisa está entrando dentro dele. É isso que eu penso. Não que eu vou ter um futuro mais pela frente; tudo bem, formar a pessoa pode formar com 70-80 anos, se quiser. Mas quem sabe, se quando eu me aposentar e Deus me ajudar, eu arrumar uma escola a até estudar mais? Porque aí eu saio da minha casa e vou na minha escola.

Você tem vontade?

Se tiver uma escola eu tenho vontade. É legal. Eu saio da minha casa, não tenho preocupação, vou na escola, estudo e volto para casa. Sem ninguém me encher o saco, você fala: “hoje eu tenho uma cozinha para arrumar ali”. Eu chego da escola lá, eu tenho que lavar tudo. Tem uns 20 dias que o padre pegou nós lá fora... O dia que nós ficamos trancadas, ele foi abrir para nós. Da outra vez.

Trancaram outra vez?

É, é, ele tava aí e ele foi lá, abriu para a gente e ficou trocando idéias, falava em política e falava de igreja para a gente. Foi legal. Eu fiquei até... Nós ficamos até quase 10 horas. Eu saí da cozinha era meia noite. Não ia trabalhar e saí da cozinha meia noite. No outro dia eu levantei quatro e quarenta, fiz o café, cinco e quinze saí para fazer caminhada.

Não é fácil, né?

Não é fácil. E gosto de fazer minha caminhada. Durmo pouco, porque eu levanto cedo e vou fazer, e é o horário que eu consigo. Porque se eu entro dentro de casa e começa a trabalhar 7 horas, eu não paro mais, não tem como eu tirar outro horário para fazer. Agora está gostoso porque já é claro, 5h15, 5h20 já está bem claro. Mas quando mudar o horário vai ficar escuro, vai ficar ruim de sair. Aí eu já saio 5h25, porque eu tenho medo, né, porque eu vou lá na Sumaré, fazer caminhada. É perigoso, a gente pede muito a Deus que ele ajuda a gente, ele limpa tudo o caminho da gente. As coisas ruins vão tudo para lá, né, Fernando?

É verdade.

Então é isso, mas eu gosto de fazer minha atividade. Quando eu fiquei acidentada e esse joelho não está doendo, eu dou uma corridinha, eu gosto de fazer minhas atividades, ficar em forma.

Está ótima, viu?

Está bom?

Está ótimo.

Se não ficou do jeito que você queria...

Mas não existe um jeito que eu queria. É um bate papo, só quero entender aquele negócio, como vocês compram, esse tipo de coisa. Mas já deu umas dicas, tem coisa legal que já dá para trabalhar.

É? dá pra você encaixar algumas coisas lá?

Ah, dá sim. E desculpa tomar teu tempo.

Não, imagina, eu marquei, certinho, eu ia estar em casa mesmo, lá, então eu vim conversar com você, para mim foi uma beleza, maravilhoso isso.

Você é um grande amigo. Não demorou nada não. Eu já vim mais cedo, já marquei, já vim mais cedo para isso. Aproveitei que eu ia na igreja mesmo, já aproveitei o embalo. Mas eu acho que eu estava lá dentro do quarto assistindo uma TV. Eu gosto de televisão, mas não sou muito fã. Eu estava falando da TV aquela hora é porque eu passei, eu liguei para minha irmã, como meu aparelhinho da antena parabólica queimou e como eu estou vendendo, talvez se eu for para um apartamento já tem cabo, não precisa, eu vou gastar um dinheiro à toa. É 200 pau aquilo lá, sabe? Aí eu falei? “minha irmã, você esta precisando de uma TV, leva a minha para sua casa, que é até muito grande a minha TV, é 29 polegadas. Leva a minha para a tua casa, ela tá novinha, se você quiser me dar uns trocados depois, você me dá”. Porque está novinha mesmo minha TV, só que não é de plasma, sabe, é TV comum. “Leva para lá, para você usar, porque se ela ficar parada, também já foi usada, pode estragar e eu não pretendo comprar aparelho”. Lá sem antena não pega nada mesmo, sabe? Aí ela levou para casa e o DVD também estava novinho; o meu irmão esteve aí ele disse que ia comprar um, dei para ele, entendeu? Porque eu sempre dou uma ajudinha para eles, coitados, porque eles ficam lá, eles... Você sabe que no interior ganha, mas é bem pouco, né, Fernando? O mais velho já é aposentado, mas também com salário mínimo, né? Apesar que antes pouco do que nada. Mas é o que o outro também, quando for aposentar, vai aposentar

com salário mínimo porque eles são... Mexem na roça eles aposentam por aquele Funrural, né?

Entendi.

Mas está bom, né? Antes pouco do que nada. O salário mínimo aumenta e eles...

Ajuda.

Põe em cima, né?

Ajuda eles a comprar as coisas.

E se precisa de alguma coisa e eu posso ajudar eu ajudo, sabe? Eu falo, eu sou sozinha também, tenho uma casa, se eu morrer já fica para eles mesmo. Não deixo nada, mas deixo alguma coisa, né? Porque inclusive, eu até preciso uma hora ainda tenho que ir num cartório, eu acho que tenho que fazer um tipo atestadozinho, né, porque de repente a gente bate com as cachuletas e aí perde tudo. Não sei, diz que quem tem sobrinho, fica para os sobrinhos, né?

É, precisa ver. Em princípio fica na família, mas...

Mas de repente, como eu não tenho filho, né?

É sempre é bom deixar tudo claro, né?

A gente nunca sabe, né? Aí eu ainda preciso fazer isso. Mas eu vou deixar ver se vende lá, eu vou comprar meu apartamento, aí eu já vejo tudo direitinho, porque comprar um apartamentinho para mim, acho que eu vou comprar por lá mesmo, lá tem muitos bonitinhos e bons, sabe? Porque aqui é muito caro, né, Fernando?

Aqui é caro.

É, não dá para mim comprar, porque minha casa vale 140 pau, no mínimo.

140, né?

Aí já põe numa imobiliária, a imobiliária já vai tirar o dela ali.

Eu falei com as pessoas que pegaram para vender: “eu quero 135 mil na minha mão”. O resto eles sabem vender para tirar o deles. Me dando 135 mil eu vou trabalhar e saber

aonde eu vou comprar o apartamentinho bom, num lugar bom. Aqui em São Paulo não dá, mas pra lá dá.

Entendi.

Eu tenho que ficar por lá mesmo, porque aqui é muito caro. O zelador do prédio falou: “ah Nica, porque você não compra aqui, você dá uma entrada e vai pagando”. Mas eu não quero ficar mexendo com isso não, sabe, Fernando? Ficar pendurada... Eu quero quitar o que eu comprar, seja pequenininho, seja... Mas eu quitar, não ficar devendo nada para ninguém. Porque isso aí, depois que entra na Caixa, fica devendo... Ah, é um saco, os bancos rouba muito. Por isso que eu falo: “ladrão tem que roubar o banco, porque banco é o pior bandido.” Eu posso falar isso? Você está gravando isso?

Pode ficar tranqüila.

Porque banco rouba muito do povo, gente. A caixa cobra uns absurdos desses financiamentos que faz, viu? Eles têm muito dinheiro. Então, tem que ir lá e passar a mão. Ladrão às vezes entra em casa de pobre, para roubar um pobre. O coitado rala para comprar uma TV, um microondas, um sonzinho, põe lá, uma geladeira, os caras levam. É uma judiação. Vai lá, meu, vai lá, no banco, estoura essas caixas eletrônicos, e carrega, leva embora. Comigo não tem problema. Você não concorda comigo? Deixa a casa das pessoas em paz. Ou então vai nos políticos, que eles têm muito. Mas não é verdade? Deixa os pobres coitados.

Roubar nunca é bom, independente de quem seja.

Mas eles lá faz. Mas você sabe que os bandidos vão mesmo, né? Então, deixa os pobres coitados que tem pouquinho, ali em paz e vai pegar quem tem muito, né? Por exemplo, vai na casa de um político e passa a mão no que tem lá, eles tem o dobro em outro lugar para repor. E o pobre coitado que não tem nada para repor lá? Vai ficar sem televisão e sem microondas. Você não concorda comigo, Fernando?

Acho que não é por aí...

Eu sou meio bocuda, eu falo tanta besteira, mas é verdade isso aí. É assim, né? Mas Deus vai ajudar que eu vou conseguir arrumar minhas coisas direitinho. Então, é por isso, eu não vou mais para lá, não quero ir, meu coração não está pedindo também, eu

não quero deixar minha família, e também eu não vou ajudar ninguém porque eu não sou da família. A gente ajuda, ajuda, ajuda, ninguém agradece a gente não, sabe? Só despena a gente; quando a gente sai, não dá nada, não gratifica ninguém com nada. Você não tem direito, mas dá ao mesmo uma gratificação para a pessoa, né?

É.

A minha irmã saiu, não deu ela nada, sabe? Você acha que uma pessoa que salva um filho seu da morte não deve uma obrigação para aquela pessoa?

É complicado.

Eu já te falei isso?

Falou.

Tirei a filha dele já para cair lá embaixo, ainda quase que ela me leva junto. Eu arrastei para baixo, porque se eu puxasse pelo coisa podia me levar. Eu arrastei para o chão, porque diz que a gente tem que fazer isso, né? O zelador falou: “Nica, o dia que acontecer isso, você não faz isso mais não, que ela vai te levar junto”. Mas e se... Eu ia ficar com um remorso tão grande se isso tivesse acontecido, eu não ter feito nada. Deus me livre! A outra mulher que trabalha lá saiu correndo. Essa menina começou a quebrar tudo lá, ela saiu correndo “vai lá, Nica, que a menina tá quebrando tudo”. E eu: “na hora que eu remarcar o meu médico eu vou”. Quando eu cheguei lá ela já tinha destruído tudo da varandinha.

Nossa.

Aí eu juntei ela e joguei em cima da cama. Aí quando foi depois é que ela já estava passando a perna em cima do parapeito do prédio. Se ela desequilibrasse ela ia parar de 17 andares. Ia sobrar o quê dela? Eu acho que eu ficaria grata a uma pessoa dessa. Não tinha nada que eu fizesse para aquela pessoa que ia pagar o que aquela pessoa fez por mim. Entendeu?

Entendi.

Mas não, ninguém agradece nada não, essas pessoas ricas são assim, é fogo, viu, Fernando? É fogo que a gente tem que dar por eles, viu, porque senão a gente larga tudo

e vai embora. Aí eu falei: “eu vou ficando por aqui também, porque qualquer coisa, brigou comigo, eu junto minhas trouxas e vou para minha casa; não fico agüentando tanta humilhação dos outros, eu tenho um cantinho, ninguém vai me tirar de lá.

Exatamente.

Você entendeu? Fernando, eu tô falando demais, né?

Não, não, eu estou preocupado, sei que domingo à noite é seu horário de descanso.

Eu não ligo para isso não. Não, não esquentá com isso.

Eu fico sem graça, porque é teu horário de descanso.

Não, mas tá cedo ainda, agora é que vai dar 7 horas. Agora eu subo, não vou pegar a missa não, porque já começou faz tempo.

Você ia assistir a missa?

Não, eu já assisti, eu fui na igreja hoje, eu estou falando que eu não vou pegar porque já no meio, né? Agora eu vou subir, vou embora para casa.